ISSN: 1519-8782

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA

Rio de Janeiro, 29 de agosto a 02 de setembro de 2016

CADERNOS DO CNLF, VOL. XX, Nº 04

DIACRONIA E HISTÓRIA LINGUÍSTICA E FILOLÓGICA

RIO DE JANEIRO, 2016

UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA
RIO DE JANEIRO – RJ

REITOR

Arlindo Viana

DIRETOR ACADÊMICO

Eduardo Maluf

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Katia Cristina Montenegro Passos

PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO

Maria Beatriz Balena Duarte

DIRETOR DO *CAMPUS* TIJUCA

José Luiz Meletti de Oliveira

COORDENADORA DO CURSO DE LETRAS

Flávia Maria Farias da Cunha

COORDENADORA LOCAL DO XX CNLF

Graziela Borguignon Mota

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos
Boulevard 28 de Setembro, 397/603 – Vila Isabel – 20.551-185 – Rio de Janeiro – RJ
eventos@filologia.org.br – (21) 2569-0276 – http://www.filologia.org.br

DIRETOR-PRESIDENTE
José Pereira da Silva

VICE-DIRETOR
José Mario Botelho

PRIMEIRA SECRETÁRIA
Regina Céli Alves da Silva

SEGUNDA SECRETÁRIA
Eliana da Cunha Lopes

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES
Anne Caroline de Morais Santos

VICE-DIRETOR DE PUBLICAÇÕES
Naira de Almeida Velozo.

DIRETORA CULTURAL
Adriano de Souza Dias

VICE-DIRETOR CULTURAL
Agatha Nascimento dos Santos Dias

DIRETOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS
José Enildo Elias Bezerra

VICE-DIRETOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS
Dayhane Alves Escobar Ribeiro Paes

DIRETORA FINANCEIRA
Marilene Meira da Costa

VICE-DIRETORA FINANCEIRA
Maria Lúcia Mexias-Simon

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
de 29 de agosto a 02 de setembro de 2016

COORDENAÇÃO GERAL

José Pereira da Silva
José Mario Botelho
Adriano de Souza Dias
Agatha Nascimento dos Santos Dias

COMISSÃO ORGANIZADORA E EXECUTIVA

Anne Caroline de Morais Santos
Eliana da Cunha Lopes
Regina Céli Alves da Silva
Maria Lúcia Mexias-Simon
Marilene Meira da Costa
Naira de Almeida Velozo

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO DE APOIO

Anne Caroline de Morais Santos
Eliana da Cunha Lopes

COMISSÃO DE APOIO ESTRATÉGICO

Marilene Meira da Costa
José Mario Botelho

COORDENAÇÃO LOCAL

Anne Caroline de Morais Santos

SECRETARIA GERAL

Silvia Avelar Silva

APRESENTAÇÃO

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos tem o prazer de apresentar-lhe a primeira edição deste número 04 do volume XX dos *Cadernos do CNLF*, com os trabalhos relativos a diacronia e história linguística e filológica apresentados no II Congresso Internacional de Linguística e Filologia e XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia do dia 29 de agosto ao dia 02 de setembro deste ano de 2016, realizado no *Campus* Tijuca da Universidade Veiga de Almeida, com os cinco primeiros trabalhos completos entregues pelos autores de acordo com as normas do Congresso, totalizando 89 páginas.

Na história das locações deste Congresso, vale lembrar que ele nasceu em 1997, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (São Gonçalo – RJ). Sua segunda edição ocorreu na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – RJ) e, depois disso, quinze edições consecutivas foram realizadas no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – RJ). Por causa disso, muitos participantes frequentes deste Congresso já o consideravam um evento da UERJ, supondo que o CiFEFiL fosse um órgão ou setor daquela instituição.

Somente a partir de 2014 é que ele se realiza fora do âmbito das instituições públicas de ensino superior do Rio de Janeiro, com a adesão da Universidade Estácio de Sá, que gentilmente nos acolheu desde o início daquele ano, quando ali realizamos o VI Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, pelo que agradecemos penhoradamente.

Também em 2014 recomeçamos nossas atividades acadêmicas na Veiga de Almeida, com a IX Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, visto que foi aqui que começaram os primeiros eventos organizados pelo CiFEFiL, quando seu fundador, Emanuel Macedo Tavares era professor de Filologia Românica nesta instituição.

Esperamos retribuir agora, com um evento de alto nível, neste II CILF / XX CNLF, a boa acolhida que tivemos da Universidade Veiga de Almeida, neste retorno a nossas origens, depois de dezoito anos.

Dando continuidade ao trabalho dos anos anteriores, foram editados, simultaneamente, o livro de *Minicursos* e o livro de *Resumos* em três suportes, para conforto dos congressistas: em suporte virtual, na página do Congresso (http://www.filologia.org.br/xx_cnlf); em suporte digital, no *Almanaque CiFEFiL 2016* (DVD) e, no caso dos *Resumos, Programação, Minicursos* e *Ensaios Dispersos de Paulo de Tarso Galembeck*, também em suporte impresso.

Os congressistas inscritos nos minicursos recebem um exemplar impresso do livro de *Minicursos*, sendo possível também adquirir a versão digital, desde que pague pela segunda, que está no *Almanaque CiFEFiL 2016*.

O *Almanaque CiFEFiL 2016* já traz publicados, além dos referidos livros de *Minicursos, Resumos, Programação* e *Ensaios Dispersos de Paulo de Tarso Galembeck*, mais de textos completos deste XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, para que os congressistas interessados possam levar consigo a edição de seu texto, não precisando esperar até o final ano, além de toda a produção do CiFEFiL nos anos anteriores.

Haverá uma segunda edição das edições eletrônicas, que deverá sair a partir de dezembro, em que serão incluídos todos os trabalhos relativos aos temas desse número.

Agradecemos aos congressistas participantes e esperamos que esta publicação seja útil a todos os interessados nos temas que ela inclui para o progresso das ciências linguísticas, filológicas e literárias.

Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2016.

SUMÁRIO[1]

0. Apresentação – **5**
José Pereira da Silva

1. Indo-europeu: o caso da raiz "ag-" **9**
Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira

2. O caso da raiz 'men-': um estudo comparativo entre as línguas oriundas do indo-europeu **21**
Antonio Cilírio da Silva Neto e *Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira*

3. O hipotético 'yewes', o direito e o juramento no vocabulário das instituições indo-europeias **31**
Mauro Barroso Andrés e *Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveir*

4. O português arcaico: história interna **38**
Paulo José Tente da Rocha Santos Osório

5. Uma perspectiva sociolinguística no estudo diacrônico da língua em matérias jornalísticas de Rondônia **69**
Danielle Constantino de Lima e *Odete Burgeile*

6. Estudo filológico e comparativo de cartas régias setecentistas 90
Kênia Maria Correa da Silva e Elias Alves de Andrade

[1] Este sumário será repetido ao final do volume, onde será incluído o sumário completo da segunda edição, em que serão acrescentados os trabalhos que não foram publicados na primeira.

INDO-EUROPEU: O CASO DA RAIZ "*AG-*"

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)
luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

O indo-europeu é uma protolíngua, isto é, uma língua teoricamente reconstituída a partir de documentos que apontam para a existência de uma origem comum para muitas das línguas faladas hodiernamente. Ao descobrir o sânscrito e constatar a proximidade dessa língua com o latim e com o grego, William Jones (1786) inaugurou a tendência comparatista dos estudos linguísticos que reuniu diferentes pesquisadores ao longo de todo o século XIX. Este texto mostra a produtividade da raiz "*ag-*" nas línguas derivadas do indo-europeu, tanto latinas quanto germânicas; sendo seu objetivo a sugestão de passeios semântico-lexicológicos, muito úteis para digressões e divagações linguístico-diacrônicas. O estudo, de natureza metodológica comparativo-diacrônica, dirige-se para a criação de um dicionário etimológico indo-europeu para a língua portuguesa, por meio da comparação das línguas europeias oriundas desta protolíngua. O referencial teórico principal está calcado nos pressupostos filosófico-linguísticos de Henrique Graciano Murachco e de Michel Casevitz, nos pressupostos filosófico-hermenêuticos de Paul Ricouer e nos estudos sobre lexicologia e lexicografia de Madalena Teixeira e de Maria da Graça Krieger; visando, ainda, à interdisciplinaridade, já que congregará diversas áreas, como a filologia, as letras clássicas, a filosofia da linguagem, o ensino de língua materna, a lexicologia e a lexicografia.

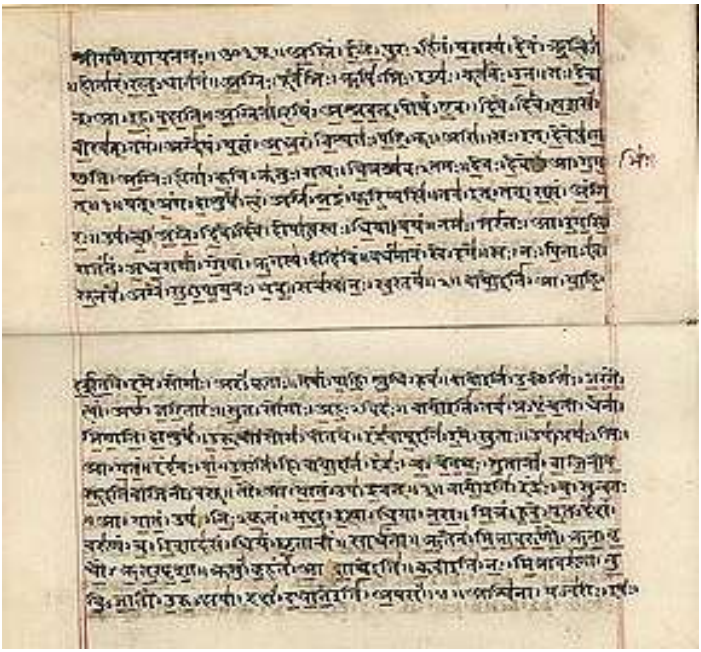
Palavras-chave:
Indo-europeu. Letras clássicas. Diacronia. Ensino de língua portuguesa.

1. Introdução

A raiz '*ag-'* é realmente profícua nas línguas oriundas do indo-europeu, desde o seu sentido primordial – "conduzir", até sentidos mais recentes, como "ação", "atualidade", "agilidade", "marcha", "embaixador", "agarrar", dentre outros. Neste estudo, indicaremos vários de seus sentidos antigos e hodiernos, almejando um mergulho pancrônico no vocabulário procedente da língua que deu origem às línguas da Europa.

Inicialmente, tracemos algumas linhas sobre o indo-europeu: é uma protolíngua, isto é, uma língua teoricamente reconstituída a partir de documentos que apontam para a existência de uma origem comum para a diversidade de línguas faladas em grande parte do mundo. Ao descobrir o sânscrito e constatar a proximidade dessa língua com o latim e o grego, William Jones (1786) inaugura a tendência comparatista dos estudos linguísticos que reunirá diferentes pesquisadores ao longo de todo o século XIX.

Agora, como exemplo ilustrativo de uma dessas línguas antigas, reproduzimos abaixo um documento escrito em um dialeto do sânscrito (desenvolvimento do ramo Índico, ramificação básica do tronco Indo-Irânico), o '*devanágari'*, salientando que as línguas oriundas do indo-europeu apresentam várias grafias, como é o caso das línguas indianas. O texto de nosso exemplo se trata de uma passagem do *Rigveda*[2], livro sagrado dos hindus. O texto é escrito e deve ser lido da direita para a esquerda.



As pesquisas comparatistas inauguraram, dentre outros conhecimentos, a noção de famílias linguísticas, organizadas em árvores; fornecendo, ainda, elementos para pensar na hipótese de que todas as línguas tivessem tido uma origem comum.

---

[2] Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/02/Rigveda_MS2097.jpg/300px-Rigveda_MS2097.jpg>.

2. *A raiz 'ag-'*

Mergulhemos, agora, nos vocábulos de algumas línguas antigas que têm a raiz '*ag-'* como base para suas construções, citando o seu verbete no *Diccionario Etimológico Indoeuropeo de la Lengua Española*. Nesse verbete, Edward A. Roberts e Bárbara Pastor indicam as seguintes manifestações:

- sânscrito: *ájati*: 'ele conduz', *ajirá-*: 'ágil';
- avéstico: *azaite*: 'ele conduz';
- armênio: *acem*: 'eu conduzo';
- irlandês antigo: *ad-aig*: 'leva até', *āin*: 'movimento', 'partida';
- galês antigo: *agit*: 'levar';
- osco: *acum*: 'llevar';
- nórdico antigo: *aka*: 'llevar';
- tocário AB: *āk-*: 'sulco';
- provável hitita: *aggala-*: 'sulco'
- grego: *ἄγω*: 'conduzir', 'guiar';
- latino: *agō*: 'fazer', 'atuar', 'conduzir'.

Dentre essas formas, as mais produtivas para as línguas neolatinas são as que originaram as formas cognatas gregas e latinas. Da forma grega '*αγ-'*, podemos destacar as seguintes palavras:

- *ἄγ-ω*: "conduzir; "passar o tempo/a vida"; "ir";
- *ἀγ-έλη*: "grande rebanho";
- *ἀγ-υιά*: "rua", "caminho";
- *ἀγ-ών*: "assembleia para assistir a jogos"; "concurso"; "luta";
- *ἀγ-ώνιος*: "relativo aos jogos"; "relativo às lutas";
- *ἀγ-ωνία*: "angústia";
- *ἀγ-ωνίζομαι*: "concorrer", "lutar";
- *ἀγ-ώνισμα*: "luta", "objeto da luta"; "aposta da luta";
- *ἀγ-ωνισμός*: "luta ativa";
- *ἀγ-ωνοθέτης*: "organizador dos jogos públicos";

- *ἀν-άγ-ω*: “conduzir no mar”;
- *ἐπ-άγ-ω*: “conduzir”;
- *ἐπ-ακτός*: “adicionar”;
- *κατ-άγω*: “fazer descer do cavalo, do carro, do barco”;
- *κατ-αγώγιον*: “hotel”;
- *συν-άγω*: “reunir”;
- *συν-αγωγή*: “assembleia”; “assembleia religiosa entre os judeus”;
- *σύν-αξις*: “assembleia religiosa dos primeiros cristãos”;
- *παιδ-αγωγός*: “escravo encarregado de conduzir a criança”; latino: “*paedagogus*”; “pedagogo”;
- *δημ-αγωγός*: “demagogo” (aquele que conduz o povo);
- *ἄξιος*, por *ἀγ-τιος*: “digno”, “que vale”;
- *ἀξιόω*: “julgar digno”; “estimar”;
- *ἀξίωμα*: “estimativa”; “axioma”.

Da forma latina *‘ag-’*, destaquemos os seguintes vocábulos:

- *ago*: “colocar em movimento”; “fazer avançar”; “conduzir”; “perseguir”; “fazer” (expressão de atividade); “ocupar-se de uma coisa”; “obter um resultado”; “exprimir pelo movimento/pelas palavras”; “passar a vida/o tempo”;
- *agogæ*: “condutos dispostos nas minas para o escoamento das águas”;
- *agoge*: “sequência de sons na música”;
- *agon*: “luta nos jogos públicos”;
- *agonalis*: “relativo aos jogos”;
- *agonia*: “vítima sagrada”;
- *agonicus*: “que tem relação com os jogos”;
- *agonista*: “atleta”;
- *agonistarcha*: “presidente dos jogos”;
- *agonisticus*: “relativo aos jogos”;
- *agonitheta* / *agonotheta*: “presidente dos jogos”;
- *agonium*: “dia onde o rei imolava a vítima”;
- *agonizo*: “combater”;

- *agonothesia*: "função do presidente dos jogos";
- *agonotheticus*: "que pertence aos jogos".

Pelo grego, temos as seguintes palavras espanholas:

- *agogía*: "conduto de saída das águas de uma mina";
- *agonia*: "luta";
- *anagogía*: "interpretação mística das Sagradas Escrituras;
- *antagonista* / protagonista;
- *colagogo*: "que separa maior quantidade de bílis";
- *demagogia*: "dominação tirânica";
- *emenagogo*;
- *epactas*: "dias introduzidos ou intercalados";
- *epactilla*: "espécie de calendário para os eclesiásticos, que assinala a ordem e o rito da reza";
- *estratagema*;
- *estrategia*;
- *hipnagógico*: "transtorno relacionados aos sonhos";
- *isagoge*: "introdução";
- *metagoge*: "translação de vozes de seres animados a seres inanimados";
- *mistagogia*: "iniciação nos mistérios";
- *mistagogo*: "sacerdote gentil que iniciava nos mistérios";
- *paragoge*: "acréscimo de uma letra no final de uma palavra";
- *pedagogo*;
- *pedante*;
- *sialagogo*: "que estimula a secreção de saliva";
- *sinagoga*: "congregação religiosa dos judeus".

Já pela raiz *'ag-'*, do latim, temos os seguintes vocábulos espanhóis:

• *acción, acta, acto*; • *activo, actividade, actor*; • *actuaria*: "nave ligeira usada pelos antigos romanos"; • *actuario*: "escrivão"; • *actuoso*: "ativo", "diligente"; • *agenda* [part. fut. pass.]: "coisas que serão feitas"; • *agente;* • *ágil;* • *agir;* • *agitar;* • *agolar*: "manter junto o gado", "amainar"; • *abigeo*: "ladrão de gado"; • *abigeato*: "furto de gado"; • *ambages*: "rodeio"; • *coacción*;	• *coagular;* • *cuajar*: "solidificar-se"; • *cuita*: "aflição"; • *ensayo;* • *ensayar;* • *examen;* • *exigir;* • *exiguo;* • *expurgar;* • *fumigar;* • *fustigar;* • *litigar;* • *navegar;* • *prodigar*: "empurrar para frente"; • *purgar*; • *remar*; • *remiche*: "fileira de remos".

A raiz indo-europeia também pode aparecer, em espanhol, com sufixos: *'*ag-ro-'* ("levar", "agarrar") ou *'ag-ti-'* ("considerar") ou *'ag-men-'* ("marcha do exército") ou *'ag-to'*. Da primeira composição, temos *pelagra* ("enfermidade crônica"), *podagra* ("gota nos pés") e *quiragra* ("gota nas mãos"); da segunda, temos *axioma* ("o que é estimado como justo"), *axiometro* ("instrumento para se conhecer a direção do timão"), *cronaxia* ("intervalo de tempo durante o qual uma corrente elétrica deve estimular um músculo"); da terceira, *agminado* ("elementos cutâneos anormais") e *enjambre* ("conjunto de abelhas"); e da quarta e última, *embajador* e *embajada*.

No tocante ao português, a raiz indo-europeia também é muito produtiva, como vemos nos exemplos listados abaixo:

a) exemplos oriundos da forma grega da raiz:

• agonia; • agoniadamente; • agoniado; • agoniar; • agônico; • agonista; • agonístico; • agonizante; • agonizar; • ágora;	• deuteragonista; • colagogo; • demagogia; • emenagogo; • epacta; • estratagema; • estratégia; • isagoge; • metagoge; • mistagogia;

• agorafobia; • agorafóbico; • agorentador; • agorentar; • antagonista; • protagonista;	• mistagogo; • paragoge; • pedagogo; • sialagogo; • antissialagogo; • sinagoga.

b) exemplos oriundos da forma latina da raiz:

• ação; • ata; • ativo; • atividade; • ator; • actuário; • actuoso; • agenda; • agente; • ágil; • agir; • agitar; • abígeo; • abigeato; • ambíguo;	• castigar; • coação; • coagular; • ensaio; • ensaiar; • exato; • exame; • exigir; • expurgar; • fustigar; • litigar; • navegar; • prodigar; • purgar; • transação; • transigir.

Como no espanhol, a raiz indo-europeia também aparece no português com sufixos:

• pelagra; • podagra; • quiragra; • axioma; • axiomático; • axiologia;	• axiômetro; • cronaxia; • agminado; • enxame; • embaixador; • embaixatriz; • embaixada.

No francês, a raiz também é produtiva:

• acte; • acteur/actrice; • actif; • active; • action; • actionnaire;	• agissant; • agissante; • agissements; • agitateur/agitatrice; • agitation; • agité;

• actionner; • actionnement; • activement; • activer; • activisme; • activité; • agile; • agilement; • agios; • agir;	• agitée; • agiter; • agonie; • agonir; • agoniser; • agoraphobie; • antagonisme; • antagonique; • antagoniste; • protagoniste.

Do romeno, citemos as seguintes palavras:

• actiuna; • actiune; • agenda; • agente; • agentură; • agentie; • ager; • ageri; • agerime; • agesti; • agestri; • agonie;	• agonisealǎ; • agonisi; • agonisire; • agonisită; • agonistie; • agoniza; • agonizant; • agora; • agorafobie; • antagonie; • antagonismo; • antagonista; • protagonista.

Do italiano, podemos destacar os seguintes vocábulos:

• acta; • agazzare; • agèma; • agenda; • agente; • agenzare; • agenzi; • agètore; • agitante; • agitare; • ago; • agóne; • agòni; • agonia; • agònica; • agonionèuro; • agonismo;	• agonòdico; • agonografic; • agonotesia; • agonotèta; • àgora; • agorafobia; • agorànomo; • agorata; • agorato. • agorotóia; • agorèta; • antagonisme; • antagonista; • antagonístico; • attivo; • attivazióne; • attivare;

• agonista; • agonistarca; • agonisti; • agonìstica; • agonìstico; • agonizzare;	• attivizzare; • attività; • atto; • attore; • attivismo; • attivista; • attivistico.

O inglês também contém várias palavras com a raiz (a maioria vinda do latim; e somente algumas, diretamente do grego). Destaquemos as seguintes:

• act; • action; • actionable; • activate; • activation; • active; • activism; • activity; • actor/actress; • acts; • agency; • agenda; • agendum • agente;	• agential; • ago; • agone; • agonic; • agonist; • agonistic; • agonize; • agony; • agora; • agoraphobia; • antagonismo; • antagonista; • antagonize; • deuteragonist; • protagonista.

Do alemão destacamos algumas palavras com a raiz '*ag-*':

• agieren; • Agio;	• Agiotage; • Agitation.

3. Considerações finais

O indo-europeu é, de fato, uma protolíngua hipotética e, com isso, não podemos transformar declarações e afirmações como as nossas, deste artigo, em axiomas ou em verdades absolutas; porém, o trabalho hipotético comparativo, em situações como as de protolínguas, é necessário, rico e profícuo, pois permite passeios semânticos muito úteis nas digressões e divagações linguístico-diacrônicas, principalmente para o professor de nossa língua materna, tão carente de turnês linguísticas em relação ao léxico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. São Paulo: Global, 2011.

BENVENISTE, Émile. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*: économie, parenté, société. Paris: Les Editions de Minuit, 1969.

_____. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*: pouvoir, droit, religion. Paris: Les Editions de Minuit, 1969.

BRITO, Ana Maria et al. *Gramática comparativa Houaiss*: quatro línguas românicas. São Paulo: Publifolha, 2010.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário da linguística e gramática*: referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1985.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos. (Orgs.). *Dicionários escolares*: políticas públicas, formas & usos. São Paulo: Parábola, 2011.

CASEVITZ, Michel. *Le vocabulaire de la colonisation en grec ancien*: étude lexicologique: les familles de κτίζω et de οἰκέω - οἰκίζω. Paris: Klincksieck, 1985.

_____. Philologica varia I-II. *Revue de philologie, de littérature et d'histoire anciennes,* tome LXXVI, p. 225-231, 2002/2.

COQUET, Jean-Claude. *A busca do sentido.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana.* Madrid: Gredos, 1987.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CURTIUS, Georg. *Griechischen Etymologie.* Leipzig: Teubner, 1869.

DIEZ, Fernando López-Menchero. *A tentative syntax of Modern Indoeuropean.* [Manuscrito].

FONTINHA, Rodrigo. *Novo dicionário etimológico da língua portuguesa*. Porto: Domingos Barreira, [s.d.].

FONTOYNONT, Victor. *Vocabulaire grec commentè et sur textes*. Paris: Picard, 1958.

GAFFIOT, Felix. *Dictionnaire illustré latin-français.* Paris: Hachette, 1934.

HAUDRY, Jean. *L'Indo-Européen.* Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

JANSON, Tore. *A história das línguas: uma introdução.* São Paulo: Parábola, 2015.

KRIEGER, Maria da Graça. A obra e o fazer dicionarísticos. *Cadernos do IL*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jun. 1993, n. 10, p. 9 – 16.

_____. Por que lexicografia e terminologia: relações textuais. In: *Anais do CELSUL*, 2008.

LÓPEZ-MENCHEREO, Fernando. *Proto-Indo-European Etymological Dictionary*. Disponível em: <http://dnghu.org>.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de gramática da língua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1976.

MARTIN, Fernand. *Les mots grecs*. Paris: Hachette, 1985.

MASIP, Vicente. *Gramática histórica portuguesa e espanhola*: um estudo sintético e contrastivo. São Paulo: EPU, 2003.

MURACHCO, Henrique. *Língua grega*: visão semântica, lógica, orgânica e funcional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: INL, 1966.

Os indo-europeus. Disponível em: <http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0634>.

PIMENTEL, Cristina de Sousa; PENA, Abel Nascimento. *Latim*: textos – iniciação. Lisboa: Colibri, 1994.

POKORNY, Julius. *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch.* München: Francke Verlag, 1959.

REIS, Maria Fernanda de Moura. *O dicionário para escolas primárias de Ludwig Wittgenstein e a virada linguística*. 2010. Dissertação (de

Mestrado). – Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo, São Paulo.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ROBERTS, Edward A.; PASTOR, Bárbara. *Diccionario etimológico indoeuropeo de la lengua española.* Madrid: Alianza, 1997.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário de latim/português.* Porto: Domingos Barreira, [s.d.].

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Por trás das palavras*: manual de etimologia do português. São Paulo: Globo, 2004.

XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. (Orgs.). *Dicionários na teoria e na prática*: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola, 2011.

O CASO DA RAIZ '*MEN*-': UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS LÍNGUAS ORIUNDAS DO INDO-EUROPEU

Antonio Cilírio da Silva Neto (UFT)
acilirio@bol.com.br
Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)
luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

A raiz '*men*-' tem uma produtividade lexical ímpar dentre as línguas que surgiram do indo-europeu; desde as mais remotas, como o sânscrito, o avéstico e o persa, até as modernas e contemporâneas, como o espanhol, o português e o alemão; sendo produtiva no seu grau zero, ou com prefixos e sufixos. O seu significado básico em português é 'pensar', com derivações semânticas em relação a outros estados da mente. Neste trabalho, além de apontarmos suas ocorrências em várias línguas oriundas da protolíngua, procuramos mostrar a sua proficuidade metonímica e metafórica.

Palavras-chave: Indo-europeu. Diacronia. Raiz *'men-'*.

1. Considerações iniciais

O indo-europeu é, convencionalmente, um idioma primitivo com unidade comum, em vista do parentesco observado entre as línguas da Ásia e da Europa e suas derivadas. "A esse tronco linguístico pertenceu o ramo itálico, que teve como línguas o *osco, o úmbrio e o latim*. Deste último vão se originar todas as línguas românicas, dentre elas o português". (SILVA, 2010, p. 18)

Neste trabalho, tem-se a intenção de pesquisar diacronicamente a raiz '*men*-' na acepção de 'pensar', para isso foram adotados o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (2000), o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (2011) e o *Diccionario Etimológico Indoeuropeo de la Lengua Española* (1997), como *corpus* básico. A escolha deste estudo se deu por se considerar o caráter sistemático que a língua apresenta, principalmente no tocante à etimologia; dessa maneira, contrasta-se com outras obras do mesmo gênero, metodologicamente pretende-se investigar o caso da raiz *men*- com o sentido de 'pensar' e seus derivados que se referem aos estados da mente.

2. *Critérios de classificação das línguas*

Para José Pereira da Silva (2010), a linguística distribui as línguas em quatro famílias, sendo que esta classificação adota quatro critérios:

a) *o geográfico*, que agrupa as línguas pelas regiões do globo nas quais elas são faladas, esse critério não tem valor científico, em face das migrações e dos entrelaçamentos entre os povos;

b) *o etnológico*, que distribui as línguas pelas raças que as falam; não coincidindo, também, com as raças, como no critério anterior;

c) *o morfológico*, que toma como base a estrutura de seus vocábulos; e, segundo esse critério, as línguas se classificam em:

   1º) monossilábicas, isolantes ou radicais, em que as palavras são monossílabos isolados e inalteráveis, chamados de raízes; para muitos linguistas essas são o ponto de partida para todas as demais línguas, são exemplos de línguas monossilábicas o chinês, o siamês e o anamita;

   2º) aglutinantes ou aglomerantes, nesta os radicais se aglomeram sem se fundir completamente, para formar termos compostos que exprimam relações diferentes, não há declinações ou conjugações, as partículas combinam com as palavras; como exemplo, temos o tupi-guarani, o húngaro, o turco, o japonês e o coreano;

   3º) flexivas ou orgânicas em que as palavras sofrem modificações em gênero, número, grau, tempo, pessoa e modo, ou funções sintáticas; essas flexões ocorrem no final das palavras, com gato/gatos ou na parte interna como em faz/ fez /fiz; neste caso chamamos de inflexões, cerca de um bilhão de pessoas praticam esse tipo de língua, todas as línguas indo-europeias são flexivas; e,

d) *o genealógico* que reúne as línguas segundo o grau de parentesco entre si, este é considerado o mais científico e racional. Foi pelo critério genealógico da classificação das línguas que se chegou à existência da unidade linguística indo-europeia, ou do indo-europeu. (SILVA, 2010, p. 16-17)

3. *O estudo da raiz 'men-': a parte diacrônica do indo-europeu*

Para Joaquim Matoso Câmara Jr. (2001), no que toca ao estudo da raiz como parte básica da estrutura das palavras e da parte diacrônica do

indo-europeu, as raízes indo-europeias originárias se esvaíram e incorporaram elementos mórficos distintos; por exemplo, a palavra *comer* já não tem a raiz indo-europeia '*-ed',* que ainda aparece no latim *comedere*. Sincronicamente, no português, a raiz de *comer* é '*com-*' que corresponde diacronicamente a um prefixo latino.

Sabe-se, também, que a significação das palavras não se apresenta de maneira satisfatória e simples; porém, o grafito[3] da complexidade da linguagem humana resulta em uma tarefa fascinante em relação às ideias contidas e levadas pelas palavras, originando a beleza e a riqueza do léxico (*cf.* OLIVEIRA, 2015). Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, no livro "Cattus, Feles et Pinguis: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas[4], de 2015, traz-nos a seguinte metáfora:

> Os felinos têm sete vidas; as palavras, também – vidas ortográficas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e etimológicas (também semióticas e/ou intertextuais). Dessa forma, as palavras são como gatos: amigas, às vezes; rebeldes e individualistas, noutras vezes, mas sempre cheias de intenções; além disso, como os gatos, e, também como os felinos, são seduzidas e possuídas somente a distância, como salientou Merleau-Ponty (1980, p. 145), as palavras são 'atraídas, visitadas a distância pelo pensamento, como as marés pela lua'. (OLIVEIRA, 2015, p. 07-08)

Destarte, nessa obra, o autor espera que realmente visitemos as palavras, sendo atraídos por elas com prazer, e que estas nos possibilitem a atração, a visita a distância, e a posse das intenções e das vidas dos vocábulos.

Sabe-se que, na estrutura das palavras, os morfemas são os seus componentes formais; classificando-se em raiz, radical, tema, vogal temática, afixos e desinências. Conforme Amini Boainain Hauy (2014, p. 475), "a palavra, que se considera a menor unidade da frase, decompõe-se, sob o aspecto fonético e fonológico, em fonemas; sob o aspecto morfológico, em morfemas". Já os morfemas, como elementos estruturais que não se decompõem e como unidades mínimas de significação, não admitem a subdivisão em unidades significativas menores. Nesse estudo,

---

[3] O vocábulo '<u>grafitto</u>' foi forjado em 1789 pelo mineralogista alemão A. G. Werner (1750-1817), que denominou o mineral *'Graphit'* em alusão ao seu emprego como lápis (*Graf(o*) – escrever, descrever, desenhar). *Grafite* – variedade de carbono cor-de-chumbo de que se faz a parte do lápis usada na escrita (inscrição, estudo, descrição...) (CUNHA, 2000).

[4] Cattus, feles et pinguis: Gatos, Felinos e Intenções? (OLIVEIRA, 2015 - Tradução de Antonio Cilírio).

o que mais nos interessa neste momento será o estudo da raiz, especificamente o estudo do caso da raiz indo-europeia '*men*-'.

Nesse caso, cabe ressaltar que, no estudo da raiz '*men*-', será necessário ter a noção de que essa tem um conceito histórico ou diacrônico, uma vez que ela só pode ser deduzida da comparação entre palavras pertencentes a várias línguas indo-europeias, assim como, o estudo de todas as raízes.

Para Amini Boainain Hauy, o estudo das raízes não pertence "ao domínio da gramática expositiva e/ou normativa; é objeto de exaustiva pesquisa etimológica, no domínio da gramática histórica e comparativa" (HAUY, 2014, p. 475). Essa autora cita, por exemplo, o caso da raiz '*id-*', provavelmente indo-europeia e identificada pelo método histórico-comparativo: *id (=his), leuk, groye, yeug* e *ow*, respectivamente em *historicamente, luz, viver, desconjuntado e ovo*.

Com a evolução que as línguas indo-europeias sofreram ao longo dos tempos, faz-se profícua uma investigação das raízes desse tronco linguístico; em razão disso, necessita-se de conhecimentos profundos e especializados. Hoje, esse estudo é feito, inicialmente, a partir do radical, e, em muitos estudos, ocorre também a análise mórfica sincrônica das palavras. O radical, também chamado de morfema lexical, sob o aspecto sincrônico é o verdadeiro núcleo da palavra, quanto à forma, à ideia e à significação. Aqui, nesse momento, não interessa esse estudo, por razões de objetividade e de extensão dos afazeres.

De acordo com a sociolinguística e com a linguística histórica, as línguas não param de mudar (processo diacrônico) ou de variar (processo sincrônico). Assim, as palavras e a língua mudam quando fenômenos deixam de coexistir, com uma das formas ficando no passado; e variam, quando as formas coexistem sincronicamente, dentro de um sistema em que as duas, ou três, ou quatro, são operantes e produtivas. (OLIVEIRA, 2015, p. 13)

Diante disso, segundo Antônio Geraldo da Cunha et al., 2000), a etimologia é o estudo da origem, das raízes básicas e primeiras; e, quando se investiga a origem dos vocábulos, por sua etimologia, sabe-se a ortografia e, pela boa ortografia, a etimologia - já diziam os grandes escritores da língua.

4. Estudo da origem, o princípio da raiz "men-": acepção de pensar

Neste excerto do trabalho, indicaremos algumas das várias manifestações dessa raiz nas línguas antigas e nas modernas; salientando que todas elas advêm do sentido básico, ou seja, da acepção de pensar, ou de sentidos derivados e associados aos estados da mente.

- sâncrito - *mányaté*: "ele pensa";
- avéstico - *mainyeite, mazdá*: "memória";
- persa antigo - *mainyãhay*: "estar fora de si";
- albanês - *mund*: "vencer", "poder";
- galés - *mynnu*: "querer";
- islandês antigo - *munda*: "ambicionar";
- alto alemão antigo - *muntar*: "solícito", "aplicado";
- lituano - *mañdras*: "vivo", "pronto";
- irlandês antigo - *do-moiniur*: "pensar".

4.1. *Grado* cero '**mn-*'

a) com sufixo 'mn-to-*'**

- grego – αὐτόματος: "que se move por si mesmo";
- francês – *automate*;
- português – autômato; automático.

b) com sufixo 'mn-yo-*'**

- inglês – *ahriman*: "o espírito do mal";
- avéstico – *mainyu:* "espírito".

c) *com sufixo '*mn-ti-'*

- latim – *mens*: "mente";

- português – mente, demente (preposição *de*);
- latim – *mentecaptus*: “impedido de pensamentos”;
- português – mentecapto;
- português – veemente (prefixo *ve*, de sentido pejorativo; cp. sânscrito – *váhamãnah*): “de mente impulsiva, violenta”;
- latim – *mentiō*: “mencionar”;
- português – mencionar; menção: “gesto que mostra uma intenção”;
- latim – *mentior:* “mentir”;
- português – mentir, fementido (latim *fides:* confiança).

4.2. Grado pleno **men-*

- sânscrito – *mantrah*: “conselho”, “oração”, “hino”;
- sânscrito – *mantrinah*: “conselheiro”, “ministro de Estado”.

a) Forma reduplicada

- latim[1] – *memini*: “concordar”;
- *memento*: “cada uma das partes da missa”;
- latim[2] – *conmíniscor*: “imaginar”, “tramar”.
- latim[3] – *reminiscor*: “recordar”;
- português – reminiscência (“lembrança vaga”; “recordação”);
- grego – μανία**: “**loucura”;
- português – mania; maníaco; acromania; cleptomaníaco; dipsomania; manicômio;

4.3. Com vocalismo o *mon-

a) Com sufixo **mon-eyo-*

- latim – *moneõ:* "fazer pensar"; "recordar";
- português – admoestar **–** indiretamente do latim *admoneõ*, talvez por influxo de *molestare:* "molestar", que talvez se cruzou com *admonere* na linguagem humorístico de clérigos e estudantes, com alusão ao caráter modesto das *amonestaciones;*
- português – moeda **(**latim – moneta**:** sobrenome da deusa Juno (equivale a Hera na mitologia grega), correspondente à sua função (ao lado do seu templo a moeda foi cunhada);
- português – mostrar ("fazer ver"; "marcar").

b) Com vocalismo o e sufixo *mon-twa-

- grego – μούσα: "musa", "uma das deidades filhas de Júpiter e Mnemosine, que presidia as ciências e as artes liberais";
- português – musa**;**
- português **–** museu ("lugar dedicado às musas");
- português – músico**;** música.

5. Sentidos atuais das palavras originadas da raiz 'men-'

Arrolamos, agora, conforme visto acima, as palavras em português que se originaram da raiz '*men-*', com seus significados atuais. Para tanto, usamos o dicionário organizado por Francisco da Silva Borba, *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, e o dicionário organizado por Antônio Geraldo da Cunha e assistentes, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Seguem, então, esses vocábulos:

- **pensar** *vb.* **–** refletir, meditar, raciocinar, cuidar, tratar, curar;
- **autômato** *gr. sm.* **– automático** *fr. adj.* **–** do grego *auto-* "de si mesmo, por si mesmo, espontaneamente"; inconsciente, programado, sem vontade própria;
- **Mênades** *sf.* **–** sacerdotisas de Baco, bacantes, ninfas campestres que participavam das festas de Baco;

- **mente** *sf.* **–** intelecto, alma, espírito, tinha acepção de reparar, observar / **demente** *adj.* **–** louco, dementado;
- **mentecapto** *sm., adj***. –** privado de inteligência, insensato, imbecil;
- **veemente** *adj.* **–** vigoroso, impetuoso, arrojado;
- **menção** *sf.* – referência, registro;
- **mentir** *vt. vi.* **–** faltar com a verdade, iludir, imaginar, inventar / **fementido** *adj. sm.* – perjuro, falso;
- **mandarim** *sm.* – alto funcionário público, conselheiro, ministro;
- **memento** *sm.* – preces rezadas no cânon da missa, marca destinada a lembrar qualquer coisa, lembra-te, lembrar-se com redobro;
- **comentar** *vb.* – explicar, interpretando e/ou anotando, falar maliciosamente sobre, imaginar;
- **reminiscência** *sf.* – aquilo que se conserva na memória, lembrança;
- **mania** *sf.* – doença causada por um estado de excitação, que pode alternar um estado de melancolia, *figurativo*: excentricidade, esquisitice; *grego:* loucura, demência;
- **maníaco** *sm.* – louco, obcecado, obstinado;
- **acromania** *sf.* – loucura incurável que se caracteriza por grande atividade motora, fúria intensa;
- **cleptomania** *sf.***– clepto – roubar,** compulsão mórbida para o furto;
- **dipsomania** *sf.* ***dípsa* – sede**, impulso mórbido e periódico que leva a pessoa a ingerir grande porção de bebida alcoólica, alcoolismo;
- **manicômio** *sm.* – hospital de alienados mentais, de *mani(aco)* + *-comio*, hospício, do grego: *koméo*: eu curo;
- **necromancia** *sf.* **– necr(o): morto, cadáver;** suposta arte de adivinhar o futuro invocando os mortos;

- **admoestar – molestar** *vb.* – afetar, maltratar, magoar;
- **moeda** *sf.*;
- **mostrar** *vb.* – expor à vista, indicar;
- **demostrar, demonstrar** *vb.* – provar, tornar patente, ensinar;
- **monumento** *sm.* - edifício majestoso, mausoléu, obra notável;
- **musa** *sf.* – divindade, tudo que pode inspirar um poeta;
- **museu** *sm.* – templo das musas, lugar para reunião e exposição de obras de arte, de peças e coleções científicas, ou de objetos antigos etc.;
- **musga, música** *sf.* – arte e ciência de combinar os sons de modo agradável aos ouvidos, qualquer composição musical, arte das musas;
- **morganático** *adj.* – diz-se do casamento contraído por príncipe com mulher de condição inferior.

6. Consideração final

Neste trabalho, a intenção predominante foi a de pesquisar diacronicamente a raiz '*men*-' na acepção de "pensar". Dessa forma, foram visitadas as palavras que apresentam a raiz, ou que são dela derivadas. Há, deveras, muito trabalho a ser feito; além disso, parece imprescindível o contraste com outras línguas românicas, e também com outros grupos (troncos).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva et al. *Dicionário UNESP do português contemporâneo.* Curitiba: Piá, 2011.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*: referente à língua portuguesa. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. et al. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. 13. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

FREITAS, Érica Santos Soares de. O sufixo -mento sob uma perspectiva diacrônica. In: VIARO, Mário Eduardo. (Org.). *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez, 2014.

HAUY, Amini Boainain. *Gramática da língua portuguesa padrão*: com comentários e exemplários. São Paulo: Edusp, 2014.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. *Cattus, feles et pinguis*: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas**.** João Pessoa: Ideia, 2015.

ROBERTS, Edward A.; PASTOR, Bárbara. *Diccionario etimológico indoeuropeo de la lengua española.* Madrid: Alianza, 1997.

SILVA, José Pereira da. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro-RJ: O Autor, 2010.

O HIPOTÉTICO 'YEWES', O DIREITO E O JURAMENTO NO VOCABULÁRIO DAS INSTITUIÇÕES INDO-EUROPEIAS

Mauro Barroso Andrés (ITPAC)
maurobandres@yahoo.com.br
Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)
luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

O vocábulo hipotético 'yewes' (lei) é encontrado no sânscrito ('yōhḷ'), no latim ('iūs'), no avéstico ('yaoš'), no irlandês antigo ('huisse') e em outras línguas derivadas do indo-europeu. Sua compreensão latina mais comum envolve dois semas portugueses: lei, em sua forma substantiva ('iūs'); e jurar, em sua forma verbal derivada ('iurāre'). No universo romano foi empregada junto com o verbo 'dico' ('ius dicere' – entendida como fórmula de conformidade), e com a fórmula 'ius iurandum' (tradução literal – fórmula para formular). Trata-se, assim, de um estudo diacrônico e comparativo, almejando um passeio pelo léxico jurídico derivado do indo-europeu.

Palavras-chave: Indo-europeu; lexicologia; discurso jurídico.

Conhecer as origens e significados primeiros de uma palavra pode, em um primeiro momento, parecer apenas uma satisfação de curiosidade pessoal, sem que haja aí maior importância para a sociedade. Contudo, esta é uma visão superficial e distorcida da realidade: as palavras traduzem e registram todo o conhecimento humano, e apenas a partir delas é que nos distinguimos fortemente dos demais animais.

A comunicação é algo fantástico, tanto que, quanto mais desenvolvemos mecanismos e ambientes hábeis para dinamizá-la, mais rápida e eficientemente avançamos e mais dependentes nos tornamos de tais recursos. As ciências, em especial, dependem muito das palavras e de sua eficiência em expressar dados, informações, argumentos etc.

Não é diferente com a ciência jurídica, especialmente por ser uma ciência que depende fortemente do uso das palavras e de sua significação, que traduz uma escolha política, de poder, e que originalmente era tomada por uma elite instruída: quão raros eram os que dominavam a arte da escrita e da leitura. Daí, a importância de se resgatar tal tipo de conhecimento, vez que ele pode revelar perspectivas políticas e jurídicas **relevantes**, muitas vezes insuspeitadas em razão dos paradigmas que se foram construindo ao longo do tempo.

Nesse ponto vale recorrer à pertinente análise de Michel Foucault (1999), a respeito do poder, quando busca compreender o seu "como" (como se dá o poder), partindo do estudo dos seus mecanismos em relação a dois pontos de referência ou limites: de um lado o Direito, que o delimitaria formalmente, e de outro, os efeitos de verdade produzidos pelo poder; havendo, portanto, um triângulo formado pelos vértices "poder, Direito, verdade". Ressalte-se que, dessa relação, Michel Foucault (1999, p. 29) expressa o seguinte: "[...] a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula, ele próprio propulsa efeitos do poder [...]".

Note-se que a determinação do discurso jurídico de um povo passa necessariamente pelo arcabouço ideológico que permeia aqueles que ocupam posições privilegiadas na teia de relações de poder, já que o poder não é algo localizado em uma instituição ou em alguém, "é algo que se exerce, que circula, que forma rede" (FOUCAULT, 1999, p. 35), de modo que, como afirma Michel Foucault (2002, p. 161; grifos nossos),

> temos que deixar de descrever sempre os efeitos do poder em termos negativos: ele "exclui", "reprime", "recalca", "censura", "abstrai", "mascara", "esconde". Na verdade, *o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade*. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.

E, a propósito da verdade, Michel Foucault (2008) ressalta que, quando os teóricos da razão de Estado insistem sobre o público, sobre a necessidade de haver uma opinião pública, fazem uma análise sob uma perspectiva puramente passiva, vez que se dá aos indivíduos certa representação, certa ideia, cuida-se de lhes impor alguma coisa, mas de maneira alguma, utiliza-se ativamente a atitude do público, sua opinião, sua maneira de agir.

E ainda, segundo ele, a verdade, então, não existiria fora do poder ou sem poder; contrariamente, ela seria produção exatamente deste mundo, graças a múltiplas coerções efetivadas pelo poder, seus efeitos são regulamentados, de modo que cada sociedade tem

> seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1979, p. 12-13)

Destarte, nossas sociedades possuiriam uma "economia política" da verdade, marcada por cinco características historicamente relevantes: a) a "verdade" teria como centro a forma do discurso científico e as instituições que o produzem; b) estaria submetida a uma constante incitação econômica e política, tornada como uma necessidade para a produção econômica e para o poder político; c) seria objeto de imensa difusão e imenso consumo, circulando nos aparelhos de educação ou de informação; d) seria produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos, tais como as universidades, o exército, escrituras, meios de comunicação; enfim, e) seria objeto de debate político e de confronto social, vislumbrado nas lutas "ideológicas". (FOUCAULT, 1979, p. 13)

Então, como relação é comunicação, a importância do significado *circulante* das palavras, especialmente aquelas especializadas e conhecidas efetivamente em seu alcance apenas por poucos, como se dá no âmbito jurídico, é relevantíssima, vez que, estes, embora não sejam os únicos a determinar tais balizamentos, buscam fortemente fazê-lo, tentando controlar e direcionar o conteúdo e a maneira de circulação, interferindo no campo da semântica e da pragmática de maneira velada pela "naturalidade" com que isto ocorre.

Revisitar os vocábulos que são objetos deste estudo da forma proposta se afigura como empreendimento relevante, por permitir revelar perspectivas, alcances e significações a eles ligados que tenham sido postas nas sombras por escolhas de uma categoria dominante e que se perderam ao longo do tempo e do evolver social, mas que, ao serem reveladas, permitirão reflexões enriquecedoras para além do âmbito da linguagem, abrangendo o do Direito, da comunicação, da política etc.

Quanto ao vocábulo hipotético 'yewes' ("lei") é encontrado em várias línguas oriundas do indo-europeu: no sânscrito ('yŏhḥ'), no latim ('iūs'), no avéstico ('yaoš'), no irlandês antigo ('huisse') e ainda em outras línguas. Sua compreensão latina mais comum envolve dois semas portugueses: lei, em sua forma substantiva ('iūs'); e jurar, em sua forma verbal derivada ('iurāre'). No universo romano foi empregada junto com o verbo 'dico' ('ius dicere' – entendida como fórmula de conformidade), e com a fórmula 'ius iurandum' (tradução literal – fórmula para formular).

Émile Benveniste nos ajuda a compreender a amplitude significativa dessa raiz, um excerto de sua obra *Le Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes* esclarecerá o que estamos dizendo:

> L'analyse des emplois de *díkē* a fait ressortir, entre autres, la fréquence des corrélations entre le grec *díkē* et le latin *ius*. Ces deux termes, quoique différents para leur origine, entrent dans des séries parallèles: *díkēn eipeîn* répond à *ius dicere; díkaios* à *iustus*, enfin, d'une manière approximative, *dikaspólos* à *iudex*. En outre, nous avons à relever le fait que *díkē* designe, par rapport à thémis, le droit humain opposé au droit divin, et que de la même manière, le *ius* s'oppose à ce que les Latins appellent *fas*. (BENVNISTE, 1969, p. 111)

Porém, o significado de '*ius*' apresenta, também, algo de obscuro, além do significado básico de "direito"; quando procuramos sua relação com seus derivados, encontraremos algo de novo (BENVENISTE, 1969, p. 111): o verbo derivado de '*ius*' é '*iuro*' ("jurar"). Qual é, então, a relação entre os dois vocábulos?

Se formos, como Émile Benveniste (1969, p. 113), às etapas pré-históricas do latim '*ius*', e ao iraniano e ao védico, encontraremos sentido na relação entre '*ius*' e '*iuro*'. O vocábulo indo-europeu '**yous*' significa "o estado de regularidade", ou "o estado de normalidade", relacionado a regras rituais; tanto no tocante à sua expressão normativa, quanto no tocante à sua expressão oral. A noção de '*ius*' admite, então, duas condições: a do fato marcado pelo derivado '*iustus*'; e a assinalada pela expressão '*ius dicere*'.

Prosseguindo em nosso argumento na direção da relação '*ius*' e '*iuro*', podemos verificar que o segundo, o verbo '*iurare*', expressa algo diferente do português "jurar". O verbo '*iurare*' indica, assim, algo como "pronunciar o '*ius*'", o que remete a um campo semântico mais vasto, não apenas da moral ou do direito, mas também da religião, posto que essa regra seja também sagrada.

Dessa forma, as origens orais e religiosas do direito estão marcadas claramente nesses termos (BENVENISTE, 1969, p. 119), fenômeno que também pode ser observado nas tragédias gregas, principalmente na *Antígona*, de Sófocles; na qual há um conflito entre a lei dos homens e a lei divina, entre o direito e o sagrado.

Émile Benveniste ajunta, ainda, à família de '*ius*', um termo diferente: '*arbiter*' ("árbitro"), que indica também um juiz (1969, p. 119). Na antiguidade, o árbitro é aquele que tanto testemunha, quanto julga, em virtude de seu poder legal. Mas só é árbitro quando observa sem ser vis-

to, pois, quando é visto é chamado simplesmente de testemunha. Para comprovar essa diferença, Émile Benveniste usa trechos de Plauto, que evidenciam, de fato, a diferença; num desses trechos, fica clara a acepção de observador não percebido: "daqui, eu poderia, de uma parte e de outra, arbitrar o que eles fazem", ou seja, ver o que se passa de um lado e de outro, sem ser visto (PLAUTE, *Aulularia*, verso 607, *apud* BENVENISTE, 1969, p. 121). O sentido hodierno de árbitro vem também desse; ou seja, o árbitro deve julgar sem ser visto, livremente e soberanamente.

Nos dias de hoje, o juiz deve ser igualmente árbitro, pois precisa se distanciar das partes sobre as quais emitirá seu juízo. O árbitro não pode se envolver, não pode ter memória empática por uma das partes; precisa somente estar atento e ter, após a contemplação do processo, expectativas que levam à justiça.

Trata-se, assim, do triplo presente de Agostinho, posto que se trate de uma narrativa, com consequente abordagem temporal; pela consideração do presente de um passado ausente, o árbitro se servirá apenas de sua memória indireta, provinda de sua atenção presente, já que o distanciamento o obriga a isso; pela consideração do presente do presente, ele deverá estar atento à exposição corrente dos fatos, criando sua memória indireta; pela consideração do presente do futuro, concentrar-se-á na criação de expectativas justas, oriundas de sua atenção e de sua memória.

Dessa forma, a linguagem, em seu aspecto narrativo se cruzará com sua feição discursiva, a da emissão do julgamento; e o árbitro, tendo a linguagem como elemento vital, na qual se imerge para decidir, da qual se serve para viver, deliberará por meio de um tempo não mais crônico, por ser somente linguístico (o tempo da sentença, do julgamento, é estabelecido por meio de um presente contínuo, para ter valor de verdade).

A linguagem é, de fato, a casa do ser (Heidegger); consequentemente, é também a casa do árbitro; ou, nas palavras de Maurice Merleau-Ponty, a linguagem é "nosso elemento como a água é o elemento dos peixes". (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 25)

Conhecer de fato as palavras nos permite desvelar e encontrar verdades. Citemos, para esse fim, as observações de Hans-Georg Gadamer sobre Heidegger e Humboldt:

> Talvez a melhor forma de mostrar isso seja a partir da interpretação heideggeriana de *aletheia*. Heidegger traduz *aletheia* por desvelamento. A partir do uso linguístico grego, talvez fosse mais correto dizer com Humboldt e outros: "desocultamento". De fato, a *aletheia* vem ao nosso encontro de início

> e na maioria das vezes em conexão com o dizer: o dizer da verdade ou mesmo justamente o iludir. Ulisses foi o herói admirado da mentira, um herói junto ao qual mesmo os deuses se alegravam. Mas por detrás do brilho aparente e fulgurante da mentira reside um encobrimento no obscuro. Esse fundamento obscuro reside por detrás de todo dizer e de todo ver. O conceito grego de *pseudos* ainda não tinha dado a esse fundamento a sua expressão conceitual, e, sob esse aspecto, "desencobrimento" é de fato a expressão mais precisa para *aletheia*. A linguagem "arranca" do "velamento", traz para o desvelamento, para a palavra e para o risco do pensamento. O ser e a aparência – e não sinceridade e mentira – são os novos grandes temas do pensamento ocidental desde Parmênides. (GADAMER, 2007, p. 43 e 44)

A palavra, de fato, desvela; desvela e preserva. De fato, "aquilo que se descobre assim, aquilo que se desencobre desse modo e que estava velado, também é ao mesmo tempo preservado como o que é abrigado na medida em que retorna à palavra". (GADAMER, 2007, p. 44)

A verdade, enquanto exercício da memória se estabelece como deiscência, como abertura dupla da percepção; dessa forma, a percepção se abre em memória e em expectativa, criando o presente do passado (repertório) e o presente do futuro (perspectiva), sempre na linguagem, sempre no *lógos*.

Conhecer a etimologia dos vocábulos que mais usamos profissionalmente nos ajudará, em verdade, a desvelar, a descobrir, a desencobrir, a preservar a verdade. Mesmo que seja compreendida com a soma das relações humanas (Nietzsche), a verdade precisa ser pontualmente desvelada.

A verdade, com suas palavras e conceitos, deve ser sempre "extensão do mar" em nossas viagens; sendo, igualmente sempre, extensão dialógica em nossas viagens discursivas (Hilda Hilst, em *Júbilo, Memória e Noviciado da Paixão*). Nossos discursos só o serão, de fato, se iniciarem atividades dialógicas, se compuserem fenômenos culturais. A palavra é, também por isso, senha, criando espaços cognitivos, não só internos ao indivíduo, mas também externos – as extensões do mar. E são esses espaços que compõem a arquitetura mental do sujeito.

As palavras, por meio de enleios sintáticos constroem sentidos e, com isso, abrem realmente o "cérebro": "Todos eles traziam sacolas, que pareciam muito pesadas. Amarraram bem seus cavalos e um deles adiantou-se em direção a uma rocha e gritou: 'Abre-te, cérebro!'" (ANTUNES, 1992, p. 11). Temos nossas sacolas pesadas, nossas memórias, nossas ações, nossos movimentos; mas, também, nossas palavras; e com elas podemos abrir novos espaços e estendê-los até os outros.

E o mergulho comparativo das raízes, tanto das línguas modernas, quanto das clássicas, ajudar-nos-á nesse desvelamento; colaborando com a preservação da verdade, seja ela qual for, seja ela efêmera ou eterna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.

COQUET, Jean-Claude. *A busca do sentido.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France. Trad.: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad.: Eduardo Brandão. Rev. de trad.: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Trad.: Raquel Ramalhete. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Microfísica do poder*. Org. e trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva:* Heidegger em retrospectiva (Volume 1). Petrópolis: Vozes, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signes*. Paris: Gallimard, 1960.

ROBERTS, Edward A.; PASTOR, Bárbara. *Diccionario etimológico indoeuropeo de la lengua española.* Madrid: Alianza, 1997.

O PORTUGUÊS ARCAICO: HISTÓRIA INTERNA

Paulo José Tente da Rocha Santos Osório (UBI-PT)
pjtrso@ubi.pt

RESUMO

Após uma breve contextualização ao objeto da linguística histórica, traçaremos os principais períodos da história da língua portuguesa. Posteriormente, procederemos a uma caracterização fonológica, morfológica, sintática e lexical do português medieval, bem como à análise histórico-linguística de alguns textos deste período.

Palavras-chave: Diacronia. História da língua. Português arcaico. História interna.

1. Justificação teórico-metodológica do minicurso

Devo, em primeiro lugar, tecer algumas breves considerações acerca do enquadramento teórico-metodológico que adopto na lecionação do minicurso, bem como esboçar alguns pressupostos julgados fundamentais em qualquer curso de linguística histórica e, de forma específica, no respeitante ao programa delineado neste documento.

É importante que, numa primeira fase, os formandos estejam cientes do facto de que as línguas possuem uma dupla dimensão, isto é, uma feição de natureza sistemática e uma outra de pendor histórico. Assim, as línguas são um diassistema, naturalmente complexo, onde imperam movimentos indiciadores de alguma instabilidade, aspeto que tem maior expressão em fases passadas da língua. Dar-se-á, assim, fulcral relevância a um dos planos fundamentais da língua: a sua evolução e os fenômenos da variação e da mudança intrínsecos ao devir temporal e ao seu funcionamento linguístico. Por força das variações e mudanças, que ocorrem no sistema linguístico, há efetivamente inerente às línguas, um patamar que releva de uma certa heterogeneidade. É, pois, fundamental que os formandos concebam que *sincronia* e *diacronia* se complementam, sendo que as línguas se transformam no percurso do tempo, assumindo a diacronia um papel capital na reflexão linguística, uma vez que pretende privilegiar a evolução do sistema.

O caminho a percorrer neste minicurso é o de uma Linguística Diacrônica, concebendo a língua como um fenômeno em perene devir, assente no pressuposto apontado por Wilhelm von Humboldt (1949 *apud* COSERIU, 1988, p. 44-45) de que uma língua não é um produto, um estado (*ergon*), mas uma atividade, um processo (*energeia*). Julgo preferí-

vel, apoiado em Coseriu, fazer corresponder diacronia/linguística diacrônica a linguística histórica, uma vez que:

> (...) los términos lingüística sincrónica y lingüística diacrónica, por la contradicción y los equívocos que implican, resultan inaceptables, y sería bueno eliminarlos. Lingüística descriptiva y lingüística histórica son, sin duda, mejores. (COSERIU, 1988, p. 318)

Pretendendo a linguística histórica tratar os problemas inerentes à mudança linguística, os contributos da sociolinguística afiguram-se-me valiosos. A minha preocupação, no entanto, na formação, será recordar sempre aos formandos que uma análise linguística deverá partir de uma perspetiva interna e não, somente, externa. No entanto, sempre que possível, o linguista poderá tomar em linha de conta as mudanças sociais e culturais, que melhor permitem definir o estádio linguístico em análise. Sendo o objeto de estudo da linguística histórica a abordagem do fenômeno da mudança linguística, sublinho que as motivações, inerentes a tal mudança e à variação nos textos medievais, são de ordem diversa: motivações de nível estrutural, sistemático e interno, por um lado, e, por outro, motivações externas pertencentes ao contexto extralinguístico, nomeadamente no que respeita aos domínios social, geográfico, político, cultural, entre outros. Apesar da coexistência de fatores sistemáticos e externos na língua, sabemos da importância que a inter-relação destes assume na marcha evolutiva da mesma língua.

A sociolinguística, quando aplicada à linguística histórica (sociolinguística histórica), atribui um significativo valor aos fatores externos:

> O interesse e a importância da teoria sociolinguística para a investigação teórica e metodológica da mutação linguística em geral residem, precisamente, não só nos contributos que a sua metodologia poderá fornecer para lançar um pouco de luz no processo da mudança e explicar o presente, mas também na importância da aplicação, a épocas passadas da língua, das descobertas feitas no âmbito da análise das mudanças em curso, no sentido de minorar a insuficiência dos documentos do passado. (CARVALHO, 1998, p. 196)

É este o enfoque que seguirei ao longo da lecionação do minicurso, uma vez que, na perspetiva sociolinguística, a língua é, inerentemente, dotada de variações:

> A tarefa mais importante da sociolinguística histórica é desenvolver um conjunto de procedimentos para a reconstrução da língua no seu contexto social, mediante a aplicação dos instrumentos operativos fornecidos pela sociolinguística, como forma de controlo nesse processo de reconstrução. (CARVALHO, 1998, p. 197)

2. *Programa do minicurso*

1. O português arcaico (fase galego-portuguesa e português médio).

1.1. Dados linguísticos: domínio fonológico, morfológico, sintático e lexical.

1.2. O fim deste período. Mudanças em curso.

2. Fontes escritas do português arcaico.

2.1. Métodos.

2.2. A documentação remanescente. Os textos como fontes: fontes textuais, tipologias e transmissão textual.

3. Análise histórico-linguística de alguns textos do português arcaico.

3. *Fontes documentais para A LECIONAÇÃO do ponto 3 do programa*

Têm sido elaborados diversos trabalhos com vista ao estabelecimento de uma tipologia dos textos disponíveis. Lembro, a título de exemplo, os estudos levados a cabo por Luís Filipe Lindley Cintra (1963), Rosa Virgínia Mattos e Silva (1989) e Ivo Castro (1991 e 2006), entre outros.

Apesar de utilizar, para o ponto 3 do programa, os textos do *Corpus Informatizado do Português Medieval*, não raro, na tentativa de banir algumas dúvidas que a análise do *corpus* coloca, procedo à análise das próprias edições[5] que deram origem aos textos editados em versão digital[6]. Os textos, disponíveis em www.cipm.fcsh.unl.pt, selecionados para exploração com os formandos no minicurso são:

[5] Como afirma José António Souto Cabo (2008, p. 16): "O editor de textos medievais assume muitos riscos e uma grande responsabilidade quando se torna intermediário entre aquilo que um escriba plasmou sobre o pergaminho e o linguista que, a partir daquele texto, em versão impressa, tenta descrever a língua num determinado momento do seu passado".

[6] Como afirma Clarinda de Azevedo Maia (1986, p. 19): "A transcrição de textos antigos, sobretudo quando anteriores ao século XV, exige cuidados especiais da parte do editor, muito especialmente quando eles se destinam a estudos de carácter linguístico. Só uma transcrição extremamente fidedigna e cuidadosa permitirá deixar transparecer todos os traços fônicos ou fonológicos visíveis nos originais manuscritos".

3.1. Documento CAOO1, da Chancelaria de D. Afonso III, Séc. XIII, 1255, Estremadura, Lisboa, Notário: João Soares

((Livro I, fl. 9r AB)) ((D 1255 07 10)) ((Assunto: Carta de foro de Telões de Aguiar)) ẽ

Fólio 9rA

((L015)) Carta de foro h(er)editatis ((L016)) de Teloes de Aguyar. (L017)) Sabiam todos aqueles q(ue) esta carta uirẽ q(ue) eu don Alfonso ((L018)) pela graça de deus Rey d(e) Portugal & Conde d(e) ((L019)) Bolonia fazo carta de foro a uos pobladores da mya ((L020)) herdade de Tolones de Aguyar. dou uos quãta h(er)dade ((L021)) ei. en essa villa cũ seus t(er)mios nouos & antigos a foro ((L022)) a saber é como p(ar)te pelo porto d(e) verea cono Souto ((L023)) & ĩ outra parte cono Porto dos Oleyr(os). & ĩ out(ra) p(ar)te ((L024)) como uay pelas ueygas áás carualias gẽmeas. & ((L025)) ende uay aos terrẽos dos vidos. da agua de Lampazas ((L026)) & ende p(ar)te cũ Jzimã pelo terreo de mata filios. ((L027)) & como parte cũ soutelo pelo marco de Carualia. e como ((L028)) parte cono t(er)myo do castelo e como p(ar)te cona poboacion ((L029)) pela agua do Cadouzo & como parte pelas verééas ((L030)) e uay ao Portu da verrea. do uos esta h(er)dade cõ ((L031)) sua entrada & cũ sua sayda q(ue) seiades dez & sette poboadores ((L032)) ou mays se q(ui)serdes. mays estes dez & sette mj ((L033)) façã foro & recebam q(ua)ntos q(ui)serẽ. & estes dez & sete ((L034)) foreyros. paguẽ a mj cadá áno & a meus successores ((L035)) segnos moyos de pan ateygados. & nõ mao postos a ((L036)) meyadade d(e) centeo & meyadade d(e) milo. pela midida ((L037)) da terra d(e) aguyar. & dade este pam ĩ Requeyso ((L038)) atéés a festa de san Migael. & dade mi dez & sete marauidis ((L039)) as tercias do ano una tercia ĩ Kalendas ((L040)) agustas. & out(ra) tercia ĩ K(a)l(end)is Decẽbrias & out(ra) ((L041)) t(er)cia ĩ K(a)l(end)is ap(ri)lis. & dademi ĩ dia de Nathal cadá áno ((L042)) doze spadoas d(e) porcos cũ uinti e q(ua)tro paes segundo ((L043)) o custume da t(e)rra & duze galinas cum cento & uijnti ((L044)) ouos & dademi tres Carneyros por Coleyta enos ((L045)) Mes de mayo. & Cada uno de uos mi de uno marauidi ((L046)) q(ua)ndo morrer por loytosa. & nõ peytedes se nõ ((L047)) tres coomias se as fezerdes. a ssaber est umezio Rouso ((L048)) & furto. & do omẽ morto polo omezio; dade #x marauidis ((L049)) a meyadade a páácio & meyade a concelo. & ((L050)) do rouso out(r)o tãto furto qual u fezerdes tal u peytad(e). ((L051)) p(er) enq(ui)siciõ de oméés bóós. & esto seia p(er) homéés de ((L052)) uossa villa & nõ p(er) outros. Aiades uos & todos uosos ((L053)) suscessores esta h(er)dade dauãdita. en paz ĩ to-

dos ((L054)) tempos. & fazede ende a mi & e a todos me(us) successores ((L055)) estes foros dauanditos & nõ mays. Esta h(er)dade

Fólio 9vB

((L001)) nõ dedes nẽ ueẽĩũndades nẽ emplazedes nẽ enpenoredes ((L002)) a nẽguũ omẽ. senõ a omẽ vilao q(ue) mi faça ende meu foro ((L003)) en paz. & q(ue) esta cousa seia mais firme e mais stauil ((L004)) p(er)a sempre dou uos esta mha carta aberta séélada de ((L005)) meu séélo ĩ testimoyo. Dat(a) ĩ Lixbõa Reg(em) mandou ((L006)) per don Gil m(a)rtíj´z mayordomo da Corte. e pelo Chãceler ((L007)) #xª dies andados d(e) Julio. Johã suariz a fez. Eª ((L008)) #Mª #CCª #Lxª #iijª.

3.2. Documento TOX002, Texto Notarial do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford), Séc. XIII, 1289, Ribatejo, Santarém, Notário: Domingos Iohannis

((ANTT Gavetas 010111)) ((L001)) In n(omi)ne d(omi)nj amen. Conhoscam todos aqueles que este strumento uirẽ & léér ouuirẽ q(ue) ((L002)) na E(ra) #Mª #CCCª #xxvijª. Domĩgo noue dias andados de Janeyro na Alcaçoua noua ((L003)) delRey en Santarẽ. p(re)sentes o onrado barõ don Domĩgos pela gra(ça) de de(us) ((L004)) Bispo de Euora & Chanceler do muy nobre senhor don Denis pela gr(aç)a de de(us) Rey ((L005)) de port(ugal) & do Algarue. Soeyro petite Pedro martíj´nz da romeyra Steuam eanes ((L006)) Arcidiago de Santarẽ Steuam de ratis Joam soariz Pedro mééndiz da fonseca Pedro ((L007)) ribeyro Ruy paez bugalho. Steuam eanes sobrĩo de don Oane. Pedro paez. & p(re)sentes ((L008)) nos Domĩgos i(o)h(a)n(e)s e Steuam iuyães publicos Tabelliões de Santarẽ don Martin ((L009)) gil alferaz mayor del Rey. & Lourẽço martíj´z scola porteyro mayor del ((L010)) Rey & mayordomo mayor da Reyna. canbadores & avíj´dores antre nosso senhor ((L011)) elRey da hũa p(ar)te & dona Marĩa molher en outro tẽpo de Joam de Aúúyn ((L012)) & dona Maria sa filha da outra. sobrelo cãbo & senhorio do Castelo de Portel & sobrela sensura ((L013)) ou tributo ou renda q(ue) dessa Egreia soen a dar pora garda desse Castelo . os sobreditos ((L014)) don Martin gil & Lourenço scola disserõ & confessarõ que eles forõ canbadores ((L015)) & avíj´dores antre o dito nosso senhor elRey & antre as donas desuso ditas . sobrelo ((L016)) canbo & senhoryo do dito Castelo & da p(er)teença da Egreia de suso dita. e disserõ que ((L017)) as ditas donas posserõ en eles este canbo en esta maneyra. que eles dessem q(ui)nentas. ((L018)) l(i)b(ra)s en canbo en vila e en senhorio

q(ue) ouuesse Juyz e senhorio p(er) sj. E outrosj disserõ ((L019)) q(ue) nosso senhor elRey. outrosj o pusera en eles. & q(ue) mãdou & outorgou que lhis dessẽ ((L020)) en senhorio as (dit)as q(ui)nentas l(i)b(ra)s e mais quanto elas por bẽ teuessen & que antre ((L021)) fossem contra ele qua contra elas. E outro sj disserõ q(ue) as ditas donas q(ui)tarõ a menagẽ. Deste ((L022)) castelo de suso dito a Steuam rodrig(uiz) q(ue) o teyna entregarõno a Lourenço scola p(er) tal p(re)yto ((L023)) q(ue) se as (dit)as donnas nõ q(ui)sessẽ outorgar o canbho a conposiçõ ou a auença q(ue) esses don Martin ((L024)) Gil e Lourenço scola por bẽ teuessem. q(ue) esse Lourenço scola entregasse o senorio ((L025)) desse castelo e a (dit)a p(er)teença da egleia ao (dit)o nosso senhor el Rey. E outrosj p(er) essa ((L026)) méésma maneyra se nosso senhor elRey nõ q(ui)sesse caber o canbo ou á áuença q(ue) eles teuessẽ. ((L027)) q(ue) esse Lourenço martíj´z tornasse esse castelo ááquela menagẽ e aquele stado en q(ue) ((L028)) era quando o teyna o (dit)o Steuam rodrigiz a esse Steuam rodrigiz ou a outro caualeyro qual ((L029)) essas donas dessem pora fazer a (dit)a menagẽ. E de poys q(ue) os (dit)os don Martĩo e Lourẽço ((L030)) scola disserõ e confessarõ q(ue) o feyto passara assj como dito e. p(re)guntarõ Pedro mendiz da fonseca ((L031)) e Steuam f(er)nandiz sobrĩo do (dit)o don Oane q(ue) diziam q(ue) foram no trautamento deste ((L032)) feyto e eles disserõ q(ue) forã y & que assj passara o feyto en todo como suso e contado. E outrosj ((L033)) p(re)guntarõ Ruy paez bugalho. e disse q(ue) assj passara o feyto en todo como suso dito e. saluo ((L034)) q(ue) disse q(ue) se nõ acordaua q(ue) as (dit)as dona Marĩha & dona Maria sa filha outorgarõ que se nõ q(ui)sesẽ ((L035)) caber á áuença. q(ue) o suso o (dit)o Lourenço martíj´nz entregasse esse castelo a elRey. ((L036)) E o feyto stando assj. en este stado segundo como suso e escrito. os (dit)os don Martino e Lourenço ((L037)) scola pedirõ conselho ao Bispo e aos out(r)os oméés bóós q(ue) suso son escritos q(ue) lhis dissessẽ ((L038)) e lhis dessẽ conselho q(ue) fariam en este feyto e q(ue) lhis dissessem o que entendyam. y. por ((L039)) dereyto. e o bispo e os oméés bóós de suso ditos disserõ e derõlhis por conselho. q(ue) dessẽ ((L040)) áás (dit)as donas á áuença e o canbo q(ue) eles teynã por bẽ e se o as donas q(ui)sessem outorgar ((L041)) ou caber o canbo ou á áueença q(ue) eles por bẽ teuessem e q(ue) gardassem e conp(ri)ssem a nosso senhor elRey ((L042)) a condiçõ assj como fora posto. feyto o estrumento na era e no dya de suso dito e eu ((L043)) Domĩgos i(o)h(a)n(e)s publico Tabelliõ de Santarẽ a rogo dos de suso ditos dõ Martin ((L044)) gil & de Lourenço scola destas cousas de q(ue) p(re)sente fuj este publico estrumento p(re)sente ((L045)) fuj & aqueste estrumento con ma mão p(ro)p(ri)a escreuj & antralinhey tres dições cõuẽ ((L046)) a saber e q(ue) gardassem & este meu sinal y pugj q(ue) tal e ((L047)) E eu Steuam íuyãez publico tabaliõ en

S(an)t(aren). a todalas cousas e cada hũas ((L048)) q(ue) suso son escritas p(or) mão d(e) Domĩgo ioanes tabaliõ susodito. p(re)sente fuy e esta ((L049)) suscripçon aquí screuj´ e este meu signal y pugj en testemoỹo ((L050)) das cousas q(ue) suso escritas.

3.3. Documento TOX001, Texto Notarial do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford), Séc. XIV, 1309, Estremadura, Lisboa, Notário: Pero Paez

((ANTT Chelas 400)) ((L001)) Sabham todos q(ue) em p(re)semça de mj̃ P(er)o paiz Tab(e)lliõ d(e) lixboa Gil F(er)nãd(e)z ((L002)) mostrou huũ testemõio ffeyto p(er) mhao d(e) Joham d(omingu)iz Aleymã Tab(e)lliõ da ((L003)) Alboffeyra & de paderna assi como ẽ el parycya do qual o teor tal he ((D 1308)) ((P PAe)) ((T Alb)) ((N Johan Dominguez Aleyman)) ((L004)) Sabhã q(ua)ntos este strom(ento) virẽ como em p(re)semça d(e) mj̃ (Joham) d(omingu)iz Aleymã Taballiõ ((L005)) ĩ a Albofeyra & d(e) paderna & das t(estemunha)s q(ue) ẽ ele som sc(ri)ptas F(eria) #vj^{a} #xxij dias de ((L006)) nou(em)bro Era mill #CCC^{a} #xlvj anos P(er)o ean(e)s de porches dyse & recontou (co)mo ((L007)) A[s] rrendas de Carnydj for(om) aremdadas a Salomõ negrro M(artim) [vicente] (joham) (martinz) ((L008)) Garcya p(er)iz & Orraca (martinz) [cuio procurador] era o dito P(er)o ean(e)s por mill & #vc l(i)br(a)s ((L009)) q(ue) dele sacarõ & estas for(om) devudas & p(or) estes d(inheiro)s deytar(om) a ssobr(e) (dit)a q(ui)ntaa ((L010)) ao dito judeu por #vj anos & d(a)q(ue)les #vj anos ficou q(ui)te a (dit)a q(ui)ntaa & seendo ((L011)) a (dit)a q(ui)ntaa líúre veo Orraca (martinz) deytar a ssa p(ar)te da q(ui)ntaa ao (dit)o ((L012)) judeu por dous anos & essa Orraca (martinz) ouue os d(inheiro)s de us do(us) anos ((L013)) It(em) o dito P(er)o ean(e)s p(ro)curador sobr(e) (dit)o arrendou o q(ui)nhõ de M(artim) (martinz) p(er) duas ((L014)) vezes & depojs disto mãdou ElRey [vẽder] a M(artim) (martinz) o q(ue) auya q(ue) ((L015)) achaua sobr'ele de mal feytoria de q(ui)nh(en)tas l(i)br(a)s & o (dit)o P(ero) [eanes] foy a Orraca ((L016)) (martinz) jrmaa do (dit)o M(artim) (martinz) & cõtoulh[i] como metyam A q(ui)ntaa d(e) seu irmhao ẽ ((L017)) almoeda & ela disse ao (dit)o P(ero) ean(e)s q(ue) deytasse a ssa p(ar)te [&] de seu irmhao polas ((L018)) (dit)as quinh(en)tas l(i)br(a)s & p(er)o disse q(ue) daquelas quinh(en)tas l(i)b(ra)s p(or) q(ue) assy Remdara ((L019)) que nõ rrec[e]bera delas p(er)o #iijc l(i)br(a)s [&] dizẽ q(ue) o (dit)o judeu [diz que esta Renda] ((L020)) das quinh(en)tas l(i)b(ra)s q(ue) foy por #xvj anos E isto nõ podya séér & [pareseo] ((L021)) o strom(en)to do judeu & as No-

tas dos tab(e)lliõs & achar(om) q(ue) [he] muy gram mẽtyra ((L022)) & bulha E este he o acordo que o (dit)o P(ero) ean(e)s deu an(te) mj ((L023)) Tab(e)lliõ sobr(e) (dit)o E era muy mal doemte E este acordo deu el pola boa dona ((L024)) nõ perder o seu nẽ o judeu & por q(ue) eu era tam doemte q(ue) nõ sabya ((L025)) de mha morte nẽ de mha vida [dey] este acordo q(ue) ouuese cada huũ o seu ((L026)) d(er)eyto & eu tab(e)lliõ sobr(e) (dit)o este strom(ento) ẽ papel sc(ri)uy q(ue) nõ auya porgamỹo ((L027)) d(e) coyro & meu synal ẽ ele pugj q(ue) tal he t(estemunha)s q(ue) p(re)sent(e)s for(om) D(omingos) nuniz ((L028)) [aluazil] [...] [piriz de faarõ] (joham) ste(vam) durã f(er)nãdiz (joham) payz [Steuã dominguez] ((L029)) [daliazur Gil Fernandiz homẽ da] (dit)a Orraca (martinz) ((P PEs)) ((T Lxa)) ((N Pero Paez)) [o qual testemoĩo perleudo Gil] ((L030)) f(er)nandiz rogou mj̃ tab(e)lliõ q(ue) lhi [dese] o traslado do (dit)o [stromento] ẽ fforma ((L031)) publica Pola (dit)a Orraca (martinz) E eu tablliõ dey lho sc(ri)pto (com) mha mão ((L032)) i (com) este meu synal q(ue) tal he ffeyto o strom(ento) en lixboa #xij dias d(e) ((L033)) Janeyro E(ra) mill #CCCª #xlvij ano(s) t(estemunha)s M(artim) qeixada (Joham) an(e)s caualeyro ((L034)) v(icen)te [migueez aluazijs] D(omingos) (martinz) L(ourenç)o (martinz) V(icen)t(e) mateus M(artim) (martinz) & outros

3.4. Documento TOX020, Texto Notarial do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford), Séc. XIV, 1319, Estremadura, Lisboa, Notário: Joham Peres

((ANTT Gavetas, 031105)) ((1319-9-30)) ((L001)) En nome de deus amẽ Sabham quãtos este strumẽto vyrẽ q(ue) na Era de mil trezẽ[tos] ((L002)) cinq(r)oeenta & sete Anos p(re)stumeyro sia de Setembro na aldeya d'alconena d'a[par] ((L003)) d'algez En p(re)sença de mj̃ Joham per(e)z publico tabaliom da Cidade de [Lisboa & das tes]temonhas ((L004)) q(ue) adeãte som sc(r)itas Gonçalo do(ming)jz sacador das devydas [de nosso Senhor el] ((L005)) Rey & Vicẽte per(e)z bolhom Dezimeyro de d(i)to senhor el [Rey amostrarom] ((L006)) & léér fezerom p(er) mj̃ d(i)to tabaliõ hua c(ar)ta aberta do d(i)to [Senhor ElRey scrita en per]gamynho ((L007)) de coyro & séélada do séélo uerdadeyro [Pendente ou de chumbo do Senhorr Rey] ((L008)) Da qual carta o teor de u(er)uo a ueruo tal e ((insere-se outra carta)) ((L009)) A qual [carta mostrada] ((L010)) leuda & publicada os d(i)t(os) Gonçalo do(ming)jz & Vicẽte [Perez p(er) poder & p(er) autori]dade ((L011)) da d(i)ta carta q(ue)rendo a cõp(ri)r & faz(er)

mãdado do d(i)to [Senhor ElRey fo]rom ((L012)) começar a ffaz(er) a entrega do d(i)to Regaẽgo d'alg[es ao d(i)to Almirante] pela ((L013)) foz da agua de ninha & des y pelo vẽha [da d(i)ta agua pela [Ribe]yra ((L014)) acima ata q(ue) chegarõ ao logo p(er) u o d(i)to Regaego [Partia com o Condado] ((L015)) de breq(ue)rena; cõ todolos moynhos & acenhas q(ue) [estavam na d(i)ta Ribeira] ((L016)) des a madre da d(i)ta agua aaq(ui)n cõtra o d(i)to condado [ata hu estam] ((L017)) os casaes q(ue) soyam á ándar cõ este sobre d(i)to [Regaẽgo de Alges, os quais] ((L018)) casaes o d(i)to senhor ElRey deu ao [Mosteiro de Odivelas e assi] ((L019)) como uẽ partir o d(i)to Regaẽgo pela Agua [de Alcantaraa e des i a fundo ataa] ((L020)) o mar Todo este Regaẽgo sobre d(i)to Dalgez os d(i)tos Gonçalo [Dominguez e] ((L021)) Vicẽte p(er)ez p(er) poder da d(i)ta carta entregarom p(er) terra e p(er) pedras com todas ((L022)) sas p(ar)teẽças & seus dereytos & cõ todolos dereytos [q(ue) y o d(i)to Senhor el R]ey ((L023)) auya & de dereyto deuya á áuer ao d(i)to Almyrante pelas d(i)tas deuysoes ((L024)) en tal guysa q(ue) o d(i)to almyrante ouuesse cõp(ri)damẽte o d(i)to [Regaengo] ((L025)) cõ todos seus fruytos & dereytos tanbẽ & [Nom compridamente como o d(i)to] ((L026)) Senhor ElRey melhor ouuera ata este sobre [d(i)to dia me]lhor ((L027)) trouxera & husara a trager o d(i)to Regaẽgo [e de suas] ((L028)) os d(i)tos Gonçalo do(ming)jz e Vicẽte pe(r)iz mãdarõ [a mj̃ tabaliõ fazer este] ((L029)) strumẽto ao d(i)to Almyrante assy como [o d(i)to Senhor Rey mandava] ((L030)) ena d(i)ta sua carta t(estemunha)s q(ue) a ysto p(re)sentes forom [Domingos Anes Contador] ((L0)) del Rey Bertolameu (martinz) canbhador D(oming)o(s) do(ming)jz Alcayde do [mar Lourenço] ((L031)) steuẽz tabaliõ de Lixbõa Martín do(ming)jz d(i)to macayo johã uicẽte [da Gui]aría ((L032)) Mig(ue)l do(mimg)jz sc(ri)uan L(ourenç)o (martinz) & L(ourenç)o per(e)z hom(e)s delRey & outros E [eu] ((L033)) Joham per(e)z publico tabaliõ de Lixbõa a estas cousas p(re)sente [fui per Man]dado ((L034)) dos d(i)t(os) Gonçalo do(ming)jz & vicẽte per(e)z a rrogo do d(i)to almy[rante este] ((L035)) strumẽto cõ mha maão sc(re)uj & ẽ ele meu signal [puge que tal e] ((N Lourenco Stevaez)) ((L036)) E eu Lourẽce steuãez pob(ri)co Tabeliõ da Cidade de Lixbõa cõ us sob(re) d(i)tos [Gonçalo Dominguiz & Vicente perez e com] ((L037)) Johã p(er)ez Tabeliõ & cõnas t(estemunha)s de sussu ditas a todas estas cousas de suso ditas p(re)sente fuy [e per mi e os sobreditos] ((L038)) G(onçal)o d(omingu)iz & Vicẽte p(er)ez a rogo do d(i)to almirãte aq(ui) soesc(re)uj & meu sinal hy pugy q(ue) tal [e]

3.5. Documento Notarial DN160, Séc. XV, 1425, Minho, Penela

((Mosteiro de Vilarinho, Maço 5, 32)) ((Assunto: Quitação da obrigação de pagamento, por parte de Uasco Martjz prior de Sã Saluador de Mirãda, de quinze coroas de ouro que lhe haviam sido emprestadas por Gyl Uaasquez prior de Bellas. Feito na vila de Penela por Pedro Affomso, tabelião do infante dom Pedro na dita vila)) ((L001)) Saibham q(ua)ntos este sto(r)mẽto de q(ui)taçam virem como ujnt(e) djas do mes dagosto ((L002)) ãno do naçimẽto de noso senho(r) Jh(es)u cr(ist)o de mjl (e) q(ua)troçẽtos (e) ujnt(e) (e) ((L003)) çjnq(uo) ãnos em pen(e)lla ant(e) as casas da morada de affom(so) an(e)s o moço em p(re)sença ((L004)) de mỹ pedro affom(so) t(abalia)m po(r) noso senho(r) o Iffant(e) dom pedro na d(i)ta ((L005)) ujlla (e) das t(estemunha)s q(ue) adjant(e) sam esc(ri)ptas estando no p(re)sent(e) gyl uaasq(ue)z p(ri)or ((L006)) de bellas m(orador) na d(i)ta ujlla E out(ro)sy u(asco) m(art)jz p(ri)or de scã saluador de mirãda ((L007)) E logo o d(i)cto gyl uaasq(ue)z dise q(ue) u(er)dade Era q(ue) el emp(re)starra sob(re) hũu st(ormento) ((L008)) de ob(ri)gaçam q(ue) tynha ao d(i)to u(asco) m(art)jz q(ui)nze corroas dourro as qu(a)es lhe Ja o d(i)to ((L009)) u(asco) m(art)jz tynha pagadas p(er) ourro (e) dj(nhei)rr(o)s (e) p(er) oytoçentos R(eae)s brãcos q(ue) lhe auja de ((L010)) da(r) ff(er)nada affom(so) m(orador) no d(i)to logo de mirãda cõ q(ue) elle ffjcarra das quaes q(ui)nze ((L011)) corroas dourro el daua po(r) q(ui)te (e) lju(re) deste dja p(er)a todo senp(re) o d(i)to u(asco) m(art)jz (e) ((L012)) todos seus E(r)deiros (e) soçesores q(ue) despos elle ueerem q(ue) nũca lhe seiam demãdadas ((L013)) em Juizo nẽ ffora de Jujzo nẽ os Jujzes nõ posam toma(r) conheçjmẽto de ((L014)) tal ff(ei)to E posto q(ue) o d(i)to st(ormento) de ob(ri)gaçam pareça q(ue) nõ ualha (e) este ualha ((L015)) p(er)a se[n]p(re) em testemunho de u(er)dade o d(i)to gyl uaasq(ue)z mãdou s(er) ff(ei)to este sto(r)me(nto) ((L016)) de q(ui)taçam (e) da(r)/?/ ao d(i)to u(asco) m(art)jz q(ue) ffoy ff(ei)to na d(i)ta ujlla de pen(e)lla dja (e) mes (e) ((L017)) Era sob(re)d(i)ta t(estemunha)s djego affom(so) p(ri)or de podẽtes (e) gyl g(onça)ll(ve)z morador(e)s na d(i)ta ujlla ((L018)) E ff(er)nãda affom(so) m(orador) ẽ mirãda E out(ro)s (e) eu sob(re)d(i)to t(abalia)m q(ue) este sto(r)mẽto de q(ui)taçam ((L019)) esc(ri)puy em q(ue) meu sygnall ffyz q(ue) tall% h(e)%

3.6. Documento Notarial DN174, Séc. XV, 1499, Minho

((Mosteiro de Vilarinho, Maço 6, 21)) ((Assunto: Emprazamento de umas casas situadas na rua de Sam Payo, Vila de Guimarães, pelo prior e pelo convento do mosteiro de Vilarinho, a Pero Lopez, cónego da mesma vila de Guimarães. O emprazamento é decretado por carta, dada em Braga, por Sebastiam Lopez, doutor em decretos, tesoureiro e cónego de Braga, arcediago de Lamego, provisor e vigário geral pelo arcebispo de Braga, Dom Jorge da Costa. Feito por Martim de Gujmarães e assinado pelo dito Sebastiam Lopez)) ((L001)) Sebastiam lopez doutor em deg(re)dos th(esoureiro) (e) cooneego de braaga Arcediaago de lamego p(ro)ujsor (e) vigaíro geeral pollo R(everendissimo) Im cr(ist)o padre S(e)nn(h)or dom george da ((L002)) costa p(er) m(er)cee de d(eu)s E da ssanta eg(re)ia de rroma arceb(is)po (e) S(e)nn(h)or de braaga (e) p(ri)mas das espanhas; a quant(os) esta carta de prazo virem ffaco saber ((L003)) q(ue) o p(ri)or (e) Conuento do most(eiro) de vilarjnho Me emviarom dizer q(ue) sentindo por p(ro)ueito seu (e) do dito mosteíro q(ue)riam enprazar como de f(e)cto enprazarom hũas çasas ((L004)) sijtuadas na villa de gujm(a)r(ãe)s na Rua de sam payo a pero lopez conego da dita villa E a duas pessoas depos elle s(cilicet) elle nomee a segunda (e) a s(egunda) nomee a terçeira ((L005)) q(ue) nom seJa de moor Condicom q(ue) elle os quaes aJam a dita çasa com todas suas p(er)teencas Entradas saydas assy como ao dito most(eiro) p(er)tece (e) mjlhor se o auer poderem ((L006)) E ffacam (e) Refacã em ella (e) em todas suas p(er)teencas q(ua)nta bemfeitorja fazer poderem de gujssa q(ue) melhore (e) nom peyore E dem (e) paguem de Renda foro (e) pensom ((L007)) em cada hũu anno ao dito moest(eiro) quatrocent(os) rr(eae)s E t(ri)nta (e) seis rr(eae)s (e) seis p(re)t(os) a confraría do s(er)ujco de santa maria E assy som q(ua)trocent(os) (e) t(ri)nta (e) seis rr(eae)s ((L008)) E seis pret(os) Com a qual Renda foro (e) penssom senp(re) s(er)am bem obedientes (e) Mandados ao dito most(eiro) os quaes posam penhorar (e) Mandar penhorar po(r) todos ((L009)) seus d(e)rr(ei)t(os) (e) Rendas q(ue) lh(es) por d(e)rr(eito) deuam p(er)teeçcer em q(u)aesquer bẽes dos dit(os) enprazadores honde quer q(ue) achad(os) fforem os quaes nam terã poder de tolh(er) o dito ((L010)) penhor E tolhendo q(ue) p(er)cam seu prazo nem posã dar doar alhear vender escanbar nem cousa algua deste prazo fazer sem autoridade (e) Consentim(ento) do dito ((L011)) most(eiro) nem chamarã outro nemhũu Snorjo/sic/ nem p(er) elle pagaram feu nem foro a nemhua out(ra) pesoa E durante ho tenpo das ditas tres vidas ha ((L012)) nom posam leixar nem ẽgeitar nem o dito most(eiro) a elles tolher antes lha farom de paz de qualquer pessoa q(ue) lha embargar q(ui)s(er) E rrec(re)cendosse algũa ((L013)) de-

Manda ou contenda ssobr(e) este enprazam(ento) q(ue) as ditas partes seJam citadas (e) deMandadas E Respondam p(er)ante os vigaír(os) geeraes da eg(re)ia de braaga ((L014)) E p(er) hy se começar o f(e)cto fijnr E acabar E nom p(er)ante out(ro) algũu Juíz nem Justíca E q(ue)rendo algua das ditas partes hir cont(ra) este enprazam(ento) p(er)a o britar em ((L015)) parte ou em todo nom possa nem seJa a ello Reçebido em Juízo nem fora delle (e) pague aa parte tente (e) g(uar)dante por pena (e) em Nome della Cinq(uo) mjl rr(eae)s ((L016)) brancos a q(ua)l pena leuada ou nom este prazo valha como em elle faz mencom E findas as ditas tres vidas ou nom seendo a der-rad(eira) pessoa nomeada ((L017)) Como dito he este prazo fiq(ue) liure (e) desenbarguado ao dito mosteiro CuJo he Sem Mais deManda nem Contenda o q(ue) assy as ditas partes outorgarom ((L018)) E Me pidirom q(ue) o confirmasse E visto p(er) mjm seu dizer (e) pedir porq(ua)nto ffuj certo p(er) g(onçalo) vaaz coonego da eg(re)ia de braaga q(ue) nello dey po(r) veedores com ((L019)) [a]lu(aro) afons-so barbeiro E bertolameu afonsso barbeiro homẽes aJuramentad(os) aos sant(os) (e)vangelhos q(ue) o dito prazo he f(e)cto en p(ro)ueito do dito most(eiro) ((L020)) ho Confirmo (e) Mando que sse conpra como em elle faz mencom; dat(e) em braaga noue d(ias) dabril Mar-tim de gujm(a)r(ãe)s a fez escrepuer (e) aquj soesc(re)puj anno de ((L021)) Mjl #iiijc lR noue Ann(os)% ((L022)) {{THesaur(arius) ((L023)) Dec(re)tor(um) doc(tor)}}%

3.7. Documento Notarial DN190, Séc. XV, 1466, Estremadura, Chelas

((Mosteiro de Chelas, Maço 43, 843 (rosto))) ((Assunto: Emprazamento de uma vinha com um pardieiro, em Carnide, termo de Lisboa, e de um olival, no vale de Enxobregas, feito por Lianor de Castel Branco, prioresa, Ana Martjz Aluernaz, soprioresa, e donas e convento do mosteiro de Chelas, a Joham Aluarez, procurador do mesmo mosteiro, e sua mulher, Maria Gonçalluez. Estes pagarão anualmente seiscentos e quarenta reais brancos e quatro galinhas. Feito no mosteiro de Chelas por Pero Gonçallvez, vassalo de El Rei e seu tabelião público na cidade de Lisboa e seu termo)) ((L001)) Em nome de d(eu)s amem Saibham os q(ue) este est(r)om(ento) denp(ra)zamento virem q(ue) no ãno do nacimẽto de nosso ((L002)) ssenhor Jh(es)u c(risto) de mjll (e) #iiijc E ssassenta E sseis ãnos dezoito d(ias) do mes doutubro no m(osteiro) de chellas t(er)mo da ((L003)) cidade de lixboa Estando hy a onrrada ssemhora dona lianor de castell branco p(ri)oressa do d(i)cto m(osteiro) E ana m(art)jz ((L004)) alu(er)naz

ssop(ri)oressa E Ines gomez (e) m(aria) aluarez E Ines g(onça)ll(ve)z E aldonça Ro(drigu)iz E Ines a(fonso) E clara mena E Issabell ff(e)rr(nande)z ((L005)) E Ines g(onça)ll(ve)z de castell branco E c(atarina) affom(so) E out(ra)s donas (e) (con)uento do d(i)cto m(osteiro) Estando todas Em cabido (e) cabido ((L006)) ffazendo p(er) ssoo de canpaa tangida ssegundo sseu bõo custume as ssobred(i)ctas disserã q(ue) veendo ellas ((L007)) E (con)ssirando s(er)ujço de d(eu)s E p(r)oll E onrra do d(i)cto sseu m(osteiro) Emprazarom (e) deram denprazamẽto Em t(re)s pessoas ((L008)) a Joham aluarez p(ro)curador do d(i)cto m(osteiro) E a ssua molher m(aria) g(onça)ll(ve)z moradores na dicta cidade e a hũa p(e)ssoa q(ua)ll o derradeyro ((L009)) delles nomear ao t(em)po de ssua morte Em tall gujssa q(ue) sseJam t(re)s pessoas E mais nõ ẽprazarom lh(e) hũa vinha ((L010)) (com) hũu p(ar)dieiro q(ue) o d(i)cto m(osteiro) tem Junto (com) carnjde termo da d(i)cta cidade q(ue) p(ar)te (com) out(ra) vinha do d(i)cto m(osteiro) E da outra p(ar)te ((L011)) (com) out(ra) vinha do moorgaado de mẽẽ de brito (e) Emtesta ẽ camjnho E s(er)ujdom derctos/sic/ E p(er) out(ra)s cõffrontaçoes E o d(i)to ((L012)) p(ar)dieiro p(ar)te (com) cassa E lagar do d(i)cto m(osteiro) E pello camjnho q(ue) vay p(er) a aldea de carnjde E mais lh(e) Emprazarom hũu ((L013)) oliuall do d(i)cto m(osteiro) q(ue) he Em vall denxobregas out(ro)sy t(er)mo da d(i)cta cidade q(ue) parte (com) herdade q(ue) ffoy de Ruy galuom ((L014)) E (com) oliuall do espitall dos clerigos Ricos E (com) v(inha) de ssam vecente q(ue) traz costança l(ouren)ço E (com) oliuall ((L015)) de ssam mateus q(ue) traz affom(so) Eãnes boroeiro E (com) oliuall de Joham affom(so) carpenteiro m(orador) aa porta da cruz E (com) oliual ((L016)) do d(i)cto m(osteiro) q(ue) sse chama oliuall da luita Emtesta no camjnho p(ro)bico q(ue) vay do m(osteiro) p(er)a a d(i)cta cidade E lhe Emp(ra)zarom ((L017)) todo (com) tall p(re)ito (e) cõdiçom q(ue) o d(i)cto Joham alu(are)z ffaça do d(i)cto p(ar)dieiro cassa de morada do dia (e) ffeitura deste ((L018)) est(romento) ataa hũu ãno E q(ue) o d(i)cto Joham alu(are)z E ssua molher (e) pessoa p(er) cada hũu delles nomeada cada hũu a sseu ((L019)) t(em)po sseJam tehudos E obrigados de corregerem E rrepairarem os d(i)ctos bẽes s(cilicet) a d(i)cta vinha descauar podar ((L020)) cauar m(er)gulhar Empar arrendar E o oliuall alinpar amotar laurar todo a sseus t(em)pos E ssazoes ((L021)) E a cassa ffazer E rreffazer de paredes E madeira grossa dalgada p(re)gadura telha E de todallas out(ra)s cousas ((L022)) q(ue) lh(e) (com)p(ri)doiras fforem todo aa custa delles p(er)ssoas posto q(ue) algũa das ssobred(i)ctas coussas pereçam p(er) q(ua)llq(ue)r ((L023)) casso ffurtuito q(ue) lhe avijr possa Em tall gujssa q(ue) todo ande ssenp(re) melhorado (e) nom peJorado E ((L024)) dem (e) paguem de fforo E penssom da d(i)cta vinha E da d(i)cta cassa E do d(i)cto oliuall sseiçentos E q(ua)renta R(eae)s

((L025)) brancos E q(ua)tro galinhas Em cada hũu ãno ssaluo deste p(ri)meiro ãno q(ue) nom pagarom mais de duzẽtos ((L026)) R(eae)s E hũu par de galinhas po(r)q(ua)nto hij nõ ha noujdade no d(i)cto oliuall ffazendo lh(e) pagamẽto ((L027)) de todo Juntam(ente) Em hũa paga po(r) dia de natall E ffarom a p(ri)meira paga dos d(i)ctos duzentos R(eae)s (e) ((L028)) par de galinhas p(er) este p(ri)meiro dia de natall Em q(ue) sse começara Era #iiijc E ssassenta E ssete E assy dy Em ((L029)) diante de todo o d(i)cto fforo E pensom pello d(i)cto dia E ffindas as d(i)ctas t(re)s pessoas da vida deste ((L030)) mundo q(ue) a d(i)cta vinha E cassa E oliuall ffiquem ao d(i)cto m(osteiro) melhoradas (e) nom peJoradas E liures (e) despachadas ((L031)) de toda briga E (com) todas ssuas bemffeitorias E q(ue) o d(i)cto Joham aluarez E ssua molher (e) pesoa ((L032)) nõ possam vender nem trocar nem escanbar nem p(ro)mudar nem alhear a d(i)cta vinha nẽ a d(i)cta cassa nẽ ((L033)) o d(i)cto oliuall a nemhũa p(er)ssoa ssem o p(ri)meiram(ente) ffizerem ssaber aas donas E (con)uento do d(i)cto moesteiro ((L034)) sse as q(ue)rem tanto por tanto q(ue) as aJam E nom as q(ue)rendo Emtom as possam vender a tall pessoa q(ue) nom ((L035)) sseJa das deffessas Em d(e)rr(ei)to mais sseJa tall q(ue) (com)pra (e) mantenha todallas classullas E (con)diçoes deste ((L036)) (con)trauto pagando lh(e) ssua q(ua)rentena Segundo d(e)rr(ei)to E as d(i)ctas donas E (con)vento obrigarom os bẽes ((L037)) E Rendas do d(i)cto sseu m(osteiro) de lhe liurarem Empararem E ffazerem de paz a d(i)cta vinha E cassa E oliuall ((L038)) de q(ua)llq(ue)r pessoa q(ue) lhas embargar sob pena de lhe pagarem todas p(er)das E dapnos E custas (e) despessas ((L039)) q(ue) o d(i)cto Joham aluarez E ssua molher E pessoa po(r) ello ffezerem E Receberem E (com) vijnte R(eae)s brancos ((L040)) Em cada hũu dia de pena E o d(i)cto Joham aluarez q(ue) p(re)ssente estaua tomou (e) Reçebeo Em ssy ẽ as d(i)ctas ((L041)) t(re)s vidas a d(i)cta vinha (e) pardieiro E oliuall (com) todallas classullas E (con)diçoes ssusso declaradas ((L042)) E sse obrigou de todo (com)p(ri)rem E manterem E darem //E// //darem// (e) pagarem o d(i)cto fforo E penssom em cada ((L043)) hũu ãno pello d(i)cto dia come d(i)cto h(e) ssob pena de lhe pagarem todas p(er)das (e) dapnos E cusas/sic/ (e) ((L044)) despessas q(ue) o d(i)cto m(osteiro) E sseu (con)uento por ello ffezerem E rreceberem E (com) os d(i)ctos vijnte R(eae)s Em cada ((L045)) hũu dia de pena p(er) todos sseus bẽes E da d(i)cta ssua molher E da pessoa q(ue) depos elles vier ((L046)) p(er) nomeaçom moues E de Raiz avudos (e) por auer q(ue) p(er)a el-lo obrigou E as p(ar)tes p(re)ssentes ((L047)) assy o out(or)garom E pidiram ssenhos est(romento)s t(estemunha)s mẽẽ g(onça)ll(ve)z caualeiro da cassa do ssenhor Iffant(e) ((L048)) dom ffernando E Jo-ham est(ev)ez E sseu ffilho p(ere) ãnes moradores no c(on)ç(elh)o do d(i)cto m(osteiro) E out(ro)s ((L049)) E eu p(er)o g(onça)ll(ve)z vas-

sallo del Rey nosso Semhor E sseu p(ro)bico tabaliam na d(i)cta cidade ((L050)) E sseu t(er)mo q(ue) Este est(romento) Esc(ri)puy p(er)a o d(i)cto Joham alu(are)z Em elle meu p(ro)bico ssinall ((L051)) ffiz q(ue) tall h(e)%

A referência das fontes e as anotações do *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM) encontram-se em www.cipm.fcsh.unl.pt.

4. Breve síntese dos conteúdos do minicurso

Sendo o período arcaico muito longo, começo, no âmbito do português antigo, por tratar a chamada fase galego-portuguesa[7]. Trata-se de um subperíodo que vai de cerca de 1214 até finais do séc. XIV/inícios do séc. XV.

No que respeita ao sistema linguístico, propriamente dito, do ponto de vista fonológico, é necessário sistematizar: (i) o sistema de fonemas vocálicos, em posição tônica, continua a ser idêntico aos sete do latim imperial; (ii) em posição átona final, reduzem-se a três – /e/ (alternando com /i/), /a/ e /o/; (iii) em posição átona não final, sobretudo pretônica, temos cinco fonemas, sendo as vogais orais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/ nasalizadas por uma consoante nasal implosiva (*pinto, sente, campo, longo, mundo*); (iv) a metafonia por /u/ e /a/ finais também se faz sentir, desde os inícios da Idade Média; (v) o sistema dos fonemas consonânticos inclui, além dos atuais, ainda algumas africadas (como /ts/, /dz/, entre outras) e as sibilantes /s/ e /z/, provenientes do <S> latino e da sua sonorização, respetivamente, pronunciam-se como [ś] e [ź], ou seja, com uma articulação ápico-alveolar, semelhante à do <s> castelhano.

Ao nível da morfossintaxe, destacarei alguns pontos considerados fundamentais.

1. O gênero gramatical difere tanto do latim como do português moderno. No que concerne à formação do plural, a queda dos

[7] Tomando a esclarecedora afirmação de Clarinda de Azevedo Maia (1986, p. 891): "Desde o início da tradição escrita em galego-português, verifica-se a existência, dentro de um sistema comum, de várias possibilidades, o que, aliás, sempre acontece na fase inicial, primitiva, de constituição de uma língua, antes de consumado o processo de sedimentação que conduzirá à formação de uma norma linguística. Os textos de Portugal e da Galiza não só espelham essa riqueza de possibilidades, muitas delas comuns às duas zonas, como, ao mesmo tempo, revelam, desde o século XIII – mas mais intensamente a partir do século XV –, a existência de traços distintos que anunciam algumas das diferenças mais expressivas entre o galego e o português".

etimológicos <-L-> e do <-N-> intervocálicos teve consequências nos paradigmas nominais. Assim, nos nomes terminados em <-l>, esta terminação cai, no plural (*sinal, sina-es; cruel, crue-es*). Por sua vez, a queda do <-N-> intervocálico vai afetar o plural dos nomes terminados, em galego-português, em <-ão>, <-an> e <-on>, por exemplo: MANU > *mano* > *mão*; *MANOS > *mãos*; CANE > *can(e)* > *can*; CANES > *cães*; LEONE > *leon(e)* > *leon*; LEONES > *leões* (cf. TEYSSIER, 1993, p. 30). A formação do plural dos nomes terminados em <-ão> constitui um outro exemplo da utilidade que pode ter o estudo da história da língua para o bom domínio do português. Embora o simples conhecimento da etimologia latina não chegue para resolver todos os casos, uma vez que a analogia também exerce um papel nem sempre despiciendo, como se pode ver no caso de <corrimão>, cujo plural pode ser etimológico, <corrimãos>, ou analógico, <corrimões> (CUNHA & CINTRA, 1984, p. 183), quem conhecer a história do português usará o idioma com uma segurança muito maior, que se manifesta, de igual modo, na ortografia.

2. Na morfologia verbal, o sistema de modos e tempos é já o do português moderno, contendo um mais-que-perfeito simples (sintético), herdado diretamente do latim, um futuro do conjuntivo, ainda hoje usado e um infinitivo flexionado ou "pessoal". (TEYSSIER, 1993, p. 32)

3. Para a primeira fase da diacronia do português, e no que concerne à posição sintática dos clíticos, nas orações principais afirmativas – sem o verbo em posição inicial e não introduzidas por constituintes proclisadores ou desencadeadores de próclise que são, segundo Martins (2002, p. 262), quantificadores, sintagmas qu-, sintagmas focalizados e certos advérbios – , podemos constatar que a adjacência obrigatória (que é para Martins (2002, p. 264) a colocação não facultativa do clítico junto do verbo) e a variação entre ênclise e próclise se dá com maior frequência na ênclise.

4. Nas orações subordinadas finitas e nas orações principais com constituintes proclisadores, a próclise é obrigatória, havendo ainda variação entre interpolação e adjacência ao verbo. (MARTINS, 2002, p. 271)

No âmbito lexical, integram-se no vocabulário muitas palavras árabes (sobretudo dos domínios da agricultura e da construção civil).

Para a definição do português trecentista, parto para a clarificação dos traços apontados por Rosa Virgínia Mattos e Silva Mattos e Silva (1989, p. 59): (i) representação gráfica de vogais idênticas postas em contacto pelo desaparecimento de uma consoante intervocálica, grafias variantes das sequências <-ĩo, -ĩa>; <-ĩho, ĩha> e <-inho, -inha>; (ii) grafias variantes dos ditongos <ou/oi>, provenientes, respetivamente, de <au, al> e de <-oct->, <-ocs-> e da interversão do iode; (iii) grafias variantes das finais nasais, provenientes de <-one, -anu, -ane, -udine, -onu, -ant, -unt>; (iv) morfologia dos demonstrativos; (v) morfologia dos possessivos; (vi) representação gráfica do morfema número-pessoal de segunda pessoa do plural <-des/es>; (vii) representação gráfica da vogal temática da segunda conjugação no particípio passado, <-u(do)/-i(do)>.

Após toda esta caracterização, inicio a descrição do português médio[8], que, cronologicamente, vai do século XV até meados do século XVI. Luís Filipe Lindley Cintra propõe o ano de 1420 como início, devendo, contudo, observar-se o que refere Ivo Castro (1993, p. 106) e Osório (2004), questionando e problematizando a delimitação deste subperíodo.

Ao nível linguístico, destaco sob o ponto de vista fonético e fonológico alguns traços fundamentais:

1. A eliminação dos encontros vocálicos.

2. Para a supressão dos hiatos, utilizam-se as seguintes soluções: desenvolvimento da nasal palatal anti-hiática (VINU> *vĩ-o*> *vinho*, GALLINA> *galĩ-a*> *galinha*) e a contração das duas vogais numa vogal única, podendo ser o resultado uma

[8] Esperança Cardeira (2005, p. 291-292) afirma: "As propostas de periodização que escolhem como fronteira entre o português antigo e o português médio a crise de 1383-85 ou o seu símbolo, a batalha de Aljubarrota, realçam o papel desta ruptura política, social e cultural, no sentido da deriva linguística do português, mas parecem esquecer o facto de que as mudanças inovadoras já ocorriam antes dessa data; mais conforme com os factos que observamos talvez seja admitir a existência de uma "franja de separação" entre o português antigo e o português médio e nessa franja de separação se deve situar a segunda metade do século XIV. (...) Ora, o que a presença de uma transição de fase vem mostrar é que é neste período que se definem selecções e mutações que irão conferir ao português uma determinada personalidade: é a elaboração do português do século XV que permitirá a sua gramaticalização a partir do século seguinte. Assim, o português médio, mais do que "período de transição", pode definir-se como um "período crítico", crucial na história da língua portuguesa".

vogal nasal, quando uma das duas vogais é nasal: LANA> *lã-a> lã*, BONU> *bõ-o> bõ*, escrito <bom>, TENES> *tẽ-es> tens*, CALENTE> *ca-ente> queente> quente*, PALUMBU> *pa-ombo> pombo*, FINES> *fĩ-es> fins*, TRIGINTA> *tri-inta> trinta*.

3. Destas contrações resultam as cinco vogais nasais [ĩ], [ẽ], [ã], [õ], [ũ], já existentes na língua. No entanto, quando a contração se processa entre duas vogais orais, e embora o resultado seja sempre uma vogal oral, podem resultar daqui fonemas novos.

4. Levando em conta a posição destas vogais relativamente ao acento tônico, convém ressalvar que em *posição tônica* desta contração resultam as sete vogais orais; em *posição postônica*, não houve modificação do sistema, uma vez que os grupos átonos <-oo> e <-aa>, em posição final, se contraem em <-o> e <-a>, respetivamente, confundindo-se com o <-o> e o <-a> etimológicos (ORACULU> *orágo-o> orago*).

5. Em *posição pretônica*, as contrações das vogais em hiato vão dar origem a três novos fonemas vocálicos (PRAEDICARE> *pre-egar> pregar*, COLORARE>co-orar>corar).

6. Na *contração de duas vogais orais num ditongo oral*, a pronúncia monossilábica de alguns grupos de vogais em hiato dá origem a ditongos, em que <a-e> se transforma em <ae>, vindo a confundir-se com <ai>.

7. Os ditongos <ó-e>, <é-e> e <é-o> tornam-se, respetivamente, <oe>, <ee> e <eu>.

8. Dá-se a *contração de uma vogal nasal e de uma vogal oral em ditongo nasal*.

9. Nos verbos, os *encontros vocálicos provêm da queda de <-d-> nas desinências da segunda pessoa do plural* (*estades> esta-es> estaes> estais*).

Sobre as reduções dos encontros vocálicos, que tiveram lugar nos séculos XIV e XV, poderá afirmar-se que o sistema fonológico do português, em 1500, se tinha enriquecido com as referidas reduções dos hiatos, passando a conter oito fonemas vocálicos orais, tanto em posição tônica como pretônica. Em posição final, estes oito fonemas ficavam redu-

zidos a três: /E/, /A/, /O/. Por sua vez, as combinações de ditongos orais aumentaram de oito para onze. As nasais passam a ter os três ditongos que, ainda hoje, caracterizam o português.

Ao nível da morfologia, entre 1350 e 1500, convém que os formandos se apercebam da: (i) unificação em <-ão> dos substantivos que, antes, terminavam, no singular, em <-ã-o>, <-an> e <-on>, que se fundiram; (ii) além de se fixarem os plurais dos nomes terminados em <-ão> (do tipo *mãos, leões* e *cães*), fixa-se, também, o feminino dos adjetivos com a mesma terminação (por exemplo, *são, sã*); (iii) no plural dos substantivos e adjetivos que, no singular, terminam em <-l>, ocorrem já as formas da língua moderna, embora, por vezes, escondidas sob uma ortografia como *sol*, plural *sóis*, escrito <soes>; *cruel*, plural *cruéis*, grafado <cruees> ou <crueis>; (iv) as formas átonas dos determinativos possessivos femininos *ma, ta, sa* desaparecem; (v) os anafóricos *em* e *(h)i* deixam, igualmente, de ser usados; (vi) na segunda pessoa do plural dos verbos, o <-d-> intervocálico desaparece já no século XV, dando origem às terminações <-ais>, <-eis> e <-is> - *amais*, escrito por vezes <amaes>, *dizeis*, com a variante gráfica <dizees>, *partis*.

Ao nível sintático e utilizando o critério da colocação dos clíticos para a caracterização do português médio, constata Martins (2002, p. 269):

> A opção pela ênclise, largamente dominante durante o século XIII, vai sendo progressivamente substituída pela opção pela próclise, que se torna maioritária no século XV e quase exclusiva no século XVI. Quer isto dizer que a mudança em causa, que é lenta e gradual (...), se esboça já no século XIV, consolidando-se nos séculos XV e XVI. O momento em que se produz a inversão de tendência relativamente à colocação dos clíticos situa-se na primeira metade do século XV, coincidindo assim com a transição de fase entre o português antigo e o português médio (conforme estabeleceu Esperança Cardeira, 1999).

Ainda na sintaxe, sublinho: (i) o uso de <que> por <quem>; (ii) o uso do mais-que-perfeito simples do indicativo pelo imperfeito do conjuntivo, ou pelo condicional, e do gerúndio em casos que, hoje, exigem o infinitivo precedido das preposições <a>, <de> ou <sem>; (iii) a influência do latim no século XV que é visível ao nível do processo de enriquecimento do vocabulário, pela introdução de latinismos (formas eruditas e semieruditas); (iv) a substituição de HABĒRE por TENĒRE e do condicional pelo imperfeito, como atestam Paul Teyssier (1993, p. 68) e Paulo Osório (2004).

Antes de entrar no ponto 3. Do programa (que será a análise linguística de textos), referir-me-ei ao ponto 2. Aqui, torna-se necessário alertar os formandos para o facto de que o investigador de fases pretéritas da língua deve ter presente o que refere Ivo Castro (1991, p. 173):

> O estudo dos estados passados de uma língua não pode contar com a experiência e a observação directa do linguista, mas apenas com os dois clássicos métodos conjecturais da *reconstrução* desses estados, baseada na comparação entre as variedades contemporâneas deles geneticamente decorrentes, e da exploração das *fontes escritas* produzidas na época que é objecto de atenção.

Estando qualquer língua natural em perpétuo devir – "the history of language is a continuous process: it is not a series of stills, but a moving picture" (MILROY, 1992, p. 2) –, o polimorfismo linguístico e a instabilidade gráfica caracterizadores do período medieval reclamam a cada vez maior necessidade de boas edições da documentação remanescente. Assim, os formandos terão de ficar totalmente esclarecidos de que, uma vez que não dispomos neste período de registos orais, só os textos escritos remanescentes nos poderão levar à reconstrução de uma língua histórica[9]. Por tal facto, a linguística histórica que, depois de ter sido relegada para segundo plano na tradição linguística, volta a acolher, nos tempos hodiernos, o estímulo e a reflexão de muitos que a ela se vêm dedicando, necessita de metodologias específicas. A este propósito, afirma Clarinda de Azevedo Maia (1995, p. 3):

> Nesta viragem de século, quando a linguística histórica volta a ocupar uma posição de primeiro plano, depois de várias décadas de predomínio da linguística sincrônica, ela tem vindo progressivamente a integrar novos conceitos teóricos, nomeadamente os que são peculiares de duas disciplinas linguísticas relativamente recentes, a sociolinguística e a pragmática.

Todo o historiador da língua deverá ter em atenção os tipos de textos existentes, bem como a sua utilidade para o estudo que pretenda desenvolver. Para um estudo linguístico, os textos literários deverão ser

---

[9] Neste sentido, Rosa Virgínia Mattos e Silva Mattos e Silva (1991: 28-29) afirma que: "A documentação escrita em português arcaico só pode ser avaliada na sua totalidade aproximada por hipóteses que se coloquem a partir do que permaneceu e de informações indiretas que o historiador pesquise. (...) O investigador dessa fase da história da língua não constituirá seu *corpus*, de acordo com os objetivos de sua pesquisa, mas terá de condicionar a seleção de seus dados à documentação remanescente. A partir desse condicionamento inicial é que recortará os dados que julgue necessários e suficientes para responder a suas questões. Daí Labov ter definido muito adequadamente os estudos diacrônicos ao longo dos séculos – em oposição aos estudos de mudanças lingüísticas em curso (...)".

preteridos em favor de textos não literários. Corrobora esta opinião Ivo Castro (1991, p. 174), afirmando que os textos não literários são:

> (...) a fonte preferida dos linguistas. Como foram escritos para servir alguma finalidade prática relacionada com a administração, o direito ou a economia (...), estes textos são geralmente explícitos quanto ao local e à data em que foram escritos, bem como quanto aos participantes, a diversos níveis, na sua produção; identificam os autores morais, que desejaram a produção, os autores materiais, que a executaram, e também os confirmantes e testemunhas, que assistiram e que fornecem uma espécie de contexto histórico e social para o nascimento do documento.

Estes últimos, pelo fato de se apresentarem datados e localizados, oferecem ao linguista uma maior segurança, permitindo, consequentemente, um maior rigor na adução de dados. No entanto, se os textos não literários oferecem grandes possibilidades de estudo na tentativa de reconstituição de fases linguísticas passadas, em virtude do seu carácter formal (fórmulas iniciais e finais) poderão condicionar determinada recolha de dados.

Os textos literários apresentam uma notória riqueza e particular desenvoltura em estudos sintáticos, embora muitos desses documentos constituam cópias de cópias e, por isso, encerram uma tradição manuscrita complexa (uma cópia implica, pelo menos, duas origens textuais).

Dos vários tipos de textos não literários, destaco a documentação notarial (privada, régia e jurídica): os textos não literários de caráter privado apresentam um interesse acrescido em relação aos textos emanados da chancelaria real, uma vez que os textos de caráter privado indicam o notário que os redigiu ou o escriba que os fixou por escrito. Conhecemos, assim, os autores materiais e morais do texto. O linguista trabalha, deste modo, com maior segurança.

Quanto aos textos literários, a prosa torna-se muitíssimo importante. Os textos literários apresentam uma tradição manuscrita complexa. Realço, no minicurso, a subdivisão genérica dos documentos literários: textos poéticos e textos em prosa. Os textos em prosa são ricos no que respeita ao conhecimento das estruturas sintáticas da língua, embora coloquem dificuldades no conhecimento da variação regional da mesma neste período. Os textos poéticos não permitem captar a variação regional da língua, mas sobretudo os textos em rima, são muito esclarecedores para o estudo fonológico do português medieval, embora não para um estudo sintático. Além das formas em rima, a poesia oferece outros dados importantes devido a razões de ordem métrica (estudo do hiato, por

exemplo). A linguagem dos cancioneiros, poética, é uma linguagem estilizada e, particularmente, os cancioneiros oferecem limitações para o conhecimento da língua falada da época e sobretudo para o conhecimento das diferenças regionais que a língua oferecia. Quem se ocupa dos cancioneiros dá-se conta de que estamos em presença de uma tradição manuscrita pobre. Grande parte da literatura medieval hispânica ressente-se desse facto e, por exemplo, do *Cantar de Mio Cid* só temos um manuscrito incompleto. Em relação às *Cantigas de Santa Maria*, a tradição não é assim tão pobre, pois temos quatro códices. A partir do *stemma codicum* estabelecido por Tavani, podemos tirar algumas ilações: (i) o *Cancioneiro da Ajuda* foi copiado diretamente do arquétipo (é uma recolha feita num período próximo da época em que as composições foram escritas), o que não acontece com os dois outros cancioneiros copiados em Itália; (ii) há já a intervenção de vários copistas, cujas coordenadas de inserção no tempo e no espaço não conhecemos; (iii) sob o ponto de vista gráfico, houve muitas alterações, pelo que estes dois cancioneiros não permitem o estudo da tradição gráfica galego-portuguesa medieval.

Têm sido elaborados diversos trabalhos com vista ao estabelecimento de uma tipologia dos textos disponíveis, nomeadamente por Valle Cintra (1960), Luís Filipe Lindley Cintra (1963, p. 59-77), Ivo Castro (1991, p. 173-192) e Isabel Vilares. Cepeda (1995).

Importa, assim, explicar aos formandos cada tipo de texto apontado anteriormente, fornecendo-lhes exemplos desses documentos. Para tal objetivo, sigo o que é referido em Ivo Castro (2006, p. 85-94).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Luíza. A estrutura textual de documentos notariais da Idade Média. In: BRITO, Ana Maria; FIGUEIREDO, Olívia; BARROS, Clara. (Orgs.). *Linguística histórica e história da língua portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 9-27.

BARBOSA, Jorge Morais. Os estudos de lingüística portuguesa em Portugal. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. (Org.). *Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas no Mundo Lusofônico*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002, p. 145-158.

BECHARA, Evanildo. As fases da língua portuguesa escrita. In: *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, vol. III, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, p. 68-76.

BERRUTO, Gaetano. *La sociolinguistica*. Bologna: Zanichelli, 1978.

BROCARDO, Maria Teresa Leitão. 'Haver' e 'ter' em português medieval. Dados de textos dos séculos XIV e XV. *Revue de Linguistique Romane*, n. 70, p. 95-122, 2006.

_____. *História da língua portuguesa.* Programa, conteúdos e métodos. Lisboa: F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, 2000.

_____. Sobre o português médio. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel. (Eds.). *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 1999, p. 107-125.

BYNON, Theodora. *Lingüística histórica*. Madrid: Gredos, 1981.

_____. *Historical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARDEIRA, Esperança. *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

CARVALHO, Maria José. *Do português arcaico ao português moderno*. Contributos para uma nova proposta de periodização. Coimbra: Faculdade de Letras, 1996.

_____. Sociolinguística histórica: estatuto, metodologia e problemas. *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXII, Coimbra: Faculdade de Letras, 1998.

CASTRO, Ivo. A elaboração da língua portuguesa, no tempo do Infante D. Pedro. In: *Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro* (25 a 27 de novembro de 1992). (*Biblos*, Revista da Faculdade de Letras, vol. LXIX, 1993, p. 97-106).

_____. *Introdução à história do português*. 2. ed. rev. e ampl. Lisboa: Colibri, 2006.

_____. O português médio segundo Cintra (nuga bibliográfica). In: FARIA, Isabel Hub. (Org.). *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao*

mestre e ao cidadão. Lisboa: Cosmos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999, p. 367-370.

_____. *Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da post-vulgata*. *Boletim de Filologia*, 28, (=*Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa*, vol. I), 1983, 81-98.

_____; MARQUILHAS, Rita; ACOSTA, José Léon. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CEPEDA, Isabel Vilares. *Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. Les anciens textes non littéraires. Classement et bibliographie. In: *Les Anciens Textes Romans non Littéraires. Leur Apport à la Connaissance de la Langue au Moyen Âge*. Colloque international organisé par le Centre de Philologie et de Littératures Romanes de L`Université de Strasbourg du 30 Janvier au 4 Février 1961. Extrait de la *Revue de Linguistique Romane*, tome XXVII, 1963, pp. 59-77.

CINTRA, Maria Adelaide Valle. *Bibliografia de textos medievais portugueses*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1960.

COSERIU, Eugenio. El latín vulgar y el tipo lingüístico romance. In: ___. *El cambio lingüístico en la Romania*. Lleida: Virgili & Pagès, 1990, p. 27-41.

_____. *Sincronía, diacronía e historia.* El problema del cambio lingüístico. 3. ed. Madrid: Gredos, 1988.

COSTA, Pe. Avelino de Jesus da. Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-linguístico. In: ___. *Estudos de cronologia, diplomática, paleografia e histórico-linguísticos.* Porto: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 1979, p. 169-256.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1984.

Dicionário da língua portuguesa. Porto: Porto Editora, 1998.

DUARTE, Luís Fagundes. Uma scripta em construção (A constituição de uma norma escrita do galego-português no século XIII). In: *Actas do I congresso da língua galego-portuguesa na Galiza*. A Coruña: AGAL, 1986, p. 663-674.

EMILIANO, António. A edição e interpretação da documentação antiga de Portugal: problemas e perspectivas da filologia portuguesa face ao estudo das origens da escrita em português. *Aemilianense. Revista Internacional Sobre la Génesis y los Orígenes Históricos de las Lenguas Romances*, n. 1, p. 33-63, 2004.

_____. Sobre a questão d`"os mais antigos textos escritos em português". In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês. (Eds.). *Razões e emoção*: Miscelânea oferecida a Maria Helena Mira Mateus pela sua jubilação. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003, p. 261-278.

Enciclopedia Lingüística Hispánica. Dirigida por Manuel Alvar, Antonio María Badía Margarit, Rafael de Balbin, Luís Filipe Lindley Cintra. Introd. de Ramón Menéndez Pidal. Tomo I: *Antecedentes. Onomástica*. Tomo II: *Elementos constitutivos y fuentes*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960, 1967.

ENCREVÉ, Pierre. Labov, linguistique, sociolinguistique. In: LABOV, William. *Sociolinguistique*. Paris: Minuit, 1976.

FERREIRA, José de Azevedo. *Estudos de história da língua portuguesa*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2001.

FRANCO GRANDE, Xose Luís. *Diccionario galego-castelan e vocabulario castelan-galego*. Vigo: Galáxia, 1983.

GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel. (Eds.). *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 1999.

GIMENO MENÉNDEZ, Francisco. Hacia una sociolingüística histórica. In: *Estudios de la Universidad de Alicante*, Alicante, n. 1, p. 181-226, 1983.

GOEBL, Hans. Quelques réflexions sur la scriptologie. In: *Actes du Congrés International de Linguistique et de Philologie Romanes*, tomo III, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, p. 706-709.

GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e. A categoria gramatical de género do português antigo ao português actual. In: *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras, 2005, p. 527-544.

_____. Métodos e contributos da linguística histórica para a abordagem de um texto antigo na aula de Português. In: *Actas das Jornadas Científi-*

co-Pedagógicas de Português. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008, p. 231-247.

GRAUR, Alexandru. Le rapport entre les facteurs internes et les facteurs externes dans l`histoire de la langue. *Revue de Linguistique*, tomo X, n 1-3, 1965, p. 69-73.

HUBER, Joseph. *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuch-handlung, 1933.

_____. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Ueber die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues*. Darmsdat: H. Nette, 1949.

KREMER, Dieter. Tradição e renovação no léxico latino-românico. *Verba*, n. 19, p. 7-18, 1992.

LABOV, William. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 17-92.

_____. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. *Principles of linguistic change*: internal factors. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2001.

_____. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. (Orgs.). *Dicionário de literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. 9. ed. corr. e aum. Madrid: Gredos, 1991.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística românica*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

_____. *Romanische Sprachwissenschaft*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1962.

LLEAL, Coloma. *La formación de las lenguas romances peninsulares*. Barcelona: Barcanova, 1990.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1989.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri, 1998.

LÜDTKE, Helmut. *Historia del léxico románico*. Madrid: Gredos, 1974.

MAHMOUDIAN, Mortéza. Linguistique et sociolinguistique. *La Linguistique*, vol. 26, fasc. 2, 1990, p. 47-76.

MAIA, Clarinda de Azevedo. Algumas questões scriptológicas relativas à prosa documental galego-portuguesa. In: KREMER, Dieter. (Ed.). *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988, p. 327-347.

_____. Algumas reflexões sobre a disciplina "História da Língua Portuguesa". In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXI. Coimbra: Faculdade de Letras, 1996-1997, p. 1-25.

_____. *História da língua portuguesa*. Guia de estudo. Coimbra: Faculdade de Letras, 1995.

_____. *História do galego-português*. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

_____. Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre "português arcaico" e "português moderno". In: *Diacrítica*, n.10. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos, 1995, p. 3-30.

MARQUILHAS, Rita. Mudança linguística. In: FARIA, Isabel Hub et al. (Orgs.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996, p. 563-588.

MARTINET, André. De la synchronie dynamique à la diachronie. In: *Fonction et dynamique des langues*. Paris: Armand Colin, 1989.

_____. *Função e dinâmica das línguas*. Trad.: Jorge Morais Barbosa e Maria Joana Vieira Santos. Coimbra: Almedina, 1995.

MARTINS, Ana Maria. Ainda "os mais antigos textos escritos em português". Documentos de 1175 a 1252. In: FARIA, Isabel Hub. (Org.). *Lin-*

dley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão. Lisboa: Cosmos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999, p. 491-534.

_____. *Documentos portugueses do Noroeste e da região de Lisboa.* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2001.

_____. Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis. In: *Caminhos do português.* Exposição comemorativa do Ano Europeu das Línguas (Catálogo). Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001, p. 23-71.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Caminhos de mudanças sintáctico-semânticas no português arcaico. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 20, p. 59-74, 1991.

_____. *Estruturas trecentistas*. Elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

_____. *O português arcaico*. Fonologia. Campinas: Contexto, 1991.

_____. *O português arcaico*. Morfologia e sintaxe. Campinas: Contexto, 1994.

_____. *O português arcaico*. Uma aproximação, vol. I: Léxico e morfologia. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008.

_____. *O português arcaico.* Uma aproximação, vol. II: Sintaxe e fonologia. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008.

_____. Observações sobre a variação no uso dos verbos *ser, estar, haver* e *ter* no galego-português ducentista. *Estudos lingüísticos e literários*, n. 19, p. 253-286, 1997.

_____. Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, vol. 10, n. especial, p. 247-276, 1994.

_____. (Org.). *A Carta de Caminha*: testemunho lingüístico de 1500. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996.

McMAHON, April Mary Scott. *Understanding language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MEIER, Harri. *A evolução do português dentro do quadro das línguas ibero-românicas*. Separata de *Biblos*, vol. XVIII, tomo II, 1943.

_____. A formação da língua portuguesa. In: ___. *Ensaios de filologia românica*. Lisboa: Revista de Portugal, 1948, p. 5-30.

MESSNER, Dieter. A peste de 1348, um factor muito pouco considerado nas histórias das línguas românicas. *Boletim de Filologia*, tomo XXVIII, fasc. 1-4, p. 237-240, 1983.

_____. Portugiesisch: Periodisierung. In: ___. *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI, 2: Gallego, Português. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1994, p. 618-623.

MILROY, James. *Linguistic Variation & Change*. On the Historical Sociolinguistics of English. Oxford: Blackwell, 1992.

MONTEIRO, José Lemos. A ortografia de Álvaro Ferreira de Vera. *Verba*, n. 19, p. 79-94, 1992.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociologia del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

NISBET, Jhon; SHUCKSMITH, Janet. *Learning strategies*. London: Routledge and Kegan, 1986.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa:* fonética e morfologia. 9. ed. Lisboa: Clássica, 1989.

OSÓRIO, Paulo. *Contributos para uma caracterização sintáctico-semântica do português arcaico médio.* Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004.

PAUL, Herman. *Princípios fundamentais de história da língua*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

PERKINS, David N. *Smart schools*. New York: The Free Press, 1992.

REMACLE, Louis. *Le problème de l`ancien wallon*. Liège: Faculté de Philosophie et Lettres, 1948.

ROMAINE, Suzanne. Historical Sociolinguistics. Problems and Methodology. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (Eds.). *Sociolinguistics*, vol. II, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 1452-1469.

SEGOVIA OLMO, Felipe; BELTRÁN LLERA, Jesús. *El aula inteligente.* Nuevo horizonte educativo. Madrid: Espasa, 1998.

SELIG, Maria; FRANK, Bárbara; HARTMAN, Jörg. (Eds.). *Le passage à l`écrit des langues romanes*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença; Lisboa: Dinalivro, 1992.

_____. *Manual de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SILVA, Jaime Ferreira da; OSÓRIO, Paulo. *Introdução à história da língua portuguesa.* Dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico. Lisboa: Cosmos, 2008.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística*. Teoría y análisis. Madrid: Alambra, 1989.

SOUTO CABO, José António. *Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII*. Coruña: Área de Filoloxías Galega e Portuguesa, 2008.

_____. Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do século XII. *Diacrítica*, tomo 17/1, 2003, p. 329-385.

STRAKA, Georges. La dislocation linguistique de la Romania et la formation des langues romanes à la lumière de la chronologie relative des changements phonétiques. *Revue de Linguistique Romane*, n. 20, p. 249-267, 1956.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

TOVAR, Antonio. Lenguas prerromanas de la Península Ibérica. A. Lenguas no indoeuropeas. 1. Testimonios antiguos; Lenguas preromanas de la Península Ibérica. A. Lenguas indoeuropeas. 1. Testimonios antiguos. In: ALVAR, Manuel, BADIA MARGARIT, Antonio María; BALBÍN, Rafael de; CINTRA, Luís Filipe Lindley. (Eds.). *Enciclopedia linguística hispânica*, vol. I, p. 5-26; 101-126.

VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. enriquecida com notas do autor, prefaciada e anotada por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959. [4. ed. 1966].

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar; MENDES DA LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática portuguesa*. Tomo I. Madrid: Gredos, 1971.

WEINRICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for a Theory of Language. In: L LEHMANN, Winfred

Phillipp; MALKIEL, Yakov. (Eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin & Texas: University of Texas Press, 1968.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *From latin to portuguese*. Historical phonology and morphology of the portuguese language. 2. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988.

_____. *Do latim ao português*. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

WINKELMANN, Otto. Portugiesisch: Geschichte der Verschriftung. *LRL*, vol. VI, n. 2, p. 472-498, 1994.

WRIGHT, Roger. *Late latin and early romance in Spain and Carolingean France*. Liverpool: Francis Cairns, 1982.

_____. *Latín tardio y romance temprano.* En España y la Francia Carolingia. Madrid: Gredos, 1989.

www.cipm.fcsh.unl.pt

UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA NO ESTUDO DIACRÔNICO DA LÍNGUA EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DE RONDÔNIA

Danielle Constantino de Lima (UNIR)
daniconsta@hotmail.com
Odete Burgeile (UNIR/VIGO-UFSC)
odetebur@gmail.com

RESUMO

O estudo apresenta uma abordagem sociolinguística acerca do estudo diacrônico em matérias jornalísticas, expondo a língua e os aspectos culturais do estado de Rondônia. A pesquisa possibilita a reflexão sobre os processos que constroem sociedades híbridas, influenciadas pelos processos migratórios que ocorrem durante sua formação e ocupação. Por meio do fato noticioso que é capaz de declarar uma marca da perspectiva de realidade dos sujeitos, foi possível acompanhar as transformações por que passam os textos juntamente com as mudanças linguísticas, motivadas pela mobilidade das ações sociais, culturais, políticas, tecnológicas e históricas. Com o percurso sociolinguístico, é possível observar os aspectos resultantes da relação entre a língua e a sociedade, analisando as marcas de heterogeneidade de forma diacrônica, sendo identificados fenômenos sintáticos, morfológicos, semânticos e diafásicos, sob a luz de alguns conceitos encontrados em teóricos desde clássicos como Saussure (1975), Labov (1976) e Meillet (1965), chegando-se a postulações mais recentes como as de Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004) e Stuart Hall (2003), entre outros. Para atingir esse objetivo, delimitou-se como *corpus* um conjunto de dez matérias jornalísticas publicadas nos anos de 1918, 1981 e 2015.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação diacrônica. Jornal impresso.

1. Introdução

Entendemos, como Queiroz (2009), que a escrita é uma fonte de preservação da memória linguística de um povo. É através dela que o homem registra a sua memória: literatura, ciência, direito, religião e ideologia. Assim, o *corpus* está voltado para a observação da língua, cultura e sociedade no século XX, imprimindo a discussão teórica quanto à origem ortográfica, lexical ou sintática, descrevendo e apresentando reflexões sobre as características da língua dentro do recorte de matérias de quase 100 anos, coletados de jornais impressos locais.

A metodologia adotada aponta para uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório e fenomenológico, uma vez que está interessada em registrar a vivência do "outro" e, nas análises, está aberta a outras interpretações.

Para complementar este estudo, foi necessário conhecer a história da formação de Rondônia, movimentos migratórios, suas causas, suas características e suas consequências. No que tange à questão étnica, a população é semelhante ao restante do país, formada por brancos, negros e índios. Mas, em virtude das fases de atração imigratória e emigratória ocorridas durante os ciclos de produção econômica, diversos povos dessas raças deram sua contribuição para o elemento humano rondoniense, cuja identidade regional ainda está em formação.

Este estudo perpassa pela perspectiva da linguagem a partir da ótica de teóricos como Labov (1976) e Meillet (1965) chegando a postulações mais recentes como as de Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004), e Stuart Hall (2003) sob o olhar da sociolinguística no estudo diacrônico, levantado por Saussure (1975) realizado nas análises, admitindo as variações ocorridas na língua e sua realidade heterogênea, relacionada com os padrões sociais, históricos, culturais e ideológicos da comunidade da fala.

Uma análise do percurso sociolinguístico da língua nas matérias do jornal impresso local contribuirá para o conhecimento mais amplo da realidade sociocultural e linguística deste município do Estado de Rondônia, em especial nos estudos de variação, mudança e contribuições linguísticas.

2. O percurso sociolinguístico da língua

A sociolinguística, desde o seu surgimento, traz as reflexões das relações entre língua, sociedade e cultura, bem como as inferências desse fenômeno nas variações da linguagem**.**

Os pioneiros acerca de estudos sociolinguísticos foram William Bright (1966) e Joshua A. Fishman (1972) que passaram a incorporar os aspectos sociais nas descrições linguísticas. Contudo, foi o americano Willian Labov (1960) que melhor definiu e insistiu na teoria da variação linguística.

Para Labov (2008), a língua não possui um sistema coerente e racional, mas se constitui em um sistema marcado por alterações, variações linguísticas relacionadas com o meio social. Desse modo, sendo a língua um fato social, a melhor maneira de estudá-la é concebê-la como um sistema heterogêneo. – Os procedimentos de descrição linguística são baseados na concepção de linguagem como um conjunto estruturado de

normas sociais. (LABOV, 1972, *apud* REIS; MACHADO & BARBOSA, 2011, p. 6443)

Segundo Labov (2008), a mudança linguística não pode ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, ou seja, a explicação da mudança linguística, em suas palavras, "parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística" (LABOV, 2008). O autor esclarece que as mudanças ocorrem através do processo comunicativo e estão presentes na sociedade.

Entendemos então que, para a sociolinguística, a interação social se dá através da língua, desenvolvendo-se e transformando-se conforme o contexto sócio-histórico. Ela registra, descreve e analisa de maneira sistemática, por meio de pesquisas de campo, as diferentes formas que a língua se apresenta, selecionando a variedade linguística como seu objeto de estudo.

A análise da sociolinguística procura estabelecer a relação entre os processos de mudança que ocorrem na estrutura da língua ao longo do tempo com o processo de variação que se observa na língua em um momento específico.

Calvet (2002, p. 17) afirma que "o tema da língua como fato social" surgiu em paralelo com a linguística moderna, através dos posicionamentos do linguista francês Antoine Meillet (1866-1936), que insistia na "afirmação do caráter social da língua". Meillet é apresentado nas postulações de Calvet como precursor da sociolinguística. Em uma das passagens citadas por Calvet, consta: "Por ser a língua um fato social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social". (MEILLET, 1965, p. 17 *apud* CALVET, 2002, p. 16)

A língua é entendida como matéria social, resultado da interação de sujeitos, é por meio da linguagem que os homens constroem mundos. A mudança do léxico e do sentido das palavras aponta para importantes características da língua: a instabilidade e a mutabilidade, ela muda com o passar dos tempos e com o contexto. Cunha (1991, p. 59) afirma que nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta infinitas diferenciações.

De maneira geral, a sociolinguística se revela enquanto o ramo da linguística que estuda a língua do ponto de vista de sua ligação com a sociedade, seja por um recorte geográfico, social ou histórico. Segundo Roberto Gomes Camacho (1988), as palavras mudam com o passar do tempo e é dessa dinâmica que trata a variação histórica, tendo em vista que as modificações que poderão ocorrer, tanto na grafia quanto no sentido de muitas palavras. Com a ação do tempo, a língua se transforma juntamente com a sociedade. Postula-se que, normalmente, as mudanças linguísticas começam com o falante, sendo ele o principal responsável por ela. Conforme afirmação de Borba (1967, p. 66),

> Uma língua só se transforma através dos tempos porque os falantes introduzem inovações. Uma inovação, porém, só passa para o domínio da língua quando sai do âmbito pessoal ou familiar e se coletiviza. Deve-se a mudança ao indivíduo porque a sociedade não é uma realidade independente desligada de seus membros.

Quando pronunciamos os vocábulos, fazemos escolhas que estão relacionadas ao que ouvimos e lemos no cotidiano. Bakhtin reforça a ideia de que a linguagem se centra como um fator social, que parte das relações interpessoais existentes entre o sujeito falante e a interação social e a partir das diversas situações vividas por este e principalmente com o contato com outros falantes. Em uma relação dialógica e de sentidos, o indivíduo compreende a forma usada em um determinado contexto, porque "[...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial". (BAKHTIN, 2009, p. 95)

Os sentidos ideológicos na formação da língua permeiam na construção também da cultura e identidade, sempre dialogando com o outro.

Nesta concepção, Bhabha declara que o processo de construção de identidades híbridas relaciona-se automaticamente com a alteridade, pois é diante de culturas diferentes que enriquecemos e aprendemos a respeitar e compreender o "outro" com outro olhar.

> A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais ou éticos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença da perspectiva da minoria é uma negociação complexa, em andamento que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (BHABHA, 1998, p. 21).

A investigação de um percurso linguístico combina três perspectivas: sócio-histórica, etnográfica e linguística. Na perspectiva histórica procura-se apresentar a história da comunidade, desde o seu início, pas-

sando pelos deslocamentos geográficos que a mesma fez. Quanto à perspectiva etnográfica, são investigadas as características socioculturais da comunidade como suas festas, práticas religiosas, hábitos e organização econômica. Do ponto de vista da linguística, procura-se focalizar a realidade linguística vivenciada pela comunidade de fala frente à utilização da língua.

O percurso sociolinguístico parte, então, de dados da história de uma comunidade, procurando entender as mudanças sofridas ao longo do tempo, descrevendo sua situação linguística atual e considerando sua heterogeneidade.

3. O estudo diacrônico da língua

O termo diacronia foi introduzido por Ferdinand de Saussure, advindo do método histórico-comparativo. Diacronia vem do grego *dia* que significa através e *kronos* que significa tempo. O estudo diacrônico trata das mudanças que a língua sofre através do tempo. A partir da dicotomia sincronia *versus* diacronia Saussure determina uma distinção entre fatos sincrônicos e fatos diacrônicos: os fatos sincrônicos estabelecem períodos de regularidade num tempo da língua, a diacronia é a sucessão dessas sincronias.

Segundo o autor, a linguística diacrônica, deve distinguir duas perspectivas: uma, prospectiva, que acompanhe o curso do tempo e outra retrospectiva, que faça o mesmo em sentido contrário, daí um desdobramento do método. Assim, cabe a ela estudar as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (Cf. SAUSSURE, 1975, p. 116)

Apesar de Saussure ter estabelecido a sincronia como elemento básico para o estudo de língua, não desprezava a relevância da diacronia. A linguística diacrônica entende a língua como um diassistema[10] e uma estrutura, concebendo-a como fenômeno em evolução, graças ao seu constante e dinâmico funcionamento, uma vez que as línguas se alteram, porque funcionam (MARÇALO, 1992, p. 117), recebendo influências externas.

[10] Um conjunto de sistemas linguísticos, sendo mais ou menos complexo de "dialetos" (variedades diatópicas), de "níveis de língua" (variedades diastráticas) e de "estilos" (variedades diafásicas).

Conforme Saussure (1975), o fenômeno linguístico pode ser examinado a partir do "eixo das sucessões" da diacronia, que repercute todo o sistema, porque as mudanças na língua não se aplicam senão a elementos isolados. Entretanto, não cabe ao individuo essas mudanças, visto que a língua não premedita nada: é espontânea e fortuita. (SAUSSURE, 1975, p. 105)

Vemos então a importância da contribuição dessa ótica levantada pela diacronia nos estudos que envolvem documentos antigos, constatadas as mudanças na língua portuguesa levando em consideração também seus aspectos históricos.

Fala-se em variação diacrônica ou histórica, para designar aquela que sofre transformações com o passar dos anos. Tais mudanças não são repentinas, mas vão ocorrendo progressivamente. "Há geralmente um período de transição, onde encontramos variação sincrônica entre duas ou mais formas concorrentes, acabando uma delas por prevalecer". (FERREIRA et al., 1996, p. 480)

A língua não é um mecanismo constante. Cada pessoa tem uma característica, uma maneira especial de usá-la, preferências por determinadas expressões ou até mesmo algumas palavras. Uma novidade na pronúncia começa por um indivíduo e, logo passa à família, amigos e pessoas próximas, abrangendo o círculo até tornar-se coletivo, que é um efeito que não depende do espaço geográfico, mas do tempo. De acordo com Borba (1967),

> A ação do tempo é, muitas vezes, ajudada pela mudança de língua, por um motivo histórico qualquer (invasão, conquista, migração etc.). Sabemos que os dialetos se formam não só pela diferenciação inerente como também pela transferência da língua. (BORBA, 1967, p. 71)

3.1. A importância do jornal impresso no estudo diacrônico

Pelo documento, ocorre interação entre o pesquisador e o sujeito produtor do texto, na medida em que dois momentos históricos dialogam, interagem com a possibilidade de compreensão de duas épocas distintas, o jornal impresso se insere nessa visão.

Ao se compreender o jornalismo como uma atividade cultural, no viés dialético de construção social da realidade, é preciso reconhecer que ele só encontra legitimidade quando transcodifica e difunde formações

culturais já existentes na sociedade, reproduzindo de forma fiel o que vivencia socialmente.

Na prática da produção jornalística, existem duas espécies características de critérios de noticiabilidade, no processo de significação das notícias: os valores-notícia formais dos elementos institucionais da construção da notícia, integrantes do discurso dos jornais e dos jornalistas enquanto grupo profissional; e os valores-notícia ideológicos, que estão relacionados com o discurso político-moral vigente na sociedade. Desse modo, com as matérias jornalísticas, podemos analisar a transformação da língua em vários aspectos, utilizando os valores empregados pela prática jornalística da época vigente.

A linguagem usada nos jornais demonstra forte presença do híbrido/mestiço, mostrando o empréstimo linguístico e cultural do mundo nos territórios colonizados pela Europa Ocidental, como o Brasil, e, em consequência, também o estado de Rondônia.

Steinberger (2005) afirma que o fato noticioso é capaz de declarar uma marca da perspectiva de realidade dos sujeitos do discurso. Ao escolher como *corpus*, reportagens de três jornais impressos, representativos no estado de Rondônia, será investigado, sob o olhar sociolinguístico, como eles constroem – discursivamente – a língua.

O campo jornalístico é constituído pela ideia de representação da realidade. A compreensão do funcionamento dos textos está vinculada aos fatores sócio-históricos. Nesse caso, é possível acompanhar transformações pelas quais passam os textos e com as variações linguísticas, ambas motivadas pelas ações sociais, culturais, políticas, tecnológicas e históricas. Essas mudanças serão observadas no contexto dos séculos XIX ao XX na história do jornalismo, porque é nesse período que a imprensa conquista a sua funcionalidade como instituição social, contribuindo, inclusive, para as transformações sociais e para o desenvolvimento das ideologias ou "práticas cidadãs".

As modalidades de critérios de noticiabilidade no jornal impresso determinam diversos ângulos de abordagem de uma notícia e redirecionam para os interesses constituídos da instituição "os temas ideológicos adaptam-se de várias maneiras segundo a construção específica que cada organização jornalística escolhe" (HALL, 1981b, p. 231, tradução nossa). As transformações das ideologias e do discurso do sujeito são marcadas na escrita, mesmo quando reproduzidas por outro, no caso, o jornalista.

Para a sociolinguística, o que interessa é o comportamento social que essas normas e ideologias, que são impostas e escritas, podem provocar, desenvolvendo consequências sobre o comportamento linguístico.

4. História da formação de Rondônia

Antoine Meillet, citado por Calvet (2002), defende a ideia de que, para a compreensão da língua e de como ela foi ou é falada e escrita de determinada forma, devemos levar em consideração os fatores externos a ela, pois a linguagem é eminentemente um fato social que reflete os acontecimentos externos.

Portanto, atualmente, num estudo sociolinguístico, é necessária a descrição e a análise social e histórica do objeto de pesquisa; ou seja, é primordial abordar a formação de uma comunidade para se obter um resultado satisfatório.

Por isso, identificar os fatores históricos, como as condições socioeconômicas, a escolaridade e formação de uma região, é imprescindível para o entendimento do funcionamento da língua, pois estas dicotomias são suportes para a boa compreensão da estrutura linguística e da sua concretização na sociolinguística.

Na região Norte, o início do século XX (período da produção dos recortes da pesquisa) foi marcado pela retomada da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) e pelo Ciclo da Borracha, importantes momentos que contribuíram para a formação da população miscigenada de Rondônia.

Pioneiros vindos de diversas regiões do Brasil, sobretudo do Nordeste, aportaram em Porto Velho junto com estrangeiros norte-america-nos, italianos, ingleses, gregos, hindus, espanhóis, portugueses, além de outros vindos de nações centro-americanas como Barbados, Trinidad Tobago, Jamaica, Santa Lúcia, Martinica, São Vicente, Guianas, Granadas e outras ilhas das Antilhas, com os negros denominados barbadianos.

A construção da EFMM deveria facilitar o escoamento da produção de borracha e das exportações bolivianas pelo rio Amazonas até o Oceano Atlântico. Como o trecho encachoeirado dos rios Mamoré e

Madeira impedia a navegação, Brasil e Bolívia vislumbraram a possibilidade de um negócio internacional.

Pelo acordo, o Acre, que pertencia a Bolívia foi incorporado ao território brasileiro. Em contrapartida, o Brasil, além de pagar pelas terras acrianas, cedeu terras no Amazonas e comprometeu-se a construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré para escoar a produção boliviana pelo rio Amazonas.

Desta forma, teve início a construção da EFMM, no final do século XIX. A Madeira-Mamoré Railways Co. Ltda. contratou a empresa inglesa Public Works, que abandonou a empreitada logo no começo. A empresa americana P & T Collins deu sequência ao projeto com trabalhadores norte-americanos, irlandeses, italianos e brasileiros.

A partir deste contexto, deu-se o surgimento de vários seringais que eram muitas vezes instituídos à força a partir da crueldade, ocasionando a morte de muitos seringueiros que estavam sujeitos ao regime de escravidão.

Entretanto, problemas ocasionados pelos ataques de índios e doenças como malária, disenteria, beribéri e pneumonia dizimavam os trabalhadores. A construção da ferrovia foi interrompida em agosto de 1879 para ser retomada em 1907 pela empresa americana May-Jekyll e Rodolph dirigida por Percival Farquar. O estado pode ser considerado um estado cosmopolita[11], que sofreu grande influência dessa obra na história da formação da população rondoniense.

5. *Análise do corpus*

A análise foi realizada a partir de recortes de notícias escritas há quase 100 anos, nas quais se procurou demonstrar as variações ocorridas nos séculos XX e XXI.

Para a análise comparativa da linguagem escrita de 1918 e 1981, utilizamos as bases do Formulário Ortográfico[12] de 1943. Observamos que a ortografia utilizada é anterior à reforma Ortográfica de 01 de se-

[11] Cosmopolita: Cidade em que vivem pessoas de quase todas as partes do mundo.

[12] O Formulário Ortográfico de 1943, aprovado em 12 de agosto de 1943, é um conjunto de instruções estabelecido pela Academia Brasileira de Letras para a organização do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*.

tembro de 1911, a primeira oficial em Portugal que inicialmente não teve a adesão no Brasil, por um longo período os dois países tiveram ortografias diferentes até a aprovação do Formulário Ortográfico de 1943.

Este documento sofreu alterações introduzidas pela Lei 5.7651 de 18 de dezembro de 1971, que regulou a grafia do português no Brasil até 31 de dezembro de 2008 e cujas normas continuam a ser aceitas até 31 de dezembro de 2015.

Portanto para a análise da evolução da língua de 1918 até nossos dias, utilizaremos as bases desse acordo, uma vez que a nova normatização só entrou vigor agora, em 2016. Para isso apresentaremos as bases do Formulário Ortográfico de 1943 e estudaremos as mudanças e fenômenos ocorridos na ortografia, sintaxe, morfologia e semântica, observando os recortes nas figuras abaixo.

Festa de S. Sebastião

O recrutamento

Tivemos opportunidade de desmentir o boato que por aqui teve curso, chegando até aos seringais afastados, de que o governo mandara proceder ao recrutamento com o fim de preencher claros nos batalhões do Exercito e augmentar o numero de soldados.

Desmentimos tal bôato, affirmando o nenhum fundamento dessa noticia alarmante, porque tinhamos absoluta certeza da sua inexactidão.

Um telegramma que publicamos no nosso numero de 27 de janeiro, teve o

Fig. 1- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 24 de janeiro de 1918

Fig. 2- *Jornal Alto Madeira* publicado em 24 de janeiro de 1918

A enchente

A enchente do Madeira prosegue [illegible] ultrapassando a de 1915.

Já a ponte do Jacy-Paraná, na via ferrea, está sendo batida pela corrente impetuosa das aguas desse rio.

Outros pontos da estrada, como no acampamento 25 e na grande tangente do jurumal, estão prestes a ser invadidos pelas aguas, que crescem sempre e sempre. Estamos ainda em fins de fevereiro, e o Madeira enche até abril.

Imagine-se, si o rio continuar a subir como até agora, quantos males não vão soffrer a região.

Fig. 3- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 28 de janeiro de 1918.

Boatos infundados

Consta-nos que pelos [illegible] interiores, corre nos seringais o boato de que nesta villa se está perseguindo os recrutados, por ordem da guerra.

A' vista disto, os seringueiros têm receio de trabalhar, acreditando nas noticias propaladas.

Volemos afirmar que tal noticia é inverdade, porquanto, nesta villa todas garantias constitucionaes são asseguradas a quantos aqui residem e nos visitam.

Tal providencia não existe e, todos quantos aqui quizerem ver, nada soffrerão, pois que a liberdade é ampla e todo cidadão de bom procedimento.

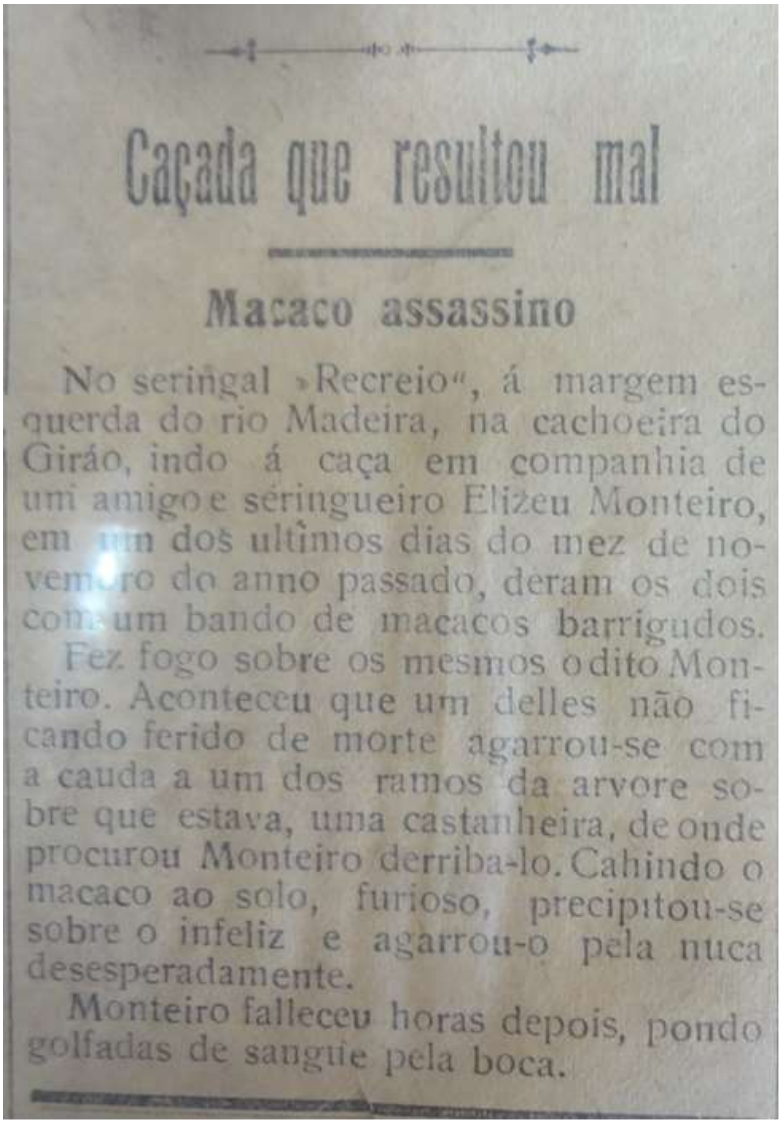
Notas e informações

A Madeira Mamoré Railway Company communica-nos que as 24 horas de hontem atrazou o relogio official da mesma Companhia, 20 minutos.

O primeiro secretario do «Porto Velho Foot-Ball Club», teve a gentileza de communicar-nos que em sessão de 18 do andante, ficou assim constituida a directoria que tem de gerir os destinos da mesma agrremiação durante o presente anno: Presidente, Americo Pinto da Silva; 1.º secretario, Alexandre Alberti; 2.º secretario, Pedro Nery; thesoureiro, Joaquim Malheiros; captain geral, Camillo Azeltona; captain instructor, João C. dos Santos, e referi, Cicero Menezes.

Fig. 4- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 14 de março de 1918

Fig. 5- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 17 de janeiro de 1918



Caçada que resultou mal

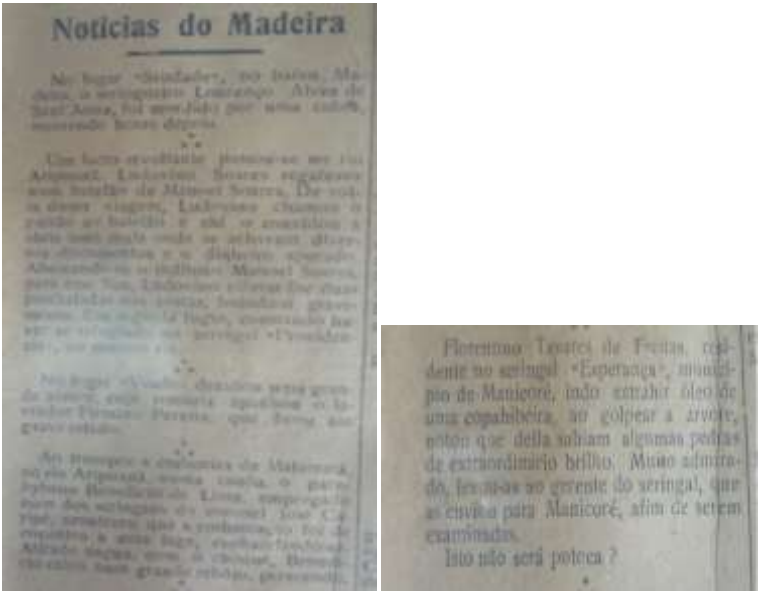
Macaco assassino

No seringal »Recreio«, á margem esquerda do rio Madeira, na cachoeira do Giráo, indo á caça em companhia de um amigo e séringueiro Elizeu Monteiro, em um dos ultimos dias do mez de novembro do anno passado, deram os dois com um bando de macacos barrigudos.

Fez fogo sobre os mesmos o dito Monteiro. Aconteceu que um delles não ficando ferido de morte agarrou-se com a cauda a um dos ramos da arvore sobre que estava, uma castanheira, de onde procurou Monteiro derriba-lo. Cahindo o macaco ao solo, furioso, precipitou-se sobre o infeliz e agarrou-o pela nuca desesperadamente.

Monteiro falleceu horas depois, pondo golfadas de sangue pela boca.

Fig. 6 -Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 14 de março de 1918



Noticias do Madeira

Florentino Teixeira de Freitas, residente no seringal «Esperança», município de Manicoré, indo extrahir óleo de uma copahibeira, ao golpear a arvore, notou que della sahiam algumas pedras de extraordinario brilho. Muito admirado, levou-as ao gerente do seringal, que as enviou para Manicoré, afim de serem examinadas.

Isto não será poteca ?

Fig. 7- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 14 de março de 1918

Inundações de ontem causaram prejuizos

Toda a capital sentiu reflexos da tempestade que durou mais de quatro horas ontem de madrugada. As baixadas ficaram inundadas, assim como varios pontos centraes, de Porto Velho. Os prejuizos no comercio e mesmo nas residencias foram incalculaveis. Muitos moradores receberam ajuda do Corpo de Bombeiros.

A guerra maior, esta com relação as casas entupidas que há muito tempo não recebe reparos. Isto em carta assinada de Capital colaborou com as inundações. No bairro São Cristovão, a Escola Carlos Costa soffreu uma violenta inundação que acarretou prejuizo de mais de 60 mil cruzeiros para aquele educandario. Pg 3

Fig.8 – Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 10 de março de 1918

Boatos e boateiros

Fig. 9- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 28 de fevereiro de 1918.

Inundações de ontem causaram prejuízos

Na escola Carlos Costa, as águas atingiram dezenas de metros quadrados

Toda a capital sentiu reflexos da tempestade que durou mais de quatro horas ontem de madrugada. As ferrovias ficaram inundadas, assim como vários pontos centrais de Porto Velho. Os prejuízos no comércio e mesmo nas residências foram incalculáveis. Muitos moradores receberam ajuda do Corpo de Bombeiros.

A quem mais, ainda com relação às vítimas entupidas que foi muito tempo não recebe reparos. Isto um certo setores da Capital colaborou com as inundações. No bairro São Cristóvão, a Escola Carlos Costa sofreu uma violenta inundação que, acarretou prejuízo de mais de 60 mil cruzeiros para aquele estabelecimento. Pg 3

Fig.10- Recorte jornal *O Estadão do Norte* publicado em 06 de abril de 1981.

Tentou enforcar irmã dentro da própria casa

O rapaz, JURANDIR RODRIGUES DE LIMA, que reside no Ipase Novo, nº 301, tentou matar sua irmã, Arary Rodrigues de Lima, com apoio e participação, sendo que depois de correrem a enforcá-la, querendo acabar de uma vez com a sua vida.

Segundo uma das testemunhas, o JURANDIR vem a muito tempo ameaçando fazer algo de mal para sua irmã, sendo que ontem, ele não se contrariou mais e foi para sua residência e em primeiro consegue a desacatá-la e agredindo-a. COmo não se conformava com os maus e os apoio, o JURANDIR matou a mão no pescoço e tentou enforcá-la, dizendo que iria matá-la.

POLICIA FAZ DILIGÊNCIAS PARA CAPTURAR

Depois de equipada a Tentativa de Homicídio, o comissário da 2a. DP, colocou os seus a rastrear na rua, para capturar e levá-lo, por que ele não é gente que se chama bem, sendo uma pessoa que tenta contra a vida de qualquer elemento é tido como um perigoso marginal não podendo andar solto pela Cidade.

Santo Antonio: festa em preparativos

A mais antiga igreja de Porto Velho, a Santo Antonio e tradicional pelos seus fieis e costumes realizados a 13 de junho, dia do padroeiro da igreja e popularmente o santo é conhecido como arranjador de casamentos, além de ser o esperança de solteiras.

Como parte das comemorações da Festa de Santo Antonio, diversas as fieis são abordadas pelas, sendo que no seu passado a população nativa cerca de três mil pessoas. Centenário em 1973, a pequena igreja marca a história de Porto Velho, pois foi ali que a cidade nasceu.

Apesar de boa vontade da população e fieis do recurso tem sido a principal preocupação da igreja, pois devido a sua é impossível conservar suas instalações em bom estado de conservação, sem que ocorrerão melhorar as igrejas de fieis.

Segundo a pioneira Lily Tabosa, que a mais de 30 anos tem cuidado da igreja de Santo Antonio, atualmente são feitas muitos casamentos no dia 13 de junho e esperam que este ano a moral volte a crescer. Aos fieis que não poderão entrar em contato com D. Lily Tabosa na igreja de Santo Antonio.

Algo mais apenas o antigo piano, pois os castiçais de prata e outros objetos antigos foram roubados. Com a reconstrução da estrada de ferro Madeira-Mamoré a população da igreja sendo reduzida, pois a estrada passa pelo local e consequentemente muitos fieis são convocar a ultrapassá-la.

Fig.11- Recorte jornal *O Estadão do Norte* publicado em 08 de abril de 1981.	**Fig.12- Recorte jornal *O Estadão do Norte* publicado em 05 de abril de 1981.**

5.1. Bases do acordo ortográfico de 1943

O acordo Ortográfico de 1943 estabelece as seguintes bases:

- **Base I** – Alfabeto: determina a composição do alfabeto português com 23 letras, permitindo o emprego das letras K, W e Y apenas em casos especiais.

- **Base II** – K, W, Y: apresenta as mudanças gráficas de termos que até então empregavam essas letras – k por qu (antes de *e* e i) ou por c (antes das outras vogais). O w, substituído por v ou u, de acordo com seu valor fonético. O y substituído sempre por i. As únicas exceções foram as letras que compõem abreviaturas internacionais ou fazem parte de antropônimos estrangeiros. Exemplos retirados dos textos do jornal Alto Madeira: *anonymo*, (Figura 3), foi substituído por anônima.

- **Base III** – H: esta letra passou a ser conservada apenas no princípio das palavras cuja etimologia o justificasse nos dígrafos ch, lh e nh, em interjeições e nos compostos com hífen. Foi abolido em compostos sem hífen.

Vimos nos textos em análise, palavras grafadas com a letra "h", como por exemplo: *cahindo* (anexo 5), substituído por caindo e *hontem* (anexo 6), por ontem, *esphacelando-se* (figura 7), por esfacelando-se, *copahibeira* (figura 8), por copaibeira.

- **Base IV** – Consoantes mudas: extinção completa de quaisquer consoantes que não se proferissem, ressalvadas as palavras que tivessem variantes com letras pronunciadas ou não.

- **Base V** – SC: eliminação do sc no início das palavras e manutenção apenas quando os vocábulos já estivessem formados. Não foram identificadas palavras iniciadas com SC nas matérias pesquisadas.

- **Base VI** – Letras dobradas: permanência dos grupos rr e ss com som único e do grupo cc (ou cç) com sons distintos.

Encontramos um grande número de palavras grafadas com letras dobradas, nos textos em análise, como por exemplo: *offerecimento* (Figura 1), *opportunidades*, *affirmando* (Figura 02), *delles*, *falleceu* (Figura 5), *villa*, *alli*, *alludindo* (Figura 9).

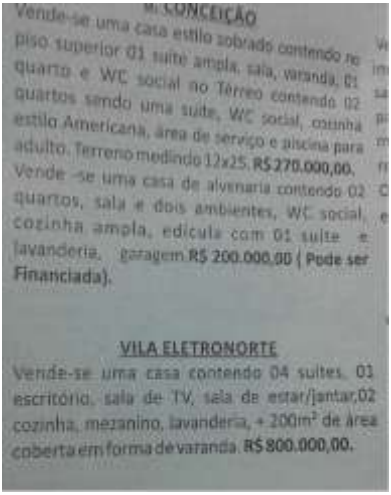
- **Base VII** – Vogais nasais: fixação da grafia dessas vogais.

- **Base VIII** – Ditongos: regras para a grafia de ditongos orais e nasais.
- **Base IX** – Hiatos: uso de oe e ue nos verbos terminados em oar e uar na 1ª, 2ª e 3ª do singular do subjuntivo.
- **Base X** – Parônimos e vocábulos de grafia dupla: fixação de grafias de e/i, o/u, c/q, ch/x, g/j, s/ss/c/ç, s/x, s/z e com os vários valores fonéticos do x. Observamos mudanças na grafia de palavras com S, como por exemplo: *mez* (Figura 5), *atrazou* (Figura 6).
- **Base XI** – Nomes próprios: regras do Formulário para aportuguesamentos e nomes próprios. Ressalva ao direito de manter a grafia original dos nomes próprios de pessoas e empresas. Exceção feita aos topônimos de tradição histórica, tais como "Bahia".
- **Base XII** – Acentuação gráfica: regras para grafar os acentos nas oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Exemplos de como eram grafados: *Cêrca* (Figura 1), *vitima* (Figura 9), percebe-se que não havia regras para acentuação.
- **Base XIII** – Apóstrofo: apenas para supressão de letras em versos, reprodução de pronúncias populares, supressão de vogais em palavras compostas com consagração pelo uso, como em d'oeste", d'alho", "d'arco", etc.
- **Base XIV** – Hífen: uso de hífen em verbos e palavras compostas com prefixos e sufixos, além de verbos.
- **Base XV** – Divisão Silábica: determinou que a separação silábica devesse ser feita pela soletração e não mais pela etimologia.
- **Base XVI** – Emprego das iniciais maiúsculas: apresentou as regras para o uso de maiúsculas, excluindo-o para meses do ano, pontos cardeais, nomes de povos e nacionalidade.
- **Base XVII** – Sinais de pontuação: uso das aspas (aspas americanas), do parêntesis, do travessão e do ponto final.

5.2. Aspectos culturais, morfológicos, sintáticos e semânticos

As mudanças operadas na língua partem das mudanças no homem. Assim sendo, a língua não é apenas um instrumento ou um meio de comunicação qualquer; se manifesta como prática social. Nas matérias

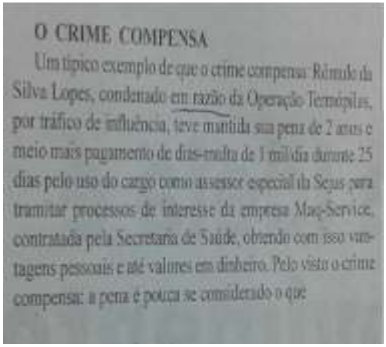
jornalísticas, notamos as características das práticas sociais e das variações ocorridas na língua, como podemos observar nos recortes em forma de figura a seguir.


Vende-se uma casa estilo sobrado contendo no piso superior 01 suite ampla, sala, varanda, 01 quarto e WC social no Térreo contendo 02 quartos sendo uma suíte, WC social, cozinha estilo Americana, área de serviço e piscina para adulto. Terreno medindo 12x25. R$ 270.000,00.
Vende -se uma casa de alvenaria contendo 02 quartos, sala e dois ambientes, WC social, cozinha ampla, edícula com 01 suíte e lavanderia, garagem R$ 200.000,00 (Pode ser Financiada).

VILA ELETRONORTE

Vende-se uma casa contendo 04 suítes, 01 escritório, sala de TV, sala de estar/jantar,02 cozinha, mezanino, lavanderia, + 200m² de área coberta em forma de varanda. R$ 800.000,00.

Fig. 13 –Recorte *Jornal Diário da Amazônia* publicado em 17 de março de 2015.


O CRIME COMPENSA

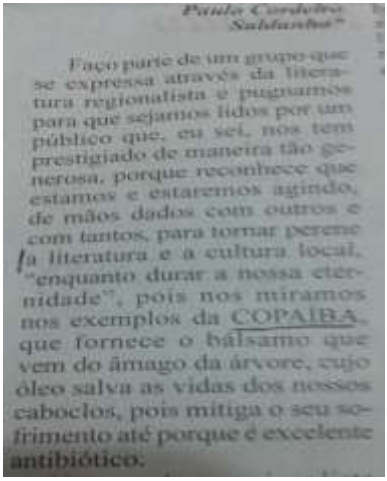
Um típico exemplo de que o crime compensa: Rômulo da Silva Lopes, condenado em razão da Operação Termópilas, por tráfico de influência, teve mantida sua pena de 2 anos e meio mais pagamento de dias-multa de 1 mil dia durante 25 dias pelo uso do cargo como assessor especial da Sejus para tramitar processos de interesse da empresa Maq-Service, contratada pela Secretaria de Saúde, obtendo com isso vantagens pessoais e até valores em dinheiro. Pelo visto o crime compensa: a pena é pouca se considerado o que

Fig.14- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 17 de março de 2015.

Bolsa Família

O Programa Bolsa Família não sofrerá com o ajuste fiscal proposto pela área econômica do governo federal para este ano, segundo a ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello. Ela explica que o custo anual do programa, que atende a cerca de 14 milhões de famílias, é R$ 27 bilhões.

"Isso dá menos de 0,5% do PIB [Produto Interno Bruto, que é a soma de todos os bens e serviços produzidos no país]. Com menos de 0,5% do PIB, complementa-se a renda de 14 milhões de


Paulo Cordeiro Salvarão*

Faço parte de um grupo que se expressa através da literatura regionalista e pugnamos para que sejamos lidos por um público que, eu sei, nos tem prestigiado de maneira tão generosa, porque reconhece que estamos e estaremos agindo, de mãos dadas com outros e com tantos, para tornar perene a literatura e a cultura local, "enquanto durar a nossa eternidade", pois nos miramos nos exemplos da COPAIBA, que fornece o bálsamo que vem do âmago da árvore, cujo óleo salva as vidas dos nossos caboclos, pois mitiga o seu sofrimento até porque é excelente antibiótico.

Fig. 15- Recorte jornal *O Estadão do Norte* publicado em 17 de março de 2015.	**Fig. 16 - Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 17 de março de 2015**

O tratamento cultural dado às matérias evidencia a história do ser rondoniense, sustentada por essa formação ideológica, destaca-se a representação cultural/identitária existente em Rondônia no recorte do (Figuras 2 e 12), matéria que fala sobre "A festa de São Sebastião", que remete à representação cultural de festa junina e a missa marca a instituição religiosa do catolicismo advinda da miscigenação de povos que migraram para o Estado.

Questões identitárias dos trabalhadores do período (do caboclo, índio) e o imaginário construído sobre a Amazônia são perceptíveis na frequência de matérias que narram acontecimentos nos seringais, nas florestas, vilas, cachoeiras, garimpos e nos ataques de animais como macacos, onças e cobras (Figuras 5 e 8).

Nas notícias de 2015, percebeu-se a transmissão de um efeito de sentido que dá à narrativa noticiosa um aspecto de credibilidade e imparcialidade. Em algumas matérias o "sujeito jornalista" por meio de marcas linguísticas simula o distanciamento e fidelidade à realidade dos fatos, como por exemplo, a utilização da terceira pessoa dando a ideia de que o próprio assunto se autoapresenta.

É dominante a utilização de adjetivação das matérias, e marcas do "sujeito jornalista", como ocorre nos recortes "*perigoso", "marginal", "não é gente que cheire bem"* (Figura 11), *"revoltante"* (Figura 7) e fenômenos como a ironia e o discurso direto e indireto que traz marcas linguísticas ou tipográficas que indicam a heterogeneidade.

Nota-se a utilidade informativa social do jornal que marca período do trabalho na Estrada de Ferro, no recorte "*A Madeira Mamoré Railway Company communicou-nos que às 24 horas de hontem atrazou o relógio official da mesma Companhia, 20 minutos"* (Figura 6).

O trecho acima traz marcas históricas do período da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e a utilização temporal no jornal impresso, que era produzido diariamente e impresso à noite, mas sua distribuição ocorria somente no dia seguinte, ou seja, o "ontem" era escrito no "hoje" e distribuído no "amanhã", de forma a dar atualidade aos fatos.

Os problemas sociais são retratados nas notícias em todos os períodos analisados, como ocorre nos recortes "*A enchente*" de 1918 (Figura 3) e *"Inundações de ontem causam prejuízo*" de 1981 (*Figura 11*), situações que continuam provocando transtornos.

5.2.1. Aspectos morfológicos

1918	2015
Promovem *taes* boatos... (Figura 9)	Produtos *tais* como, arroz, feijão.
Chegando até *aos seringaes* afastados... (Figura 1)	Os trabalhos nos *seringais*.

5.2.2. Aspectos sintáticos

1918	2015
...nesta *villa* se está procedendo ao recrutamento, *por efeito da* guerra. (Figura 4)	*Vila* Eletronorte (Figura 15) Condenado *em razão* da Operação. (Figura 14)
Tal providencia não existe e, todos quantos quiserem vir, nada *soffrerão*, pois que a liberdade *é ampla* a todo cidadão *de bom* procedimento. (Figura 4)	O programa Bolsa Família não *sofrerá* com o ajuste fiscal. (Figura 13) Sempre foi de *boa índole*.

5.2.3. Aspectos semânticos

1918	2015
Amantes de *coscuvilhices* promovem certamente taes boatos. (Figura 9)	O grupo retorna do dia 24 com "A Formiga *Fofoqueira"*
Um delles não ficando *ferido de morte* (Figura 5)	Apesar da violência dos ataques, Ulian não corre *risco de morrer*.

6. Considerações finais

Portanto, nota-se que a luta pela concepção social da língua vem de longos percursos. A sociolinguística continua buscando a efetivação de práticas que valorizem a diversidade linguística, e, consequentemente, a identidade cultural, expressa em cada ato de comunicação.

Discorreu-se, inicialmente, sobre o percurso teórico da concepção social da língua, a partir de considerações que enfatizaram a relação entre língua, sociedade e cultura, nas diversas manifestações linguísticas, observadas no estudo diacrônico na escrita das matérias jornalísticas, uma vez que, apresentam as identidades culturais dos indivíduos.

Nessa perspectiva, por meio de matérias em jornais impressos, foi possível analisar a realidade sociocultural e linguística da região e perceber quais aspectos históricos influenciaram as variações apresentadas,

mostrando o dinamismo da língua e a importância de estudos que a definem como objeto científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem.* 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística.* São Paulo: Contexto, 2014.

BRIGHT, William. (Org.). *Sociolinguistics.* Haia: Mouton, 1966.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística*: uma introdução crítica. Trad.: Marcos Maciolino. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. A variação linguística. In: ___. *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo: SE/CENP, 1988, v. 3, p. 29-41.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad.: Heloisa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. Trad.: da Introdução: Gênese Andrade. 4. ed. 1. reimpr. São Paulo: USP, 2006.

CUNHA, Celso. *Uma política do idioma.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

FARACO, Carlos Alberto et al. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, Djane Antonucci. (Org.). *A relevância social da linguística*: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2007, p. 21-50.

FISHMAN, Joshua A. *Language in Sociocultural Change.* Essays by Joshua A. Fishman selected and introduced by Answar S. Dil. Standford (California): Standford University Press, 1972.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LABOV. William. *Padrões sociolinguísticos.* Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARÇALO, Maria João Broa Martins. *Introdução à linguística funcional*. Lisboa: ICALP, 1992.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. As variações ortográficas do século XIX. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, vol. 34, n. 34, p. 57-64, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

STEINBERGER, Margareth Born. *Discursos geopolíticos da mídia:* jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: Educ/ FAPESP/Cortez, 2005.

ESTUDO FILOLÓGICO E COMPARATIVO DE CARTAS RÉGIAS SETECENTISTAS

Kênia Maria Correa da Silva (UFMT)
kenya_maria@hotmail.com
Elias Alves de Andrade (UFMT)
elias@cpd.ufmt.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo o estudo filológico e comparativo de duas cartas régias manuscritas setecentistas. A 1ª via datada de 6 de outubro de 1740 e a 2ª via de 26 de outubro de 1740, ambas escritas em Lisboa pelo rei Dom João V e pertencentes ao Arquivo Público de Mato Grosso – APMT. Foram realizadas as edições fac-similar e semidiplomática, observações das variações existentes entre elas e a descrição de aspectos linguísticos referentes ao português brasileiro. Esta atividade está vinculada à área de estudos linguísticos do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem – da Universidade Federal de Mato Grosso – PPGEL/UFMT e aos projetos de pesquisa "Estudo do português em manuscritos produzidos em Mato Grosso a partir do século XVII" e "Para a História do Português Brasileiro – Mato Grosso – PHPB-MT".

Palavras-chave: Filologia; Edições; Cópias, Português Brasileiro.

1. Introdução

A filologia, em grego significa *philos*: amigo e *logia*: palavra, etimologicamente deriva do grego *philologia*, as, que significa "necessidade de falar, conversação" e do latim *philologia*, e quer dizer "amor as letras, instrução, literatura, palavrório, erudição". Pode ser explicada também como afirma Segismundo Spina (1977, p. 61) que, "[...] do amor à palavra nasceu a ciência filológica".

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (2009, p. 224), por sua vez, define a filologia em duas direções, uma, *lato sensu*, e outra, *stricto sensu*. A primeira, diz ser o estudo da língua em sua plenitude, linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico no tempo e no espaço, tendo como objeto o texto escrito literário e não literário, manuscrito e impresso. Já a segunda, assegura que a filologia se concentra no texto escrito, primordialmente literário, antigo e moderno, manuscrito e impresso, para estabelecê-lo, fixá-lo e restituí-lo a sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado.

Entretanto, ressalta-se que uma das características mais incitantes da filologia é a sua transdisciplinaridade, pois, para que se fixe o texto, são necessárias outras áreas do conhecimento, em especial as que têm impacto direto sobre a atividade do filólogo ou crítico textual, tais como a paleografia, a codicologia, a diplomática, a bibliografia material, a história, a linguística, a linguística histórica e outras que se debruçam sobre textos do passado, em conformidade com César Nardelli Cambraia (2005, p. 22-23).

Dessa forma pretende-se neste trabalho, sob o viés filológico, realizar as edições fac-similar e semidiplomática, observações das variações existentes entre as cartas e a descrição de aspectos linguísticos referentes ao português brasileiro.

2. Tipos de edição

Há diversas formas de tornar um texto acessível ao público, editar um texto consiste em reproduzi-lo, segundo Segismundo Spina (1977, p. 77). A escolha de um dos tipos de edição para ser aplicado a um texto exige especial reflexão do critico textual, pois cada uma tem características muito próprias e distintas. Por isso, dois aspectos devem ser observados: o público-alvo e a existência de edições anteriores. César Nardelli Cambraia (2005, p. 90) assegura que os tipos de reprodução ou edição diferenciam-se pelo grau de mediação do editor ou crítico textual.

Logo, a edição fac-similar e a semidiplomática apresenta um grau médio de mediação do estudioso, pois é uma tentativa de melhoramento do texto. Neste tipo de edição desdobram-se as abreviaturas e realizam-se conjecturas, dentre outras intervenções do editor. A edição que possui o maior grau de mediação do crítico é a interpretativa, afirma César Nardelli Cambraia (2005, p. 97), que esse tipo de edição é onde ocorre "[...] o grau máximo de mediação admissível", pois o texto passa por um forte processo de uniformização gráfica para ser apresentado de forma acessível a um público amplo.

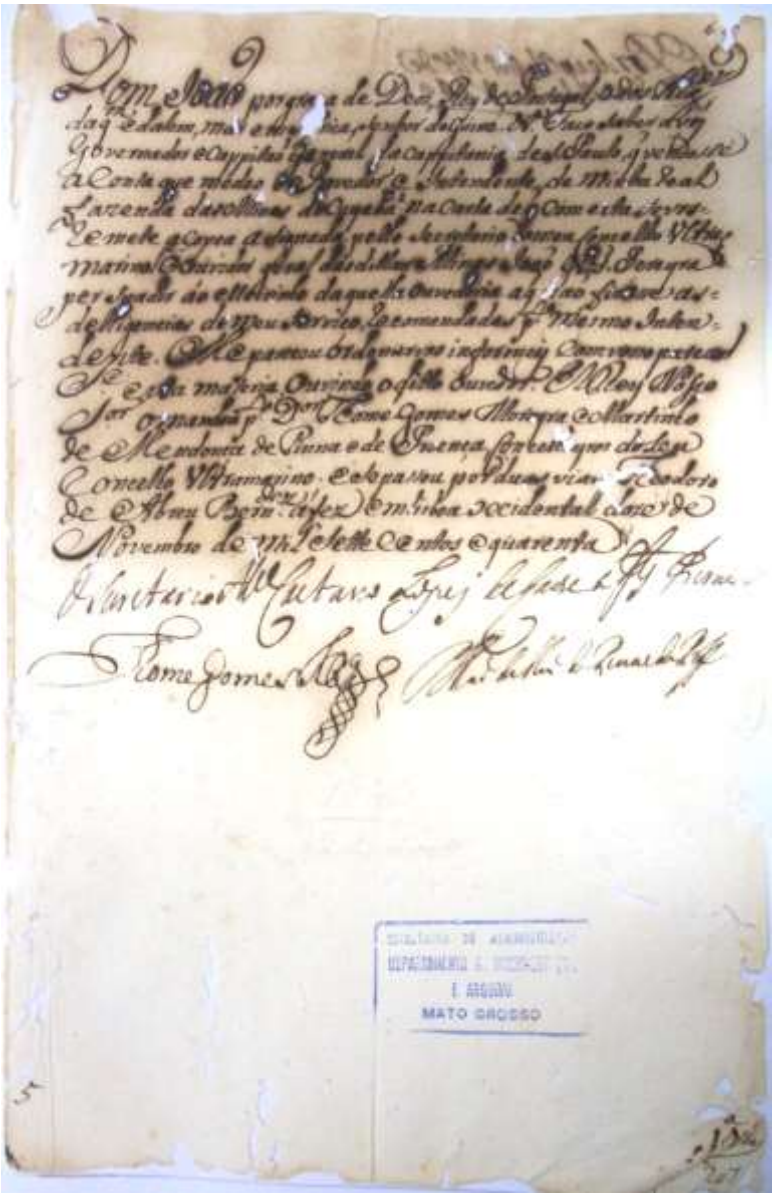
2.1. Critérios de transcrição para a edição semidiplomática

Para a edição semidiplomática, serão utilizados, com algumas adaptações, os critérios de edição estabelecidos no II Seminário para a História do Português Brasileiro, realizado no período de 10 a 15 de maio

de1998, em Campos do Jordão, São Paulo. (TOLEDO NETO & MEGALE, 1996, p. 11)

- A transcrição será conservadora, ou seja, reprodução do texto em um novo suporte material, procurando-se reproduzir na medida do possível, cada característica do modelo;
- As linhas, na edição, são enumeradas continuamente de cinco em cinco uniformizando o texto à margem direita da mancha, ou à esquerda do editor;
- As abreviaturas serão desdobradas e marcadas em itálico as partes suprimidas;
- A pontuação e a acentuação original serão mantidas;
- As fronteiras de palavras serão conservadas como no original;
- As letras maiúsculas e minúsculas serão mantidas como no original;
- As leituras por conjectura, sem probabilidade de erros, das lacunas existentes por deterioração do documento, ou por outro motivo qualquer, estão entre colchetes [ ].
- As intervenções de terceiros são indicadas entre chaves {}.
- As lacunas existentes por deterioração do documento ou dificuldade de decifração da letra ou palavra sem possibilidade de lição segura por conjectura ou inferência, serão indicadas com ilegível entre colchetes [ilegível].
- A ortografia será mantida na íntegra, não se efetuando nenhuma correção e/ou atualização gramatical;
- A assinatura será indicada por diples simples < >.

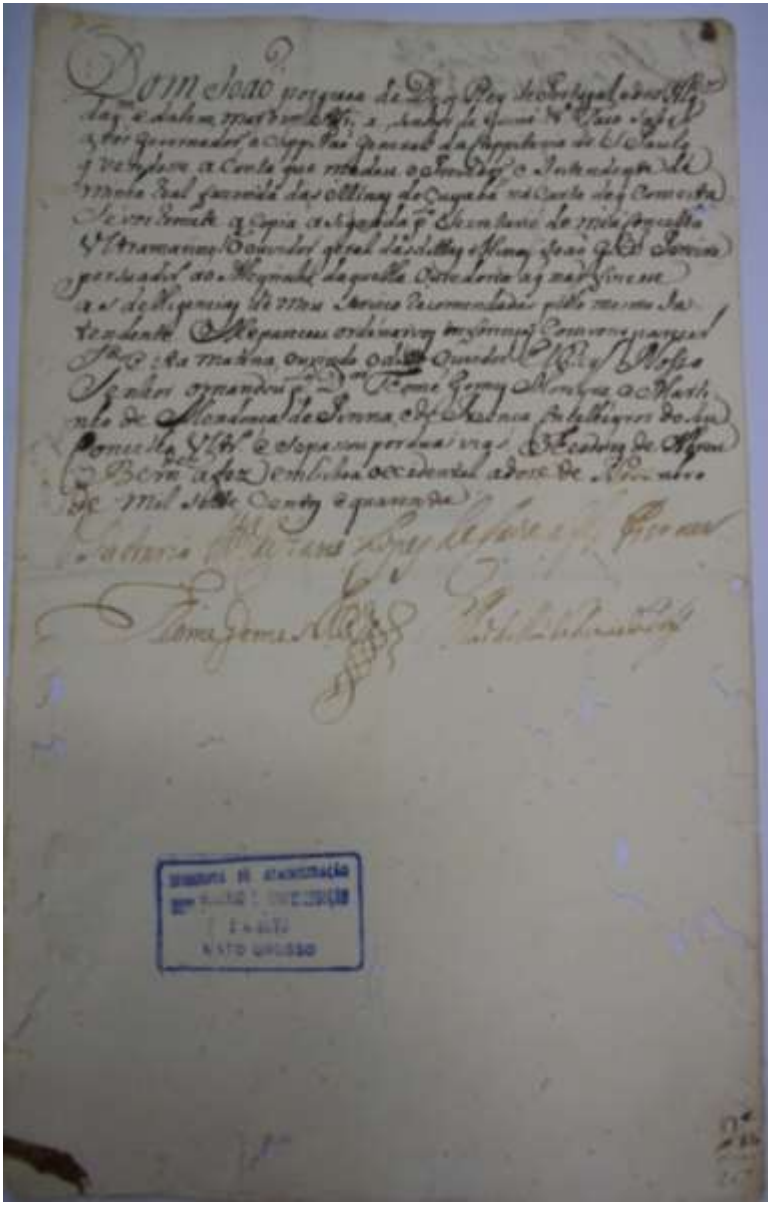
MS 1r



Transcrição - MS 1 Fólio 1r	
IDENTIFICAÇÃO	Arquivo Público do Estado de Mato Grosso
ASSUNTO	Carta do Rei de Portugal Dom João ao Governador da Capitania de São Paulo sobre diligências e as contas da real fazenda nas minas do Cuiabá.
LOCAL	Lisboa
DATA	12 de novembro de 1740
ASSINATURA	Ideógrafo

1	Dom Ioaó por gra[ç]a deDeos, Rey dePortugal, e dos Alg*ar*vez,
	da q*ue*m e dalem, mar em [Af]rica, senhor de Guine. [ilegível] Faço saber a vós
	Governador e Cappitaó General da cappitania de S*aó* Paulo, q*ue* vendosse
	aconta que medeu oProvedor, e Intendente de Minha real
5	fazenda das Minas do Cuyabá na carta de q*ue* com esta se vos=
	remete acopea asignada pello secretario domeuConcelho Ultra
	Marino/ OOuvidor geral das dittas Minas Ioaó Gonça*lves* Pereyra
	persuadir á o Meirinho daquella Ouvedoria a q*ue* naó fizesse as=
	delligencias de Meu Serviço, recomendadas p*ell*o Mesmo Inten=
10	dente. Me pareceu ordenar vos informeis com vosso parecer
	So*br*e esta materia, Ouvindo o ditto ouvidor. ElRey Nosso
	S*enh*or omandou p*e*lo D*out*or Thome Gomes Moreyra e Martinho
	deMendonça de Pinna e de Proença, Concelheyros doSeu
	Concelho Ultramarino; ese passou por duas vias Theodoro
15	deAbreu Bern*ar*dez a fez em lisboa occidental doze de
	Novembro de Mil Sette centos e quarenta
	OSecretario M*anu*elCaetano Lopes deCrauze afez [ilegível]
	<TomeGomes [ilegível]>
20	<Ma*nu*el deMen*donca* [ilegível]> {1ª Via} {2 0}

MS 2



Transcrição - MS 2 Fólio 1r	
IDENTIFICAÇÃO	Arquivo Público do Estado de Mato Grosso
ASSUNTO	Carta do Rei de Portugal Dom João ao Governador da Capitania de São Paulo sobre diligências e as contas da real fazenda nas minas do Cuiabá.
LOCAL	Lisboa
DATA	12 de novembro de 1740
ASSINATURA	Ideógrafo

1	Dom Ioaó por gra[ç]a deDeos, Rey dePortugal, e dos Alg*arv*ez,
	da q*ue*m e dalem, mar em [Af]rica, senhor de Guiné. [ilegível] Faço saber
	a vós Governador, e Cappitaó General da cappitania de S*aó* Paulo,
	q*ue* vendosse aconta que medeo oProvedor, e Intendente de
5	Minha real fazenda das Minas do Cuyabá na carta de q*ue* com esta
	Se vos remete acopia asignada p*el*lo Secretario demeuConcelho
	Ultramarino/ Oouvidor geral das dittas Minas Ioaó Gonça*lves* Pereira
	persuadir á o Meyrinho daquella Ouvedoria a q*ue* naó fizesse
	as delligencias de Meu serviço, recomendadas pello Mesmo In=
10	tendente. Me pareceu ordenar vos informeis com vosso parecer
	So*br*e esta materia, Ouvindo o ditto ouvidor. ElRey Nosso
	S*enh*or omandou pelo D*out*or Thome Gomes Moreyra e Marti=
	nho de Mendonça de Pinna, e de Proença, Concelheyros doseu
	Concelho Ult*ramarin*o; esepassou por duas vias Theodoro deAbreu
15	Bern*ar*dez a fez em lisboa occidental adoze de Novembro
	de Mil Sette centos e quarenta.
	OSecretario M*anu*elCaetano Lopes deCrauze afez [ilegível]
	<TomeGomes [ilegível]>
20	<Ma*nu*el deMen*donca* [ilegível]>

{1ª Via}

{2 0}

3. *Comentários paleográficos*

O termo paleografia etimologicamente deriva do grego *palaios*, antigo e *graphien*, escrita. Desse modo, é definida como a ciência que estuda as escritas antigas, segundo Madalena Marques Dias e Vanessa dos Santos Bodstein Bivar (2005, p. 12).

Para Segismundo Spina, (1977, p. 18) a paleografia é uma ciência que estuda as antigas escritas e a evolução dos tipos caligráficos em material mole, isto é, em papiro, pergaminho ou papel.

Por sua vez Vera Lúcia Costa Acioli (2003, p. 5) afirma que a paleografia é uma forma de análise de documentos históricos. Ao paleógrafo não cabe apenas ler textos antigos, a ele compete ler, entender, datá-los, identificar sua origem e procedência, sua autenticidade, anotar os erros para fixá-lo e, assim, servir de subsídio para outras ciências que tenham o texto escrito como objeto de estudo. A autora diz, ainda, que o termo "antiguidade" não deve ser compreendido apenas no âmbito da escrita usada no Egito, Ásia e Grécia, mas no sentido de dificuldade de leitura. Pelo fato da escrita antiga apresentar caracteres diferentes dos da escrita atual.

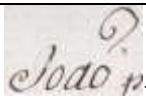
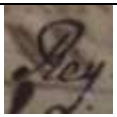
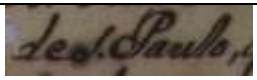
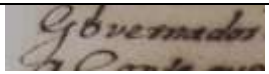
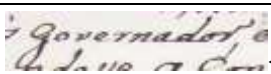
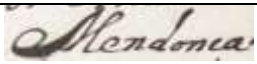
Dessa forma as cartas régias estudadas neste trabalho são datadas de doze de novembro de 1740 e escritas em Lisboa Ocidental, denominação usada por ser a capital mais a ocidente do continente europeu, Portugal. Trata-se de um texto, ideógrafo, escrito de forma corrida com margem esquerda e margem direita curtas. É um *quaterno*, ou seja, um caderno, constituído por um *recto* e um verso escritos e outro *recto* e verso em brancos e não possui parágrafos.

O texto é bem cuidado, com tipo de letra cursiva encadeada, traçada no âmbito da palavra, o escriba ou amanuense é bem instruído, ou seja, é detentor de certo grau de instrução, ou foi "treinado" para escrever, pois a escrita em papel pautado apresenta respeito às margens, homogeneidade e regularidade das letras quanto ao traçado, *ductus*, sem borrões ou rasuras, ordem de sucessão e sentido de seus traços, ângulo relação entre seus traços verticais e a pauta horizontal, módulo sua dimensão em relação à pauta e o peso, a relação entre seus traços finos e grossos.

A escrita, nos documentos manuscritos do século XVIII é classificada, na história da escrita, como Humanística ou Humanista Italiana, aponta Vera Lúcia Costa Acioli (1994, p. 40),

> A escrita humanística foi usada a partir do século XV pelos renascentistas (daí a denominação), quando resolveram reagir contra a escrita Gótica, em fase de decadência e com letras quase irreconhecíveis em comparação com as originais. Na verdade, não passa de uma transcrição, ou melhor, de uma imitação da escrita Carolina, sendo de fácil leitura. O seu uso iniciou-se em Florença, por isso ela também é conhecida como Itálica. É bem traçada, sendo arredondada as suas formas, tendo-se disseminado por toda Europa e sido adotada pela Cúria Romana. É uma escrita minúscula persistindo, contudo, o uso de maiúsculas capitais nos inícios de textos ou de parágrafos.

Como pode ser visto nos exemplos abaixo:

MS 1	MS 2
	<Dom>
	 <Ioaõ>
	<Rey>
	<deS. Paulo
	 <Governador>
	 <Mendonça>

Nestas cartas os próprios manuscritos indicam quem as escreveu, o escriba era Theodoro de Abreu Bernardez, oficial da Secretaria do Conselho Ultramarino.

> ***Conselho Ultramarino; ese passou em duas vias Theodoro deAbreu Bernardez a fez em lisboa occidental doze de Novembro de Mil Sette centos e quarenta***
>
> (MS 1, 14-16)

Provavelmente se trata do mesmo escriba nas duas cartas, pois a grafia é muito parecida, o mesmo possui mãos hábeis, tratando-se possivelmente de pessoa letrada, submetido à instrução formal e utilizava-se do português culto daquele período, pois se trata de carta real, portanto um documento oficial da monarquia.

Nos manuscritos, sob análise, a 1º e a 2º via, possivelmente foram escritas concomitantemente. De acordo com Silvio de Almeida Toledo Neto e Heitor Megale (1996, p. 11), o documento original ou 1ª via comparece, por vezes, ao lado da cópia e, com frequência, a indicação de ser 1ª ou 2ª via ou simplesmente cópia está feita pelo mesmo punho que lavrou o documento ou por outro.

Na 1ª via possivelmente há uma escrita mais bem cuidada, com rebuscamentos as letras são bem escritas e possuem mais arabescos, é mais sofisticada, também se observa algum excesso de tinta já na 2ª via aparenta um traçado mais rápido por isso, menos aprimorado.

4. Variantes do sistema braquigráfico – abreviaturas

Neste *corpus* encontraram-se oito abreviaturas no total, quatro na 1ª via e uma na 2ª via. Foram utilizadas possivelmente devido a rapidez ou descuido na leitura, na escrita e no processo de cópia, economia do papel, da matéria *scriptoria*, estilo do copista, dentre outros. As abreviaturas encontradas são classificadas como sendo síncope com letras sobreposta, ou seja, a supressão de elementos gráficos no interior da palavra. Segismundo Spina (1977, p. 46) assegura que essa abreviatura, quando fixa apenas as letras inicial e final, torna difícil a identificação do vocábulo, então se conservam letras intermediárias chamadas *características*.

MS 1	**MS 2**
• Ultraº (6)	Ultra**marin**o (6)
• plº (9)	p**ell**o (9)
• Sʳ (12)	S**enh**or (12)
• Ultramarino (14)	Ultr° (14)

4.1. Sinais estigmológicos

Pontuação: Foram utilizadas vírgulas nestes dois exemplos no MS 1 mas no MS 2 não foram grafadas.

MS 1 Deos,Rey	MS 2 Deos Rey
S. Paulo, que vendosse	S. Paulo / q vendosse

Separação vocabular: As fronteiras de palavras foram alteradas no MS 1 e no MS 2.

MS 1	MS 2
Se vos = / remete	Se vos remete
as = / delligencias	as delligencias
Inten = / dente	In= / tendente
Martinho	Marti= / nho

4.2. Variantes Ortográficas

MS 1	MS 2
me de**u** (4)	me de**o** (4)
acop**e**a (6)	acop**i**a (6)
Pere**y**ra (7)	Pere**i**ra (7)
Me**i**rinho (8)	Me**y**rinho (8)

Afirma César Nardelli Cambraia (2005, p. 71) sobre o estilo do escriba, que "[...] o elemento-chave da produção do livro manuscrito é certamente o copista". Pois é através deste que podemos captar possíveis variações e mudanças ocorridas na língua diacronicamente.

A respeito das variações encontradas neste *corpus* afirma Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (2009, p. 10), que a variação ortográfica pode revelar possíveis indícios de traços de oralidade e de traços de língua antiga preservados no português brasileiro atual, devido ao estado de dúvida em que se encontravam os escrivães daquela época e a ausência de uma norma ortográfica fixa para a escrita.

Exemplos: me de**u** (MS 1) e me de**o** (MS 2) e acop**e**a (MS 1) e acop**i**a (MS 2)

Uso de i > y era recorrente e deve-se tal uso a influência do período pseudoetimológico da ortografia da língua portuguesa segundo Coutinho (1981, p. 76).

5. A cópia

O corpus utilizado neste trabalho é a carta régia, segundo Heloísa Liberalli Belloto (2002, p. 54), é "[...] documento diplomático, dispositivo normativo, descendente". É uma ordem real, dirigida a uma determinada autoridade ou pessoa e iniciada pelo nome dela. É expedida imediatamente pelo soberano e por ele assinada como Rei (Rainha ou Príncipe Regente) ou por membros de seu conselho.

É composta por três características básicas: (i) o protocolo inicial "Eu El-Rei vos envio muito saudar" ou então "amigo, Eu El-Rei vos envio muito saudar", (ii) o texto comporta o objeto, a razão de ser da carta régia e (iii) o protocolo final a subscrição, Rei ou Rainha ou Príncipe Regente.

Sobre documentos originais manuscritos preservados em mais de um testemunho, ou seja, cópias, afirmam Silvio de Almeida Toledo Neto e Heitor Megale (2006, p. 12) que estas oferecem elementos muito consistentes para análise, ainda que, no caso de duas vias, sejam ambas coincidentes em data, localização e escriba. Por se tratar de diferentes vias escritas em sequência, pelo mesmo punho ou por outro, é possível desfazer certas dúvidas. Portanto é importante pesquisar as cópias, pois, pode-se chegar a várias deduções partindo de diversos documentos com apenas uma via, mas a multiplicidade de cópias pode trazer interessantes revelações.

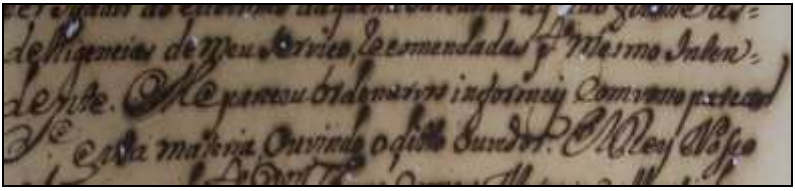
A ocorrência de algum fato interessante, como a utilização de um determinado recurso grafemático que destoa da realidade atual, ou mesmo da de outros escrivães da época, tanto pode ser descuido, como indecisão de quem escreve. Se tal fato pode não se repetir em outra via do documento, ainda pode ser um aspecto próprio do estado de língua da época, no caso de o mesmo fato ser constatado em outros documentos do período. (TOLEDO NETO & MEGALE, 2006, p. 12)

6. Colocação pronominal

Os dois documentos manuscritos foram escritos possivelmente na modalidade do português culto de Portugal, pois se trata de documentos oficiais da monarquia. Possui uma escrita muito semelhante ao português brasileiro atual, possivelmente conserva traços antigos da língua portuguesa no português brasileiro.

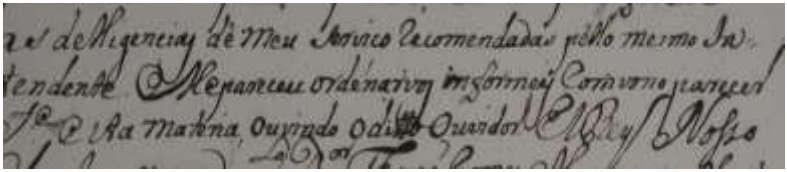
O fenômeno linguístico que se destaca neste *corpus* é a colocação pronominal, pois de acordo com a norma padrão da língua portuguesa não se usa pronome oblíquo átono em início de texto como encontrado nestes documentos.

Exemplos: (MS 1, 9-11):



as=
delligencias de Meu serviço, recomendadas pello Mesmo In= tendente. Me pareceu ordenar vos informeis com vosso parecer Sobre esta materia, Ouvindo o ditto ouvidor. ElRey Nosso

(MS 2, 9-11):



as delligencias de Meu serviço, recomendadas pello Mesmo In= tendente. Me pareceu ordenar vos informeis com vosso parecer Sobre esta materia, Ouvindo o ditto ouvidor. ElRey Nosso

Há a tendência de se localizar esse tipo de colocação pronominal, recorrente no português popular brasileiro, como sendo um fenômeno recente, originado na variedade da língua portuguesa vinda para o Brasil e aqui miscigenada com as diversas línguas indígenas e posteriormente africanas, porém através de documentos antigos como estes testemunhos do século XVIII percebe-se que tal fato já era recorrente no português europeu. Dessa forma afirma Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, (2009, p. 123), que "[...] a resistência do "mito" da conservação ou preservação de traços antigos dentre eles, do período arcaico da língua no português do Brasil, tende a ser confirmada".

Segundo Antony Naro e Maria Marta Pereira Sherre (2007, p. 133), esse tipo de exemplo é fonte para explicar as estruturas já existentes na própria língua portuguesa vindas de Portugal nas suas variantes populares. A língua portuguesa já veio para o Brasil com suas características inapropriadamente denominadas de *crioulizantes*, que aqui floresceram por condições sociais generosas, como uma norma linguística mais branda e flexível. Criada no contexto da existência de *multilinguismo* generalizado e da aquisição do português como segunda língua. Para finalidades diacrônicas a comparação legítima é a que se estabelece entre o português brasileiro popular e o português europeu popular, eliminando a ideia de supostos mecanismos de simplificação ou de aprendizado imperfeito.

Afirma Manoel Said Ali que, (2009, p. 14) "[...] a pronúncia brasileira é diversificada da lusitana daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com o falar dos portugueses". A gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos.

Por fim, percebe-se que esse é um fenômeno linguístico muito utilizado na fala do português popular brasileiro, inclusive em formas consolidadas como em poemas do período literário modernista e músicas populares, por exemplo:

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

(Oswald de Andrade, in SCHUAETZ, 1980, p. 22)

E ainda músicas populares como: “Me dá um dinheiro aí” (Homero Ferreira. Moacyr Franco, Gravadora Copacabana, 1959, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=2_kXuEuJMhY) e “Me dê motivo” (Tim Maia. Álbum Tim Maia ao vivo. 1992, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=avEIJOYUMGc) dentre outros diversos exemplos encontrados nas falas populares brasileiras.

7. Considerações finais

Realizou-se o cotejo de duas cartas régias manuscritas do século XVIII, destacando as variantes contidas entre elas e breve comentário de suas características. A investigação de fontes escritas do passado abre caminho para a reconstrução do percurso da história da língua portuguesa no Brasil e, consequentemente, segundo Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004, p. 70), para a história do português brasileiro.

Realizaram-se a edição fac-similar e semidiplomática, em uma edição fidedigna para servirem de subsídio para estudos futuros. Pois o

trabalho do filólogo e do crítico textual é o de restituir o documento à sua forma genuína preparando o texto para publicação. O texto oferece inúmeras possibilidades de ser estudado e contribui enormemente para diversos estudos, pois é através do trabalho filológico que se torna possível estudar as variações e mudanças da língua portuguesa e da história social brasileira.

Pode-se chegar a várias deduções partindo de diversos documentos com apenas uma via, mas a multiplicidade de cópias pode trazer interessantes revelações como visto nestes dois manuscritos, pois foram encontradas diversas alterações mesmo sendo um *corpus* pequeno.

A variação ortografia pode revelar possíveis indícios de traços de oralidade e de traços de língua antiga preservados no português brasileiro atual, devido ao estado de dúvida, variação linguística e falta de uma norma ortográfica oficial em que se encontravam os escrivães daquela época.

Existem várias discussões em relação ao critério brasileiro da colocação pronominal face ao modelo português. Acreditava-se que fosse um fenômeno linguístico surgido no português brasileiro, mas como visto nestes documentos provavelmente originou-se no português europeu e tornou-se produtivo no Brasil possivelmente devido a uma deriva linguística conservadora. Contudo a linguística moderna pede que tais fenômenos sejam revistos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia*: um guia para a leitura de documentos manuscritos. Apresentação de Leonardo Dantas Silva; prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDAJ, Massangana; UFPE, Editora Universitária, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Aspectos fonético-fonológicos e sistema ortográfico da língua portuguesa: interferências no binômio ensino-aprendizagem da escrita. In: ___. *Diversidade fonética no Brasil*: pesquisas regionais e estudos aplicados ao ensino. Londrina: UEL, 1997, p. 129-143.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*, 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

ANDRADE, Elias Alves de; BARONAS, Roberto Leiser; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Plano de Guerra da Capitania de Matto Grosso Janeiro de 1800.* Cuiabá: Edufmt, 2011.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual.* 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. de. (Org.). *Para a história do português brasileiro*, vol. I: primeiras ideias. São Paulo: Humanitas, 1998.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

DIAS, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. *Paleografia para o período colonial.* CEDHAL, n. 11, São Paulo: Humanitas, 1986, p. 11-37.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas*: manuscritos do século XVI ao XIX**.** 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Silvio de Almeida. (Orgs.). *Por minha letra e sinal*: documentos do ouro do século XVII. Cotia: Ateliê, 2005.

NARO, Antony; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6. ed. melh. e aum. de Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Vogais do falar ribeirinho cuiabano*. 2009. Tese (de livre docência). – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHUAETZ, Jorge. *Oswald de Andrade*: seleção de textos, notas e estudos biográfico, histórico e crítico. São Paulo: Abril Educação, 1980.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução à língua portuguesa do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*: crítica textual. São Paulo: Cultrix, 1977.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Sá de Costa, 1997.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Ortografia nacional*. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Viúva Tavares Cardozo, 1904.